



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (*1.º grau canónico*)

JOSÉ PEDRO OLIVEIRA NOVAIS

Santuário da Penha

Um percurso pela história de fé do povo de Guimarães

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

**Braga
2012**

SIGLÁRIO

AAS Acta Apostolicae Sedis

CCE Catecismo da Igreja Católica

DS Denzinger – Schonmetzer Enchiridion Symbolorum Definitionum et
Declarationum

DV Constituição Dogmática «Dei Verbum»

EN Exortação Apostólica «Evangelii Nuntiandi»

GS Constituição Dogmática «Gaudium et Spes»

LG Constituição Dogmática «Lumen Gentium»

MC Exortação Apostólica «Marialis Cultus»

RM Carta Encíclica «Redemptoris Mater»

SC Constituição Dogmática «Sacrosanctum Concilium»

UR Decreto «Unitatis Redintegratio»

VD Exortação Apostólica pós-sinodal «Verbum Domini»

INTRODUÇÃO

Sentado sobre uma pedra granítica num vale verdejante, o ser humano observa o alto da serra de Santa Catarina. O céu redondo descia para abraçar o seu cume: experiência interior de falar com Deus.

No alto da serra tudo parece ser diferente do ambiente que se vive no seu sopé, é outro ambiente, é um lugar fecundo para um encontro entre Deus e as suas criaturas. Os raios do sol, de dia, espriavam a luz cintilante pelos penedos e pedras dos edifícios; à noite, a lua cheia fazia emergir sombras misteriosas, transformando a beleza em simbologia, mas em dias de nevoeiro e de chuva, o cume da serra cobre-se com uma cortina natural, impedindo os mais curiosos de se maravilharem com a sua beleza.

O bulício das aldeias e cidades levou o homem e a mulher a procurarem um lugar onde pudessem estar com Deus, longe desses ruídos que impedem a escuta de Deus. Assim, conforme se vai subindo a serra, os barulhos dos carros e das máquinas são substituídos pela calma e pela paz, quebrada apenas pelo cantar e voar irrequieto dos passarinhos; os prédios sóbrios e escuros dão lugar a árvores robustas, a pequenas flores, que no meio de uma vasta mata verde, dão pequenos pontos de cor diferente. Aqui respirava-se ar puro. Tudo em redor transmite a “*Pax et bonum*”¹ da Ordem Franciscana.

No cume da serra todos os edifícios existentes não atentavam contra a natureza, antes pelo contrário, estavam inseridos no seu meio em harmonia. O

¹ «A saudação franciscana de "Paz e Bem" tem sua origem na descoberta e na vocação do envio dos discípulos, que São Francisco descobriu no Evangelho e, que ele colocou na Regra dos Frades Menores - "o modo de ir pelo mundo". Lucas (10,5) fala na saudação "A paz esteja nesta casa", e Francisco acrescenta que a saudação deve ser dada a todas as pessoas que os frades encontrarem pelo caminho: S/a, «A saudação de Paz e Bem».

acesso à gruta da Nossa Senhora do Carmo faz-se por entre penedos e caminhos sinuosos que conduzem à estátua do Papa Pio IX, colocada no ponto mais alto da serra.

O templo, por si só, indica o céu, tudo nele aponta o Alto. Ali, o olhar perscruta o transcendente. A cruz de Cristo está desenhada de várias maneiras e a simplicidade das formas manifesta ao ser humano como este deve apresentar-se diante de Deus. O granito áspero é “rei”, contrastando com as paredes da capela-mor, caiadas de branco liso e o seu carrilhão dos sinos convida para a celebração da Eucaristia dominical, de modo a reunir à volta da mesma mesa todos os filhos de Deus, alimentando-os da Palavra e do Pão eucarístico, verdadeiro alimento espiritual de todo o cristão peregrino.

Muitos jovens sentem apelo do Alto: seguir o caminho que leva a uma vida consagrada. As caminhadas de outrora para o alto da serra simbolizavam, na realidade, o chamamento para uma entrega de vida a Jesus Cristo e, por Ele, aos outros. Maria, como mãe atenta, foi ouvindo de muitos jovens preces e foi intercedendo junto de Jesus, para que Ele ajudasse todos a dizer sim ao seu amor.

O fundamento deste trabalho enquadra-se no encerramento do primeiro ciclo de estudos teológicos. Abre-se um outro cuja meta é o testemunho da felicidade do peregrino: levar aos outros a Palavra de Jesus Cristo. A Palavra que se traduz, de igual modo, pela devoção popular demonstrada à Senhora da Penha:

«Doces montanhas do Minho,
Mais parecem um altar
Que terra brava, disposta
A ver as águas rolar
Entre barrancos, à solta,
Sem haver quem as detenha!
Oh meigas sombras d’Igreja

Entre os rochedos da Penha»²!

Neste trabalho, serão abordados e discutidos aspectos teóricos do curso de Teologia. O Santuário da Penha apresenta-se como o tema desta investigação. «Os “santuários”, quase sempre Marianos, elo de ligação entre o Céu e a terra, luzeiros a brilharem no espaço, chamadas de atenção, hoje, mais necessárias para construirmos a “paz” e olharmos para o horizonte com esperança»³. Além disso, será desenvolvida uma investigação que demonstre a importância dos santuários para todos aqueles que os procuram como local de encontro com Deus e consigo mesmos.

Este trabalho apresenta-se dividido em três capítulos: o primeiro é intitulado “Santuário”. Nele se desenvolve como lugar de encontro entre Deus e as suas criaturas; a história do Santuário da Penha propriamente dita e uma breve história da influência do dogma da Imaculada Conceição, desde dos seus primórdios até à sua proclamação, com maior saliência na Diocese de Braga. O segundo capítulo tem como título a “Peregrinação”. Neste âmbito, colocar-se-á em evidência a figura do ser humano como um peregrino. Esta caminhada divide-se em três fases: o desejo íntimo de caminhar, o colocar-se em movimento exterior e o chegar ao tão desejado lugar de encontro. O último capítulo deste trabalho desenvolve a importância dos santuários na vivência da fé nos nossos dias, pelo que nele farei um balanço e realçarei os contributos do Santuário da Penha para a pastoral do arceprelado de Guimarães.

Nesta investigação, serão utilizados, de forma mais intensiva, três tipos de fontes de investigação: o simpósio mariano (actas das conferências) realizado no

²AA.VV., *Do alto da Penha canto a Maria*, 136.

³ A. SILVA, «Penha, Centro da Devoção Mariana», 137.

ano da comemoração do primeiro centenário da peregrinação ao Santuário da Penha, as conferências realizadas em Portugal sobre a temática dos santuários e bibliografia específica sobre o Santuário da Penha.

CAPÍTULO I - O SANTUÁRIO

Este capítulo divide-se em três partes: uma introdução geral sobre a definição e o significado dos Santuários e a sua envolvência cultural e religiosa; uma pequena resenha histórica do Santuário da Penha e sua ligação ao dogma da Imaculada Conceição, pondo em evidência a correspondência trocada entre a Santa Sé e a Diocese de Braga, o impacto que o dogma causou na referida Diocese, com maior saliência em Guimarães, e as reacções jubilosas de toda a hierarquia da Igreja e do povo de Deus.

1. Lugar de encontro

Nos altos das montanhas e serras de todo o velho continente europeu, existem edifícios religiosos. Neste tocante, Portugal como *Nação Fidelíssima*⁴, arauto da evangelização de novos povos, não é excepção. Basta olhar para a paisagem do Minho, coroada de símbolos cristãos. Esta manifestação religiosa não é, todavia, exclusiva do Cristianismo, pois já na antiguidade os povos procuravam o cimo dos montes para se encontrarem com os deuses. O monte Olimpo⁵, na Grécia antiga, é disso um exemplo típico. Com a cristianização, muitos santuários pagãos foram transformados em espaços de culto cristãos. Houve, contudo, santuários que

⁴ «Por motu próprio [do papa Bento XIV] de 23 de Dezembro de 1748, era concedido o título de *Rei Fidelíssimo* a D. João V e aos seus sucessores». M. DE OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal*, 198.

⁵ Cf. M. H. ROCHA PEREIRA, «Olimpo», 685.

foram construídos de raiz, atestando o célebre axioma: o helenismo foi cristianizado e não o cristianismo helenizado.

O alto do monte sempre foi o lugar predilecto para a manifestação do encontro de Deus com a humanidade. Se fizermos uma retrospectiva às epifanias de Deus ao povo da Primeira Aliança, aí encontraremos inúmeras referências a essas realidades. Na verdade, «depois de ter acabado de falar a Moisés no monte Sinai, Deus entregou-lhe as duas tábuas do testemunho, tábuas de pedra, escritas com o seu dedo» (Ex 31, 18).

«E eis que, no terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões e relâmpagos e uma nuvem pesada sobre a montanha, e um som muito forte de trombeta, e todo o povo que estava no acampamento tremia. Moisés fez sair o povo do acampamento ao encontro de Deus, e colocaram-se no sopé da montanha. A montanha do Sinai estava toda coberta de fumo, porque o SENHOR tinha descido sobre ela no fogo; e o seu fumo subia de um forno, e toda a montanha tremia muito. O som da trombeta era cada vez mais forte. Moisés falava, e Deus respondia-lhe no trovão. O SENHOR desceu sobre a montanha. O SENHOR chamou Moisés ao cimo da montanha, e Moisés subiu» (Ex19, 18-20).

O próprio Filho de Deus, Verbo feito carne (Jo 1,14), por quem homens e mulheres têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (Ef 2,18; 2 Ped 1,4), escolheu o alto de uma montanha para se transfigurar perante alguns dos seus discípulos (Mc 9,2). Com efeito, nestes locais erigidos templos e santuários, pois «aprouve a Deus na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef. 1,9)» (DV 2). Um dos primeiros esteve a cargo de Salomão «no monte Moriá, onde o Senhor havia aparecido a David seu pai, no lugar por este preparado na eira de Ornan, o jebuseu» (2 Cr 3, 1).

Poder-se-ão três tipos de santuários: os que são dedicados a Jesus, a Maria ou a um santo. «Alguns santuários recordam o próprio lugar onde se deu a aparição»⁶, mas todos geralmente surgem de uma devoção pessoal ou comunitária:

«um homem houve de piedoso sentir, d'alma cheia de paz, de fé e de poesia, que um dia subindo a fêsto aquella montanha agreste, no mais alto d'ella, na clareira de duas arvores ou sobre a aresta d'alcantilado rochedo, levantára o signal que sanctificára a terra, creára a esperança, mudára a face do mundo, e consubstanciára uma religião inteira...»⁷.

Os santuários consagrados a Jesus Cristo e a Nossa Senhora estão associados a algum acontecimento da Sua vida, à qual os crentes se associam. Este é o caso do Bom Jesus do Monte, em Braga. As suas capelas, ao longo da encosta, catequizam todos os seus visitantes. Nestes catecismos vivos, é possível observar as cenas da Última Ceia até à Ascensão de Jesus ao céu, desde do pórtico de Jerusalém até ao terreiro dos evangelistas.

Os santuários dedicados ao culto mariano, por seu turno, nascem da devoção do povo à Mãe de Deus. Também estes surgem por iniciativa pessoal e/ou comunitária e também estes catequizam o crente através da representação da vida quotidiana de Maria. Alguns destes santuários foram construídos em locais específicos, em razão de a Mãe de Deus se ter feito ver a um crente ou lhe ter transmitido uma mensagem divina. «As mensagens transmitidas pelos videntes convidam a uma oração, especialmente o terço, que acompanham os mistérios da vida de Cristo»⁸. Contam-se alguns destes santuários nos quatro cantos do mundo. Grandes multidões a eles se deslocam⁹.

⁶ R. RUGGLES, *Os santuário das aparições*, 13.

⁷ F. CASTIÇO, *Memoria Historica do Sanctuario do Bom Jesus do Monte*, 8.

⁸ R. RUGGLES, *Os santuário das aparições*, 13.

⁹ Cf. *Ibidem*, 24.

Finalmente, os santuários erigidos em nome de santos, eleitos pela Igreja, têm uma particularidade: no seu seio encontram-se, quase sempre, restos mortais de santos que, pelos seus feitos e acções, se tornaram intercessores das nossas intenções junto de Deus.

2. Origem do Santuário mariano da Penha

A história do Santuário da Penha, desde os primórdios até aos nossos dias é central para esta investigação. Neste campo, será descrita a relação do referido Santuário com o dogma da Imaculada Conceição, salientando alguns dos seus pontos mais relevantes. Dar-se-á ainda especial relevância aos factos ocorridos em Portugal, na diocese de Braga e Guimarães, em termos da respectiva troca de correspondência entre o papado e o prelado de Braga.

A origem do templo radica numa devoção específica: a da Nossa Senhora da Penha. No alto da Serra de Santa Catarina, local ermo e harmonioso, é venerada Santa Catarina de Alexandria. Os símbolos nela representados especificam a natureza e a história desta devoção: a espada, o símbolo da vida que deu em nome de Jesus Cristo e a cabeça do Imperador Maximino que calca com o pé, por aquele ter comandado uma perseguição contra os cristãos. Na verdade, subjaz à sua veneração e subsequente colocação de uma estátua a ela alusiva no monte uma lenda:

«Ao pastorear numerosos rebanhos, Santa Catarina reclinava-se, de dia, à sombra dos penedos graníticos e deitava-se, de noite, sobre os mesmos, vigilante dos povos cristãos contra as frequentes investidas mouras. Numa noite viu do cimo da serra muitas luzes de um suposto exército, iluminado por fochos ardentes, que se dirigia para Guimarães.

Santa Catarina terá amarrado velas acesas em cada cabeça de seu rebanho, duplicando o número dos fachos dos mouros, e as terá encaminhado com o seu bordão de forma a descerem a Montanha da Penha em direcção dos mouros, pondo-os em retirada. (...) O Padre António Caldas considera que a lenda, apesar de “visível e incontestavelmente falsa, prova a boa fé e a simplicidade dos camponeses”. Este autor ainda se refere à “chamada cama de Santa Catarina”, um penedo que fundamenta a referida lenda e sobre o qual descansava a santa»¹⁰.

No alto da Penha, contudo, os edifícios não são majestosos. Espalhados ao longo do planalto da serra, encontram-se perfeitamente integrados na natureza. A natureza apela à sensibilidade e ao recolhimento. Deste modo, o ser humano alegra-se. Homem e mulher voltam-se para o seu interior, sentem-se criaturas imperfeitas em busca do encontro com o Criador, contemplan a obra de Deus através da paisagem. Ali, todos tomam consciência do melhor de si e entrevêem a fase final, o cumprimento, da sua busca. Assim se percebe que o templo nasça a partir de uma utopia: fazer uma morada de Deus entre os Homens.

Note-se ainda que 'penha' deriva da palavra latina *pinna*, que significa literalmente “rochedo”, já que, até à segunda metade do século XIX, esta paisagem era dominada por notáveis rochedos graníticos¹¹.

No cume do monte, o edifício principal recebeu dois títulos: o primeiro de Santuário eucarístico da Penha, de acordo com o objectivo da sua planificação e edificação, e o segundo, vigente a partir de 1992, de Santuário mariano, oferecendo «uma autêntica escola de fé sob o exemplo e a intercessão materna de Maria»¹² e fazendo presente o cumprimento performativo da Palavra de Deus. Maria consagra-se a Ele no momento em que diz *sim* ao arauto de Deus: «Eis a serva do Senhor

¹⁰ E. PINTO – P. BARROSO, *Penha. Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 94.

¹¹ Cf. E. PINTO – P. BARROSO, *Penha. Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 47.

¹² CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *O Santuário, memória, presença e profecia do Deus vivo*, 1.

faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1,38). Na verdade, Maria é o modelo do verdadeiro discípulo na sua forma simples de louvar a Deus, que não era “*ad extra*”, mas “*ad intra*”. Maria impregnou o seu coração da Palavra escutada e colocou-a em prática: «*Faça-se em mim segundo a Tua palavra*». Aceitando ser colaboradora e cooperadora de Deus, a cujo Filho ofereceu o seu seio maternal, Maria foi a primeira a escutar e aceitar a *Boa Nova*, tornando-se, portanto, a primeira discípula de seu Filho, o primeiro templo do Espírito Santo»¹³.

2.1. Do ermitão ao grande templo

Os primeiros dos grandes relatos sobre a devoção mariana no alto da Serra de Santa Catarina, pré-denominada Penha, devem-se ao ermitão Guilherme Marino. Italiano de nascença, Guilherme Marino chegou ao planalto da Penha, no alto da Serra de Santa Catarina no século XVIII. Durante:

«semanas, meses, anos, atravessa alguns países da Europa, percorre vilas e cidades, visita serras, contempla planaltos, passa a Galiza e rumou a Portugal por terras de São Teotónio. Pobre, modesto, austero, outro signatário do Santo de Valença, porém, nem as terras nem o santo o atraíram e a sua marcha lenta, mas decisiva, torna-se irresistível. As belezas surpreendentes de montes e vales, a brisa aromática da orla marítima e a paisagem deslumbrante das terras nortenhas não o demovem e, como que iluminado por uma estrela, a etapa longa e penosa só finaliza no solo, berço da pátria Lusa, então Vila de Guimarães»¹⁴.

Mas não foi o único. Desde o século XVI que vários eremitas, espalhados ao longo da serra, ensinavam a doutrina cristã às populações locais. A maioria

¹³ M. J. DIAS MENDES, «Maria de Nazaré, templo do Espírito Santo», 146.

¹⁴ A. SILVA, «Penha, Centro da Devoção Mariana», 107 - 108.

pertencia às ordens religiosas de São Francisco de Assis e Santo Agostinho de Hipona.

Saliente-se ainda que, até meados do século XVIII, esta era a única ermida dedicada ao culto de Nossa Senhora. Da mesma forma, é também a Guilherme Marino que se deve a primeira imagem de Nossa Senhora, mandada fabricar em Braga e baptizada com o nome de Nossa Senhora da Penha, desde então a sua nova morada¹⁵. Este facto trouxe muitos devotos à ermida, os quais almejaram receber favores e graças de Nossa Senhora. Consequentemente, aumentou a procura de conselhos do eremita para o quotidiano. A proximidade entre a população e o Santuário cresceu e solidificou-se. No livro de assento dos baptismos, por exemplo, podemos verificar que os Condes de Azenha escolheram Nossa Senhora da Penha para madrinha de baptismo do seu filho Paulo: «foram padrinhos José Francisco de Araújo Vasconcelos Mimoso, procurador desta Vila de Guimarães e sua comarca; madrinha Nossa Senhora da Penha, que em nome Dela assistiu o fidalgo Pedro Machado de Miranda e Melo, da Vila de Guimarães»¹⁶.

Outra referência a este fenómeno data do ano de 1712 e pertence a Frei Agostinho de Santa Maria, do Mosteiro de Santa Marinha da Costa, que refere que este lugar é «buscado, quando antes era medonho; hoje, todos gostam de ir a ele e por recreação e por regalo; como a Mãe de Deus faz com a sua presença todos os lugares alegres, também o fez com este, convertendo-o de medonho e fúnebre em alegre e delicioso»¹⁷.

Em meados da década de 1730, após a morte de Guilherme Marino, veio habitar na ermida uma comunidade de carmelitas calçados, orientada pelo frei

¹⁵ Cf. *Ibidem*, 113.

¹⁶ A. SILVA, «Penha, Centro da Devoção Mariana», 113 - 114.

¹⁷ E. PINTO – P. BARROSO, *Penha. Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 31.

Joaquim de Santo Espírito. Buscando o silêncio que a montanha da Penha oferecia, «esta comunidade terá dado continuidade e incremento ao culto, ao entronizar a imagem da Virgem e edificar um simples hospício, cujas instalações, segundo se presume, ainda hoje existem com a denominação de Casa da Senhora»¹⁸ do Carmo¹⁹, título dado pelos carmelitas. No entanto, a ermida foi alvo de contenda entre esta ordem e a de São Jerónimo do convento da freguesia de Santa Marinha da Costa, pelo que a posse foi, oficialmente, entregue à primeira:

«Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e trinta e dois, aos vinte e três dias do mês de Junho do dito ano, neste monte de Santa Catarina aonde fui vindo José Dias Paiva, meirinho desta Correição para efeito de restituirmos e darmos posse a Frei Joaquim de Santo Elias, religioso, professo da Terceira Ordem de Nossa Senhora do monte Carmelo, em nome e como procurador do Reverendíssimo Frei Jaime de S. Paio, Provincial eleito da Ordem de Nossa Senhora do Carmo neste reino e senhorios de Portugal e Algarves e mais deferidores assinados na procuração, que me apresentou feita aos vinte oito dias do mês de Maio, deste ano, assinada pelo dito provincial que lhe reconheço a letra e por virtude da dita procuração e da Provisão que me apresentou por me sair distribuída lhe fomos dar posse da dita Capela, Hospício de Nossa Senhora da Penha do monte do Carmo e nela entrou e passou e venerou...»²⁰.

No decorrer do século XIX, a escassez de registos não permite acrescentar muito mais à história do Santuário da Penha. Tal fica a dever-se a vários factores: as invasões francesas, a guerra civil, a expulsão das ordens religiosas, entre outros.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ «uma das formas mais difundidas da devoção mariana. A referência ao monte da Galileia associa o título a uma ordem que teve origem no mesmo monte. A vida da Virgem, invocada como Senhora do Carmo, cruza-se com a de São Simão Stock. Este, aos 12 anos, terá sido conduzido até um deserto, onde viveu em austera penitência num tronco de árvore. Na solidão, na oração e na penitência terá passado muitos anos, até se juntar aos religiosos carmelitas, quando estes chegaram à Inglaterra, expulsos da Palestina devido à perseguição religiosa dos muçulmanos». *Ibidem*, 108-109.

²⁰ E. PINTO – P. BARROSO, *Penha. Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 102.

Na segunda metade do século XIX, então, a irmandade de Nossa Senhora do Carmo volta a estabelecer-se na Penha. Embora os estatutos desta irmandade tenham sido aprovados pelo governador civil do distrito, em 23 de Março de 1872, a população vimaranense só teve conhecimento oficial deste facto no dia 21 de Julho do mesmo. A demora no anúncio deve-se ao facto de nesta data se celebrar o dia litúrgico de Nossa Senhora do Carmo, sendo que na mesma data foi também realizada a primeira romaria²¹.

Porém, antes da aprovação já tinham sido construídos edifícios no alto da serra. Um ano antes da primeira romaria, fora benzido o primeiro passo de Nossa Senhora, dedicado à Sua coroação, parte de um projecto de seis edifícios demolidos no início do século XX. Mas os passos marianos não são exclusivos da serra da Penha: no Santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave existem outros passos ligados à vida da Virgem Maria²².

Nos anos 80 do século XIX, construiu-se uma capela e uma torre no cimo dos penedos que abrigavam a ermida, sendo doravante visível da cidade o local onde se situava a ermida de Nossa Senhora. Esta capela tornar-se-ia, em meados da década 30 do século XX²³, a capela de São Cristóvão²⁴.

A vivência da fé no alto da serra de Santa Catarina começava a expandir-se. Cada vez mais as pessoas procuravam o local para alimentar a sua fé e buscar bem-

²¹ Cf. A. SILVA, «Penha, Centro da Devoção Mariana», 122.

²² Cf. E. PINTO – P. BARROSO, *Penha. Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 115.

²³ Cf. A. SILVA, «Penha, Centro da Devoção Mariana», 141.

²⁴ «tem a sua fundamentação lendária numa crença, segundo o qual Cristóvão era passador ou transportador de pessoas num rio. Graças ao seu esforço e porte, levou às costas, num certo dia, um menino que lhe pesava de forma insuportável e que se revelou pelo nome de Jesus. Símbolo de força e de abnegação, São Cristóvão é também visto pelas lendas míticas como um bárbaro cinéfalo. O santo é invocado, por exemplo, contra a morte súbita ou as tempestades, sendo considerado o padroeiro de várias causas, como dos carregadores, negociantes de frutas, mais modernamente, dos viajantes, dos motorizados». *Ibidem*, 147.

estar espiritual. Para corresponder a esta procura, foi criada uma comissão de melhoramentos que organizou uma romaria ao alto da Penha no dia 29 de Agosto de 1886²⁵ para angariar fundos para a criação de infra-estruturas que respondessem às necessidades dos romeiros.

A 18 de Junho de 1882, em comemoração da aprovação do dogma da Imaculada Conceição, foi lançada a primeira pedra de uma estátua em honra do Papa Pio IX na serra de Santa Catarina. A cerimónia foi solene e contou com a presença do Arcebispo Primaz de Braga, D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa. Note-se que tal acontecimento se deveu ao facto de, a 18 de Julho de 1873, o Papa ter concedido indulgências a todos os fiéis que visitassem a igreja de Nossa Senhora do Carmo, na Penha. Consequentemente, a estátua em homenagem ao sucessor de Pedro foi erigida no ponto mais alto da serra, a cerca de 617 metros de altura. Significativamente, aí pode vislumbrar-se a freguesia de Espinho, onde se localiza o santuário de Nossa Senhora do Sameiro, nascido também em celebração do dogma da Imaculada Conceição. Promulgado pelo papa Pio IX

«em 17 de Julho de 1881, dia da festividade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, na cumeada da serra, organizou-se uma comissão presidida pelo arcipreste do distrito eclesiástico de Guimarães, o reverendo abade António Manoel de Mattos, composta de vários eclesiásticos e outras pessoas respeitáveis de Guimarães, com o fim de levantar, no ponto mais alto da formosa montanha, que se eleva a nascente do berço da monarquia, fronteiro ao Sameiro, onde se erigira o monumento em honra da Imaculada Conceição de Maria, um monumento que perpetuasse a memória abençoada do pontífice, que, a 8 de Dezembro de 1854, proclamara dogma de fé o mistério, que desde muito a pia crença dos portugueses consagrara, o imortal Pio IX, o pontífice da Imaculada»²⁶.

²⁵ Cf. *Ibidem*.

²⁶ J. G. D'OLIVEIRA GUIMARÃES, *Guimarães e Santa Maria. História do Culto de Nossa Senhora no Concelho de Guimarães*, 28.

Também o povo de Guimarães ansiava por afirmar o amor à Virgem. Nesse sentido, foi erigida debaixo do planalto, onde se situa a estátua do Papa Pio IX, uma imagem da Virgem Imaculada de Nossa Senhora de Lourdes. Note-se, todavia, que não houve necessidade de qualquer intervenção no local, uma vez que aí se situava uma gruta semelhante àquela em que Nossa Senhora havia aparecido a Bernardete em Lourdes, no ano de 1858. A referida estátua, benzida no dia 17 de Julho de 1892, foi oferecida por Fernando de Castro Abreu Magalhães²⁷ que oferecera a estátua do Papa Pio IX.

O ano de 1893 foi um ano muito especial para a vivência da fé no alto da serra de Santa Catarina. Em 19 de Julho de 1893, dá-se a entronização da imagem de Nossa Senhora na gruta e no dia 9 de Setembro do mesmo ano é inaugurada a estátua do Papa Pio IX, o pontífice que, além do dogma da Imaculada Conceição, promulgara o dogma da infabilidade papal. Por essa razão, a segunda romaria à Penha, normalmente ocorrida no final de Agosto, passou para o dia 8 de Setembro de cada ano, ou fim-de-semana seguinte, tendo-se alterado o nome de “romaria” para “peregrinação”.

Tal como no alto do monte do Sameiro em Braga foi construído um monumento em honra da Imaculada Conceição, assim também em 1864 os vimaranenses decidiram edificar um templo a Nossa Senhora. Deste modo, no dia 8 de Setembro de 1895 foi apresentado o projecto para o templo da Penha, elaborado pelo padre António Domingues Ferreira:

«sob a primeira pedra do templo foi collocada uma lamina de cobre com a seguinte inscripção: - Anno de 1895. Reinado de D. Carlos primeiro e

²⁷ Cf. A. SILVA, «Penha, Centro da Devoção Mariana», 129.

Pontificado de Leão XIII. Sanctuario da Immaculda Conceição erecto pela cidade de Guimarães e catholicos portuguezes. Primeira pedra lançada a 8 de Setembro pelo D. Prior D. Manoel d' Albuquerque»²⁸.

Este projecto foi abandonado ao fim de dois anos, numa altura em que já estava construída a sacristia do templo, posteriormente demolida. Mais tarde, em 1907, um novo projecto da autoria do arquitecto portuense Eduardo Alves foi apresentado, mas este segundo projecto também não reunia as condições exigidas. Outros surgiram, entretanto, mas ou foram rejeitados ainda no papel, ou já em fase de construção. Em 1930, é convidado o arquitecto José Marques da Silva²⁹ para projectar um templo para a Penha, desta feita dedicado à Eucaristia e não a Nossa Senhora, como acontecera com os projectos anteriores. Deu-se início à construção em 1931, com avanços e recuos. Todavia, este arquitecto respondeu, para todos os efeitos, às exigências que a Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha lhe colocou:

«o sítio era já consagrado pelas cerimónias litúrgicas, enfrentando o campo da esplanada, à margem do talude da montanha que se desenvolve até à cidade. A disposição da planta da igreja era resultante desta localização eminente, com a frente voltada para a esplanada, tendo por dominante o altar móvel, a colocar no peristilo nos dias de missa campal, com a torre, na parte posterior, rematada pela cruz, recortada frente à cidade, a iluminar nos dias de grandes cerimónias. O alçado principal é o coroamento natural do altar, com o gablete estilizado (cujo vértice se insere o pelicano eucarístico), rematando o primeiro nível da fachada, com ampla padieira, apoiada em duas colinas lisas de suporte e isentas, gerando vertibular»³⁰.

²⁸ J. G. D'OLIVEIRA GUIMARÃES, *Guimarães e Santa Maria. História do Culto de Nossa Senhora no Concelho de Guimarães*, 25.

²⁹ José Marques da Silva nasceu no Porto no dia 18 de Outubro de 1869 e faleceu na mesma cidade no dia 6 de Junho de 1947. A sua ligação a Guimarães não só está presente no santuário da Penha, como também em vários edifícios que projectou para esta cidade. Cf. E. PINTO – P. BARROSO, *Penha. Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 141.

³⁰ E. PINTO – P. BARROSO, *Penha. Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 125.

Anos depois, em Junho de 1932, a capela-mor, que acolheu talha barroca do extinto convento de Santa Clara em Guimarães adquirida em leilão, foi consagrada e aberta ao culto. Ainda neste ano, a 13 de Setembro, realiza-se a primeira missa campal no novo templo. Entretanto, por escassez de verbas, durante dois anos (1937 e 1938) as obras foram suspensas.

O ano seguinte (1939) seria trágico para o novo templo. Um incêndio destruiu parcialmente o recheio existente no edifício em construção. Em resultado, a talha da tribuna e a imagem de Nossa Senhora da Conceição perderam-se, como atesta a documentação:

«por meia-noite as poucas pessoas que andavam na rua – pois a noite estava fria e ventosa – repararam que no alto da nossa formosíssima Estancia da Penha havia chamas enormes e logo adivinharam que o santuário Eucarístico (ainda em construção) monumento que ali ficaria a atestar às gerações futuras os sentimentos religiosos do nosso povo estava a ser devorado por um incêndio»³¹.

Com efeito, o incêndio destruiu o edifício, mas não o ânimo e o fervor da população. A 3 de Março de 1939, foi apresentado um plano de angariação de fundos para a reconstrução do templo. Idealizaram-se, para esse fim, várias iniciativas: espectáculos culturais, oferta de um dia de trabalho pelas indústrias têxteis de todo o concelho, entre outras. Aqueles que puderam, fizeram doações, ficando o seu nome ou o nome da família ligado ao templo em memória perpétua. Os donativos angariados asseguraram o prosseguimento das obras, tendo ainda possibilitado a construção de um miradouro atrás do templo³².

³¹ *Ibidem*, 126.

³² Cf. E. PINTO – P. BARROSO, *Penha. Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 127.

É de referir ainda que a imagem da Imaculada Conceição, venerada no altar-mor, não é a primitiva, já que esta se perdera no incêndio. A imagem actual, uma cópia daquela que se perdeu, foi transferida, depois de benzida pelo Arcebispo Primaz, D. António Bento Júnior, no dia 14 de Setembro de 1944, da Capela de São Lázaro em Creixomil. A nova imagem foi oferecida por uma devota de Nossa Senhora, pela graça de Portugal não ter entrado na II Guerra Mundial.

De igual forma, o primeiro altar não foi o altar-mor, mas o lateral. Apenas em Setembro de 1993, a referida imagem foi definitivamente colocada neste altar, onde ainda hoje se encontra³³.

A dedicação do templo coincidiu com a peregrinação anual à Penha, no dia 14 de Setembro de 1947. Ao fim de oitenta e dois anos, o sonho tornara-se realidade. A referida sagração do templo contou com a presença do Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, na companhia dos prelados de Braga e do Porto³⁴. Dois anos depois, concluía-se a construção do Santuário, com a colocação da cruz na torre voltada para a cidade, pelo que no dia 30 de Maio de 1948, após a peregrinação da paróquia de Nossa Senhora da Oliveira do Castelo ao alto da Penha, promovida pelo arciprestado de Guimarães, foi celebrada a primeira Eucaristia nessas condições. Desde esse dia até hoje, houve sempre reserva eucarística para veneração³⁵.

O templo ganhou uma nova imagem. Possui, antes de mais, três grandes janelas em forma de triângulo³⁶, onde estão colocados vitrais que representam cenas

³³ Cf. A. SILVA, «Penha, Centro da Devoção Mariana», 135 - 136.

³⁴ Cf. *Ibidem*, 154.

³⁵ Cf. E. PINTO – P. BARROSO, *Penha. Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 128.

³⁶ «O triângulo intimamente ligado com o número três como símbolo da Trindade, o triângulo não surge, porém, expressamente na arte cristã por longo tempo, antes de mais tarde torna se símbolo de Deus. O carácter claro e rico de símbolo, que possui na arquitectura da Antiguidade grega e

bíblicas referentes a Nossa Senhora. «O primeiro vitral da frontaria central do Santuário da Penha tem como motivo artístico mariano a Visitação da Virgem a Santa Isabel, conforme o Evangelho de São Lucas»³⁷. Note-se que este janelão é o único que, no fecho superior do triângulo, tem um pelicano³⁸. «Os dois vitrais das fachadas laterais do templo (tendo como motivos artísticos a Anunciação do Anjo a Nossa Senhora e o nascimento do Menino Jesus, conforme o Evangelho de São Lucas) foram solenes e oficialmente entronizados no então designado Santuário Eucarístico da Penha, no dia 14 de Setembro de 1958»³⁹. Por cima dos vitrais laterais e na parte de trás do templo, está a cruz da roda, sendo que «na arte cristã, sinal do senhorio portador de vida e luz de Cristo sobre o mundo»⁴⁰. No topo da torre e na parte superior da fachada principal, está representada a cruz latina ou cruz da Paixão⁴¹. Este Santuário foi oficialmente entronizado no então designado Santuário Eucarístico da Penha, no dia 14 de Setembro de 1958⁴².

No dia em que se celebrava o primeiro centenário das aparições de Lourdes⁴³, as obras foram concluídas. No exterior, a esplanada ganhou uma nova

determina todo o frontispício grego, retrai-se, assim como se retrai a pirâmide em benefício do cubo, que forma a cidade celeste. No entanto, pode-se descobrir o princípio da composição do triângulo em muitas formas e na arquitectura das igrejas medievais, não só nas torres das igrejas, que a sua ponta representa a ligação do céu e da terra. Surge, ademais, a figura do triângulo e com frequência em representações de corações, palmetas e ômegas e nos portais do céu e do inferno». G. HEINZ-MOHR, *Dicionário dos Símbolos, Imagens e sinais da arte cristã*, 372.

³⁷ E. PINTO – P. BARROSO, *Penha. Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 128.

³⁸ «A forma de o pelicano alimentar os filhotes com o pescoço flexível ficando no peito o bico para poder estrangular mais comodamente os peixes, avermelhado as suas penas brancas com o sangue do peixe, deu ocasião à fábula muito antiga segundo a qual ele rasgaria o peito e com seu sangue daria vida e nutriria os filhotes. Por isso ele é o símbolo do amor de pai e mãe auto-oblativo (ambas as variantes são antigas). (...) O pelicano goza, de mais a mais, do século XVII a meados do século XIX, de especial popularidade e grande difusão emblemática» G. HEINZ-MOHR, *Dicionário dos Símbolos, Imagens e sinais da arte cristã*, 286.

³⁹ E. PINTO – P. BARROSO, *Penha Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 129.

⁴⁰ G. HEINZ-MOHR, *Dicionário dos Símbolos, Imagens e sinais da arte cristã*, 124.

⁴¹ Cf. *Ibidem*.

⁴² E. PINTO – P. BARROSO, *Penha Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 129.

⁴³ *Ibidem*, 158.

imagem, passando de terreiro de terra batida a um retângulo em pedra de calceta com uma cruz no chão, voltada para o templo. Numa das extremidades da cruz foi colocado um fontanário. No interior, encontram-se três altares, dois deles laterais: um dedicado ao Sagrado Coração de Jesus e a Santa Maria Margarida de Alacoque, onde se encontra o sacrário principal; e outro dedicado ao Papa Pio X, o papa que, em 31 de Agosto de 1906, tinha concedido indulgências aos devotos que visitassem a imagem da Imaculada Conceição da Penha⁴⁴. No altar-mor está Nossa Senhora da Conceição. Além destes, existem dois nichos: um dedicado a São José e outro a Nossa Senhora da Penha. Recorde-se, a este respeito, que no dia da peregrinação anual, que decorre no domingo mais próximo do dia 8 de Setembro, esta imagem é transportada da cidade para o alto da serra. A referida imagem foi oferecida ao Santuário, logo após o incêndio de 1939, pelo capitão Costa Pinto, secretário particular da rainha D. Amélia, esposa de D. Carlos I, penúltimo rei de Portugal⁴⁵.

Em 1992, comemorando o centenário das peregrinações ao alto da Penha, o referido Santuário passou a fazer parte da lista dos Santuários marianas em Portugal. Na verdade, Nossa Senhora é o verdadeiro templo e santuário: «A Virgem Maria é o Santuário vivo do Verbo de Deus, a Arca da Aliança nova e eterna»⁴⁶.

Sendo o culto mariano o centro de toda a vida do Santuário, deve ter-se em consideração a vivência correcta da piedade na prática litúrgica. O cerne de toda a vida espiritual do crente fundamenta-se no mistério pascal de Jesus Cristo, paixão, morte e ressurreição. Que «os responsáveis da pastoral do santuário prestem uma constante atenção a esta finalidade, a fim de que as diversas expressões da piedade

⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 259.

⁴⁵ Cf. «História da Penha», in *O Conquistador*, 2.

⁴⁶ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *O Santuário, memória, presença e profecia do Deus vivo*, 18.

mariana se integrem na vida litúrgica, que é o centro e a definição do Santuário»⁴⁷.

A fé de Maria aponta para Cristo: fazei o que Ele vos disser (Jo 2,5b).

2.2. Da crença do Povo de Deus à definição dogmática da Imaculada Conceição

Partindo do «*sensus fidei*»⁴⁸ (*lex orandi lex credendi*) dos fiéis à concretização da definição em verdade de fé, a presente reflexão dará especial atenção à diocese de Braga.

O dogma da Imaculada Conceição nasceu primeiramente da crença dos fiéis e nesse seguimento é que foi ratificado pela hierarquia eclesiástica. Na verdade, são três os Concílios fundamentais para a definição do dogma cristológico: Niceia (325), Éfeso (431) e Calcedónia (451).

Em gérmen no Concílio de Niceia, no ano de 325 d.C., o dogma evidenciava que o Filho é da mesma substância (essência) que o Pai:

«cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, e em um Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, único gerado do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial (homoousios) ao Pai, por Quem tudo foi feito, o que está no céu e o que está na terra, que por nós homens, e pela nossa salvação, desceu, encarnou, fez-Se homem, sofreu, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus e virá julgar os vivos e os mortos, e no Espírito Santo»⁴⁹.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ «O “*sensus fidei*” (sentido da fé) é um carisma da Igreja, do povo todo, “totalidade dos fiéis, que receberam a unção do Santo, não podem enganar-se na fé” e expressa-se pelo “sentir sobrenatural da fé” manifestando “consenso universal”. O Povo de Deus sob a assistência do Espírito Santo com os seus dons, e guiado pelo magistério, acolhe a palavra de Deus (e não mera palavra de homens); pela fé adere indefectivelmente, “penetra mais profundamente com juízo acertado e aplica mais totalmente na vida a palavra” acolhida com uma “inteligência mais profunda” (DV 5), pela contemplação e estudo dos que meditam em seu coração (cf. *Lc* 2, 19 e 51), pela íntima compreensão das coisas espirituais, pela pregação da Igreja». M. M. DA COSTA SANTOS, *Povo de Deus: Carismas/ Sensus Fidei*, 1.

⁴⁹ J. COMBY, *Para ler A História da Igreja*, 1, 96.

Havendo esclarecido que Jesus era da mesma condição que o Pai, tornava-se agora necessário afirmar a fé nas duas naturezas presentes em Jesus: a natureza humana e a natureza divina, unidas, sem confusão nem separação. Cirilo de Alexandria, mariólogo, defendeu a presente doutrina contra Nestório, que, por sua vez, apenas atribuía a Cristo a natureza divina⁵⁰. Deste modo, reuniu-se a Igreja em Concílio, na cidade de Éfeso, no ano de 431 d.C. «O conteúdo dogmático do concílio parece escasso, pois que o único documento oficial é a condenação de Nestório. De facto, o concílio de Éfeso reforça a autoridade de Niceia e a insistência na unidade de Cristo»⁵¹. Posteriormente, teve lugar o Concílio de Calcedónia, realizado no ano de 451 d.C., sendo de destacar neste âmbito dois acontecimentos históricos. O primeiro refere-se ao presidente do Concílio: o imperador foi substituído pelo bispo de Roma, tal como vem acontecendo até aos nossos dias; o segundo refere-se a Maria, predicada de *Theotokos* (mãe de Deus), para gáudio de todo o povo cristão.

«Seguindo, pois, os Santos Padres, ensinamos, a uma só voz, um só e mesmo Filho, NSJC, o mesmo perfeito em divindade, o mesmo perfeito em humanidade, o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, feito de uma alma racional e de um corpo, consubstancial ao Pai segundo a divindade, consubstancial a nós segundo a humanidade, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado, gerado do Pai antes dos séculos quanto à Sua divindade, mas nos últimos dias, por nós e pela nossa salvação, gerado de Maria, a Virgem, a Thetokos, quanto à Sua humanidade, um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Filho único, que reconhecemos existir em duas naturezas, sem confusão nem separação; a diferença das naturezas não é, de maneira alguma, suprimida pela união, mas, ao contrário, as propriedades de

⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 100.

⁵¹ *Ibidem*, 101.

cada uma das duas naturezas ficam salvas e encontram-se numa só pessoa ou hipóstase (...)»⁵².

Até esta altura, o problema do pecado original de Maria não se colocava. Na realidade, Maria era denominada como a «Toda Santa»⁵³, pelo que a referida questão aparece aquando da reflexão teológica entre Pelágio e Santo Agostinho sobre o pecado original. «Diziam os pelagianos “que o homem nasce sem pecado original... e, como exemplos alegavam figuras várias da história e, entre elas, a Virgem Santa, *que a piedade obriga a isentar do pecado*”. Nesse sentido, Santo Agostinho defendeu a fragilidade da natureza humana, pela herança do pecado de Adão, mas deu excepção à Mãe de Deus: “*quando falo de pecado – lembra – quero sempre pôr de parte a Mãe de Deus pela honra que se deve ao Senhor*”»⁵⁴.

Note-se que data do século VIII a celebração litúrgica da “*Conceptio sanctae ac Dei aviae Annae*”, celebrada no dia 9 de Dezembro e fundamentada no proto-evangelho de Tiago:

«[4, I] Eis que um anjo do Senhor lhe apareceu, dizendo: “Ana, Ana! O Senhor ouviu as tuas preces: conceberás e darás à luz. Da tua descendência se falará em toda a terra”. Ana respondeu: “(Como, na verdade,) o Senhor, meu Deus, está vivo; se eu der à luz, homem ou mulher, oferecê-lo-ei em acção de graças ao Senhor meu Deus, e aquele o servirá por todos os dias da sua vida”. [2] E eis que chegaram dois anjos para lhe dizer: “Joaquim, teu marido, está a regressar com os seus rebanhos”. Na verdade, um anjo do Senhor havia descido para junto dele para dizer-lhe: “Joaquim, Joaquim! O Senhor ouviu as tuas preces contínuas. Eis que, na verdade, Ana, tua mulher, conceberá no seu ventre”. [3] Joaquim desceu, e mandou chamar os seus pastores, dizendo: “Tragam-me aqui dez cordeiros sem mácula e sem defeito: serão para o Senhor, meu Deus. Tragam-me também doze novilhos de leite: serão para os sacerdotes e para o conselho dos anciãos; e ainda cem cabritos para todo o povo”. [4] E eis que Joaquim chega com os

⁵² *Ibidem*, 102.

⁵³ AA. VV., *O Culto a Maria hoje*, 67.

⁵⁴ J. D. CRESPO, «A crença do povo na Imaculada Conceição», 641.

seus rebanhos. Ana encontrava-se à porta, e vendo chegar Joaquim, correu ao seu encontro e atirou-se ao seu pescoço, exclamando: “Agora sei que o Senhor Deus me abençoou abundantemente. Eis que, na verdade, a viúva não é mais viúva, e a estéril conceberá no seu ventre”. Nesse primeiro dia, Joaquim repousou em sua casa. [5, I] No dia seguinte, apresentou as suas oferendas, dizendo para si mesmo: “Se o Senhor Deus me for propício, indicar-me-á a veste santa do sacerdote”. Ao apresentar as suas oferendas, Joaquim viu a veste do sacerdote, quando este saía do altar do Senhor. Joaquim não encontrou em si qualquer pecado, e exclamou: “Agora sei que o Senhor me é propício e me remiu de todos os pecados”. Então, desceu justificado do templo, e voltou para a sua casa. [2] Cumpriram-se entretanto os meses da mulher. Ao nono mês, Ana deu à luz e perguntou à parteira: “A quem dei à luz?”. Ao que esta respondeu: “A uma menina”. “Neste dia”, disse Ana, “a minha alma foi exaltada”, e deitou a menina. Quando foram cumpridos os dias, Ana purificou-se, deu de mamar à menina e pôs-lhe o nome Maria»⁵⁵.

A devoção à Imaculada Conceição no Ocidente deu-se, então, através da Península itálica meridional. Daqui, a festa difundiu-se rapidamente seguindo os influxos evangelizadores em direcção às ilhas britânicas e irlandesas. «Segundo parece, no Ocidente, surgiu em primeiro lugar na Irlanda. Conforme calendários das

⁵⁵ «[4, I] Ecco, un angelo del Signore le apparve, dicendole: “Anna, Anna! Il Signore ha esaudito la tua preghiera; tu concepirai e partorirai. Si parlerà in tutta la terra della tua discendenza”. Anna rispose: “(Com’ è vero che) il Signore, mio Dio, vive, se io partorirò, si tratti di maschio o di femmina, l’offrirò in voto al Signore mio Dio, e lo servirà per tutti i giorni della sua vita”. [2] Ed ecco che vennero due angeli per dirle: “Tuo marito Gioacchino sta tornando con i suoi armenti”. Un angelo del Signore era infatti disceso da lui per dirgli: “Gioacchino, Gioacchino! Il Signore ha esaudito la tua insistente preghiera. Scendi di qui. Ecco, infatti, che Anna, tua moglie, concepirà nel suo ventre”. [3] Gioacchino scese, e mandò a chiamare i suoi pastori, dicendo: “Portatemi qui dieci agnelli senza macchia e senza difetto: saranno per il Signore, mio Dio. Portatemi anche dodici vitelli teneri: saranno per i sacerdoti e per il consiglio degli anziani; e anche cento capretti per tutto il popolo”. [4] Ed ecco che Gioacchino giunse con i suoi armenti. Anna se ne stava sulla porta, e vedendo venire Gioacchino, gli corse incontro e gli si appese al collo, esclamando: “Ora so che il Signore Iddio mi ha benedetta molto. Ecco, infatti, la vedova non più vedova, e la sterile concepirà nel ventre”. Il primo giorno Gioacchino si riposò in casa sua. [5, I] Il giorno seguente presentò le sue offerte, dicendo tra sé: “Se il Signore Iddio mi è propizio, me lo indicherà la lamina del sacerdote”. Nel presentare le sue offerte, Gioacchino guardò la lamina del sacerdote. Quando questi salì sull’altare del Signore, Gioacchino non scorse in sé peccato alcuno, ed esclamò: “Ora so che il Signore mi è propizio e mi há rimesso tutti i peccati”. Scese dunque dal tempio del Signore giustificato, e tornò a casa sua. [2] Si compirono intanto i mesi di lei. Nel nono mese Anna partorì e domandò alla levatrice: “Che cosa ho partorito?” Questa rispose: “Una bambina”. “In questo giorno”, disse Anna, “è stata magnificata l’anima mia», e pose la bambina a giacere. Quando furono compiuti i giorni, Anna si purificò, diede poi la poppa alla bambina e le impose il nome Maria», L. MORAIDI, *Apocrifi del Nuovo Testamento*, 125-127.

Abadias de Oldminster e Newminster e outras, é lembrada já no dia 8 de Dezembro»⁵⁶. A Imaculada Conceição tornou-se luz da piedade em Portugal, ficando a sua introdução no nosso país a dever-se a D. Gilberto, eleito bispo da nova diocese de Lisboa⁵⁷. Mas a partir do século XII esta celebração começa a perder importância, por influência de grandes teólogos da época como São Tomás de Aquino, tendo chegado mesmo a ser retirada dos calendários litúrgicos. Consta-se de facto «a oposição à festa da Conceição de alguns grandes nomes da Teologia, e até da Agiologia, aliás homens devotíssimos de Maria como S. Anselmo de Cantuária, S. Bernardo de Claraval, Pedro Lombardo, Alexandre de Hales, S. Boaventura, S. Alberto Magno, S. Tomás»⁵⁸. Neste período também um defensor acérrimo da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, o teólogo João Duns Escoto, este pensador franciscano notabilizou-se pelo uso de argumentos difíceis de contestar:

«A Conceição imaculada de Maria não retira nada à glória de Cristo Redentor e Mediador universal, como sustentam os defensores da tese maculista; pelo contrário, aumenta-a ainda mais pela razão de que Maria teve assim mais necessidade de Cristo para ser preservada do pecado original, que não para se libertar depois de o ter contraído»⁵⁹.

Escoto diz que só Deus sabe em que momento Maria se tornou Imaculada. «Deus pôde fazer que Maria não contraísse nunca o pecado original. Pôde fazer que o tivesse apenas no primeiro instante da sua existência. Pôde igualmente fazer que o

⁵⁶ J. D. CRESPO, «A crença do povo na Imaculada Conceição», 642.

⁵⁷ M. DE OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal*, 81.

⁵⁸ E. DE VASCONCELOS, «Maria na sua Imaculada Conceição», 242.

⁵⁹ J. A. MERINO, *João Duns Escoto*, 241.

tivesse durante um certo tempo e fosse purificada dele no último instante. Qual das possibilidades foi realizada? Só Deus sabe a certeza»⁶⁰.

Outro factor impulsionador da devoção à Conceição de Nossa Senhora foi a decisão da Ordem Franciscana no Capítulo Geral, no sentido de tornar obrigatória a celebração anual da festa da Imaculada Conceição, no dia 8 de Dezembro, em todos os conventos Franciscanos espalhados pelo mundo. Na verdade, «no Capítulo Geral de Pisa, reunido em 1263, os frades franciscanos resolveram que, em todos os conventos da Ordem, se celebrasse a festa da Conceição, no dia 8 de Dezembro de cada ano»⁶¹.

Em Portugal, é de salientar que a Imaculada Conceição está muito ligada ao povo e mais ainda aos monarcas. Estes foram os que mais patrocinaram a construção de capelas e igrejas à Imaculada Conceição. A rainha santa Isabel (1270-1336), por exemplo, foi uma das grandes impulsionadoras desta devoção, tendo mandado erguer a capela da Conceição dentro do convento da Trindade em Lisboa. Outro factor digno de nota foi o bispo de Coimbra, D. Raimundo Ebrard, clérigo de origem francesa e professor na universidade de Paris, ter defendido a doutrina da Imaculada Conceição durante a sua prelatura (1319-1324), chegando até a redigir um decreto episcopal, no dia 17 de Outubro de 1320, onde anunciava a toda a diocese que a festa da Imaculada Conceição deveria ser festejada no dia 8 de Dezembro de cada ano:

«Por ende nos deseiendo e querēdo acrecētar o seruiço da uirgem gloriosa sancta Maria q̄ ela seia nossa uogada e rogue por nos e por todos los fiees de Jhesu xpisto. e nos gaanhe graça e mercée e

⁶⁰ *Ibidem*, 242.

⁶¹ M. DE OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal*, 59.

perdom de deus padre poderoso: Stabelecemos e mãdamos que na nossa eygreia cathedral de coimbra, façã festa en cada huũ ano no oyttauo dia do mes de Dezembro. no qual dia a uirgẽ gloriosa sancta Maria foy cõcebuda. assy como a fazem pelas outras terras. e cõmo a ela mandou fazer»⁶².

Tal como aconteceu na diocese de Lisboa, também o Breviário Bracrancese do século XIV apresenta a festa da Imaculada Conceição de Maria se celebrar nessa cidade por influência inglesa: «Também na Arquidiocese de Braga, sabe-se que, então, já se celebrava a festa da Imaculada Conceição, *com o ofício ritmado “Grande Mater Ecclesia”*, e que a festa da Imaculada Conceição foi instituída na Catedral, pelo cónego João Escada, 8 de Dezembro de 1325»⁶³.

Outro factor, de espectro local, teve lugar em Guimarães, na grandiosa Colegiada Real. Nesta cidade, o Prior D. Rodrigo Peres, mais tarde bispo de Lamego, deixou em 22 de Outubro de 1329 avultada quantia monetária aos Cónegos para a celebração da festa da Conceição de Maria, no dia 8 de Dezembro de todos os anos.

«Em nome de Deos amen. Conhoscão todos que nós Rodrigo pella, merçe de Deos Bispo de Lamego em outro tempo Priol da Igreja de Santa Maria de Guimarães conçirando por muito bem e ajuda que recebemos por tempo da dita Igreja de Guimarães e outro sy gram prol da nossa alma doamos e entregamos hum casal que nos ora hauemos em no Burgo de Pombeiro o qual foi dAffonso Peres creligo filho de Pero Saamariz o qual ora hoje de nos traz emprazado por quinze libras em cada hum anno Sancha Affonso com todos seus direitos e pertenças como nos melhor podiamos e deviamos auer ao Cabido da dita Igreja de Guimarães e mandamos e estabelleçemos que o dito Cabido hajão o dito casal e a renda delle pera sempre liuremente em paz com tal preito e condiçom que elles FASSÃO EM CADA HUM ANNO A FESTA DA CONÇEIPSSOM DE SANTA MARIA QUE HE OITO DIAS DE DESEMBRO COM TODA SA OITAUUA e partão a' renda deste casal

⁶² M. DE OLIVEIRA, *Fátima altar do mundo*, 60.

⁶³ J. MARQUES, «História no Santuário do Sameiro», 109.

perantre sy os que hy forem presentes nas oras em esta guisa nas primeiras vespervas do dia partão antro sy os que hy forem trinta soldos e outros tantos os que forem nas matinas logo seguintes e os que forem presentes na terssa do dia da festa fassão proçissom com solemnidade a honra da festa e partão por ende os conigos que hy forem sincoenta soldos e nas segundas vésperas do dia hajão os que hi forem vinte soldos e outrosy hajão os conigos que cada dia a missa de terssa dez soldos por toda a oitaua em cada hũa missa e o dito Cabido fassão cada anno hum anniversario por nós em esta maneira em quanto nós vivo formos digão cada anno em vespora de Santi Spiritus hũa missa de Santa Maria por nós e hajão os conigos que em ella estiverem do começo do prollendo até sima sinco libras e pois que nos deste mundo sahirmos digão no dia do nosso óbito a dita missa e seja de requiem e hajão as ditas sinco libras os que em ella forem continuamente como já dito he e se por algum tempo o dito casal uier a ualler mais ou menos o dito Cabido acrescente ou mingue aaquello que lhis mandamos partir pella oitaua e nom as outras oras nem anniversario»⁶⁴.

Mas se em Portugal aumentava a devoção à Imaculada Conceição e não havia polémica entre o povo e os teólogos, o mesmo não acontecia no resto da Europa. Com efeito, a questão da Imaculada Conceição foi levada pela primeira vez a um Concílio da Igreja, em Basileia-Florença de 1431 a 1435. O assunto foi apresentado por João Romiroy, que fundamentou a necessidade urgente de ser discutida e definida a questão do dogma. Apesar de o tema não ter sido abordado, o Concílio aprovou o ofício da Conceição de Maria no ano de 1438. Já em 1477, o papa Sisto IV aprovaria a missa e o ofício da Conceição de Maria, por meio do documento *cum praeexcelsa*:

«Quando, com exame piedoso e reflexivo, perscrutamos os sinais preexcelsos dos méritos com os quais, a rainha do Céu, a Virgem, gloriosa mãe de Deus, elevada adiante à morada celestial, como se fosse a estrela da manhã a brilhar antes dos astros... pensamos que convém, ou até melhor, que se deve convidar, sem excepção, todos os fiéis de Cristo para as indulgências e a remissão dos pecados, para que a Deus

⁶⁴ J. G. D'OLIVEIRA GUIMARÃES, *Guimarães e Santa Maria, História do Culto de Nossa Senhora no Concelho de Guimarães*, 3.

omnipotente (cuja providência, desde a eternidade, está velando pela humildade da mesma Virgem, para reconciliar com o seu autor a natureza humana sujeita à morte pelo pecado do primeiro homem, através da preparação do Espírito Santo a firmou como morada de seu único Filho, a partir da qual tomaria para si a carne da nossa mortalidade para redenção do seu povo, e, apesar disso, depois do parto havia de permanecer Virgem imaculada) dêem graças e louvores a propósito da admirável concepção da sua Virgem imaculada, e ofereçam missas e outros ofícios divinos instituídos por essa razão na Igreja de Deus, e neles estejam presentes, para que depois disso se tornem mais aptos para a graça divina, por intercepção e pelos méritos da mesma Virgem»⁶⁵.

No ano de 1498, Dona Beatriz da Silva, uma nobre dama portuguesa, funda em Toledo uma ordem religiosa com o título de Nossa Senhora da Conceição. Antes de entrar para a vida religiosa, Dona Beatriz da Silva fora dama de companhia da rainha Isabel, a Católica. Diz a lenda que, em virtude da sua beleza, a rainha ciumenta mandou encerrar Beatriz da Silva num baú de pequenas dimensões, onde aquela acreditava que esta morreria asfixiada. Quando abriram o baú, a dama permanecia viva. O milagre terá ficado a dever-se à sua fé na Imaculada Conceição e, conseqüentemente terá, favorecido a construção de um convento e fundação da Ordem da Imaculada Conceição, com o carisma da contemplação⁶⁶. A referida ordem foi aprovada pelo papa Inocêncio VIII, no ano de 1489⁶⁷. Foi em Braga,

⁶⁵ «Cum praeexcelsa meritorum insignia, quibus regina caelorum, Virgo Dei genitrix gloriosa, sedibus praelata aethereis, sideribus quasi stella matutina praeutilat, devotae considerationis indagine perscrutamur...: dignum, quin potius debitum reputamus, universos Christi fideles, ut omnipotenti Deo (cuius providentia eiusdem Virginis humilitatem ab aeterno respiciens, pro reconcilianda suo auctori humana natura lapsu primi hominis aeternae morti obnoxia, eam sui Unigeniti habitaculum Sancti Spiritus praeparatione constituit, ex qua carnem nostrae mortalitatis pro redemptione populi sui assumeret, et immaculata Virgo nihilominus post partum remaneret) de ipsius immaculatae Virginis mira conceptione gratias et laudes referant, et institua propterea in Dei Ecclesia Missas et alia divina officia dicant, et illis intersint, indulgentiis et peccatorum remissionibus invitare, ut exinde fiant eiusdem Virginis meritis et intercessione divinae gratiae aptiores», in *De immaculata conceptione B. Mariae V.*, DS 1400.

⁶⁶ Cf. J. F. DUQUE, *Dona Beatriz da Silva. Vida e Obra de uma mulher forte*, 57.

⁶⁷ Cf. J. A. FERREIRA, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga*, 138.

primeira cidade do Reino de Portugal e das terras além-mar, que foi construído o primeiro convento desta ordem:

«O Dr. Geraldo Gomes, cónego da Sé de Braga, e seu irmão Dr. Francisco Gomes, Abbade de Adoulfe (Villa Real), ambos naturaes d'esta cidade, commum accordo resolveram fundar nas suas casas da rua do Infante (Pellames) um Convento destinado a Freiras da sobredita Ordem da Conceição. Com licença do Arcebispo D. Affonso Furtado de Mendonça começaram o edificio conventual no anno de 1625, o qual se concluiu em 1629, no episcopado de D. Rodrigo da Cunha, sendo a escriptura de doação feita em 13 de Janeiro de 1631»⁶⁸.

No Concílio de Trento, na 5ª secção, o tema da Conceição Imaculada de Maria voltaria a ser colocado, o que levou à sua reconfirmação em 7 de Agosto de 1555 pelo papa Paulo IV, através da Constituição *Cum Quorumdam Hominum*:

«[desejantes] advertir a todos e cada um, que até este momento proclamaram, dogmatizaram ou acreditaram que Deus omnipotente não é trino nas pessoas e totalmente incomposta e indivisa na unidade da substância e uno na única simples essência da divindade; ou que o nosso Senhor não é o Deus verdadeiro desta mesma substância em tudo como o Pai e o Espírito Santo; ou que Ele mesmo não foi concebido conforme a carne no útero da beatíssima sempre Virgem Maria segundo o Espírito Santo, mas, do mesmo modo que os restantes homens, a partir da descendência de José; ou que este mesmo Senhor e nosso Deus Jesus Cristo não se sujeitou a uma morte de cruz muito atroz para nos redimir dos pecados e da morte eterna e nos reconciliar com o Pai para a vida eterna; ou que esta mesma beatíssima Virgem Maria não é a verdadeira mãe de Deus e que não continuou sempre na sua integridade de virgem, sem dúvida antes do parto, durante o parto e perpetuamente após o parto, da parte de Deus Pai omnipotente, do Filho e do Espírito Santo, e com a autoridade apostólica, perguntamos e advertimos»⁶⁹.

⁶⁸ *Ibidem*.

⁶⁹ «[*Cupientes*]admonere omnes et singulos, qui hactenus asseruerunt, dogmatizarunt vel crediderunt, Deum omnipotentem non esse trinum in personis et incomposita omnino indivisaque unitate substantiae et unum unamet simplici divinitatis essentia; aut Dominum nostrum non esse Deum verum eiusdem substantiae per omnia cum Patre et Spiritu Sancto; aut eundem secundum carnem non esse conceptum in utero beatissimae semperque Virginis Mariae de Spiritu Sancto, sed sicut ceteros homines ex semine Ioseph; aut eundem Dominum ac Deum nostrum Iesum Christum non subiisse acerbissimam crucis mortem, ut nos a peccatis et ab aeterna morte redimeret et Patri ad vitam aeternam reconciliaret; aut eandem bealissimam Virginem Mariam non esse veram Dei

Desta forma, a fé do povo de Deus na Imaculada Conceição ganhou maior projecção, o que levou a partir do século XVI à criação de confrarias, altares e outras expressões artísticas em honra de Nossa Senhora.

Em Portugal, a devoção à Imaculada Conceição cresceu especialmente a partir do reinado de D. João IV (1640-1656), descendente de D. Nuno Álvares Pereira, militar muito devoto de Nossa Senhora, no seguimento de aquele ter declarado Nossa Senhora da Conceição padroeira de Reino de Portugal e seus domínios. Posteriormente, D. Filipe II procuraria declarar Nossa Senhora concebida sem pecado. Para tal, o povo Português deveria colocar por cima das portas das cidades ou vilas esta inscrição: «A VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA FOI CONCEBIDA SEM PECADO ORIGINAL»⁷⁰.

No mesmo sentido, no dia 28 de Julho de 1646, realizou-se, na Universidade de Coimbra, um acto solene de juramento de todos os estudantes e professores, em que todos se comprometiam defender a Imaculada Conceição, a exemplo de outras Universidades europeias. Este acto tem lugar no seguimento do juramento que o rei ordenara, em Carta Régia, a todos os estudantes, para o acesso a um grau académico:

«Determinou então o reitor, em cumprimento das ordens régias, que a fórmula do juramento que se costumava dar a todos os graduados começasse pela declaração de “defender sempre e em a toda a parte que a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, foi concebida sem mancha do pecado original”. Ninguém mais foi admitido a graus académicos sem prestar esse juramento, até que ele foi abolido, por

matrem, nec perstitisse semper in virginitatis integritate, ante partum scilicet, in partu et perpetuo post partum, ex parte omnipotentis Dei Patris et Filii et Spiritus Sancti Apostolica auctoritate requirimus et monemus» in *Constitución «Cum quorumdam hominum»*, DS 1880.

⁷⁰ M. DE OLIVEIRA, *Fátima altar do mundo*, 102.

desnecessário, depois de definida a Imaculada Conceição como dogma de fé católica»⁷¹.

Este acto foi de tal modo importante que em sua alusão se levantou uma lápide na capela da Universidade, para todos poderem observar e gravar no coração aquela solenidade.

Dois dos defensores mais empenhados da questão mariana foram, sem dúvida, a Ordem Franciscana e a Companhia de Jesus. Na verdade, em quase todas as Igrejas pertencentes à primeira, encontramos elementos ilustrativos da fé na Imaculada Conceição. De resto, ainda hoje é possível observar, na Igreja do antigo Convento Franciscano, em Guimarães, um altar lateral e uma tela de grandes dimensões, no coro alto da Igreja, ambos consagrados à Imaculada Conceição. O mesmo acontece na Igreja da Terceira Ordem Regular de São Francisco, que tem no centro do frontão da fachada principal a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

A mesma defesa ganha expressão quando, no ano de 1630, a Congregação dos Ritos pedia a cada nação que escolhesse um padroeiro, uma escolha que deveria ser realizada pelo povo, aprovada pelos bispos e, por fim, confirmada pelo Vaticano. Em resposta a esse pedido, no dia 14 de Junho de 1637, o Arcebispo D. Sebastião de Matos de Noronha publica uma nota episcopal a defender que Maria foi concebida sem mácula de pecado, determinando depois a Santa Sé que *«de sempre termos e guardarmos e defendermos que a Virgem Maria nossa Senhora foi concebida sem mácula de peccado original, na forma das Constituições e Breves Apostolicos passados sobre esta matéria»*⁷².

⁷¹ *Ibidem*, 104.

⁷² J. MARQUES, «História no Santuário do Sameiro», 111.

Segundo contam os relatos da época, o povo português sentia algum desgosto por a festa da Imaculada Conceição não fazer parte dos dias de preceito em Portugal, como vem na bula *Universa per Orbem* de 1642. Dai se pode inferir que tudo foi feito para que esta festa passasse a dia santo de guarda.

Assim sendo, os acontecimentos que contribuíram decisivamente para o estabelecimento da devoção da Imaculada Conceição ganharam particular visibilidade entre Dezembro de 1645 e Março do ano seguinte. Nessa altura, reuniu o rei os Três Estados (Povo, Clero Nobreza), de modo a todos aprovarem Nossa Senhora da Conceição como protectora de Portugal e das conquistas além-mar. A nomeação efectivou-se na festa da Anunciação, a 25 de Março de 1646. Neste dia, o rei declarou Nossa Senhora da Conceição padroeira de Portugal, materializando este anúncio mediante a oferta da coroa real a Nossa Senhora, tal como se pode verificar na provisão do rei D. João IV, que de seguida transcreve:

«Dom João por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarues daquem e dalem mar em Africa, Senhor de Guine e da Conquista, nauegação, e Comercio da Ettiopia, Arabia, Persia, e da India etc. faço saber aos que esta minha prouisão uirem que sendo ora restituído por merce muito particular de Deos nosso Senhor, à Coroa destes meus Reinos e senhorios de Portugal; considerando que o Senhor Rey Dom Afonso Henriques meu progenitor e primeiro Rey deste Reyno, sendo aclamado e leuantado por Rey, em reconhecimento de tão grande merce, de consentimento de seus Vassallos, tomou por especial auogada sua a Virgem Mãy de Deos Senhora nossa, e debaixo de sua Sagrada protecção e amparo, lhe offereceo todos seus successores, Reino, e Vassallos com particular tributo em sinal de feudo e Vassalagem; Dezejando eu imitar seu santo zelo, e a singular piedade dos senhores Reys meus predecessores, reconhecendo ainda em my auantajadas e continuas merces e beneficios da liberal e poderosa Mãy de Deos nosso Senhor por intercessão da Virgem nossa Senhora da Concepção: Estando ora juntos em Cortes com os três Estados do Reino, lhes fiz propor a obrigação que tinhamos de renouar e continuar esta promessa, e

venerar com muito particular affecto, e solemnidade, a festa de Sua immaculada Concepção: E nellas, com parecer de todos, assentamos de tomar por padroeira de Nossos Reynos e Senhorios a Santissima Virgem nossa Senhora da Concepção, na forma dos Breues do SANTO PADRE Urbano 8.º, obrigandome a hauer confirmação da Santa See Apostólica, e lhe offereço de nouo em meu nome e do Príncipe Dom Theodosio meu sobre todos muito amado e presado filho, e de todos os meus descendentes, successores, Reinos, Senhorios e Vassallos, a sua Santa Caza da Conceição sita em Vila Viçosa, por ser a primeira que ouue em Espanha desta inuocação, sincoenta cruzados de ouro em cada num anno em sinal de Tributo e Vassalagem: E da mesma maneira prometemos e juramos com o Príncipe e Estados, de confessar e defender sempre (té dar a vida sendo necessário) que a Virgem Maria Mãe de Deos, foi concebida sem peccado original, tendo respeito a que a Santa Madre Igreja Romana a quem somos obrigados seguir e obedecer, celebra com particular officio e festa, sua Santissima e immaculada Concepção: saluando porem este juramento no Cazo em que a mesma Santa Igreja resolua o Contrario, esperando com grande confiança na infinita misericórdia de Deos nosso Senhor, que por meyo desta senhora padroeira e protectora de nossos Reynos e Senhorios, de quem, por honra nossa, nos confessamos, e reconhecemos Vassallos e tributários, nos ampare e defenda de nossos inimigos, com grandes acrescentamentos destes Reinos, para gloria de Christo nosso Deos, exaltação da nossa Santa Fee Catholica Romana, conuersão das gentes, e reducção dos hereges.

E se alguma pessoa intentar couza alguma contra esta nossa promessa, juramento, e uassalagem, por este mesmo effeito, sendo uassallo, o hauemos por não natural, e queremos que seja logo lançado fora do Reino; E se for Rey (o que Deos não permitta) haja a sua e nossa maldição, e não se conte entre nossos descendentes: esperando que pelo mesmo Deos que nos deu O Reino e sobio à dignidade Real, seja dela abatido e despojado. E para que em todo o tempo haja certeza desta nossa Eleição, promessa, e juramento firmada e estabelecida em Cortes, mandamos fazer della três autos públicos, um que será logo leuado á Corte de Roma para se expedir a Confirmação da Santa See Apostolica, e outros dous que juntos à dita Confirmação, e esta minha prouisão se guarde no Cartorio da Caza de nossa Senhora da Concepção de Vila Viçosa, e na nossa Torre do Tombo.

Dada nesta nossa Cidade de Lisboa aos uintasinco dias do mes de Março: Baltazar Roiz Coelho a fez anno do nascimento de nosso

Senhor Jesu Cristo de 1646. P.º Vieira da Silva a fez escrever: El Rey»⁷³.

Fosse necessário o reconhecimento do povo e a confirmação dos bispos para a escolha do padroeiro de Portugal, esta era a prova de que Roma necessitava. Além disso, o rei mandou colocar em todas as portas das cidades ou vilas de todo o reino e seus domínios, lápides alusivas à consagração de Portugal a Nossa Senhora da Conceição. Mas só passados 25 anos sobre o acto solene da Capela Real do Paço da Ribeira em Lisboa é que Roma confirmou Nossa Senhora da Conceição como padroeira de Portugal, por meio do breve «*Eximia dilectissimi*» de 8 de Maio de 1671, do Papa Clemente X. Do mesmo modo, D. João V (1706-1750) também publicou um decreto real, datado de 12 de Novembro de 1717, onde exigia que todos os Bispos celebrassem esta devoção nas suas dioceses. O deão do Cabido da Real Colegiada de Guimarães colocou em prática a ordem do rei:

«Na sua Igreja Collegiada em 7 de Dezembro vespers solemníssimas a instrumental, precedidas de repiques de sinos, à noite *Matinas*, luminárias na torre e mais logares costumados; a dia 8 se cantasse *Prima* com toda a solenidade *Completa* a ladainha lauretana – pequena alteração foi necessario fazer para cumprir as ordens regias»⁷⁴.

D. Pedro II, a exemplo de seu pai, também quis a devoção a Nossa Senhora da Conceição, desta feita através da fundação da Confraria dos Escravos de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, no ano de 1694. A esta Confraria passaram a pertencer todos os membros da Casa Real Portuguesa, a Casa Real de Bragança. Por conseguinte, foi ainda criada a Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, por D. João VI a 6 de Fevereiro de 1818, já no Rio de Janeiro:

⁷³ M. DE OLIVEIRA, *Fátima altar do mundo*, 102-103.

⁷⁴ J. G. D'OLIVEIRA GUIMARÃES, *Guimarães e Santa Maria, História do Culto de Nossa Senhora no Concelho de Guimarães*, 5-6.

«Tendo-se celebrado o acto solene da minha aclamação na sucessão da coroa destes Reinos; e reconhecendo ser graça de Deus omnipotente, e uma poderosa protecção da Província, que, depois de tantos perigos, tem salvado a Monarquia: e querendo que fique perpetuada a memória de tão extraordinários sucessos, e da devoção que consagro a Nossa Senhora da Conceição, invocada por Padroeira destes Reinos pelo Senhor Rei Dom João Quarto, meu predecessor e avô: tenho determinado instituir uma Ordem Militar da Conceição, de que ficará sendo cabeça de Ordem a capela real de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, na província do Alentejo»⁷⁵.

Outro factor indicativo desta devoção, por parte dos monarcas portugueses, é o pedido feito pela Rainha D. Maria II ao Papa Gregório XVI, no sentido de ser introduzido no prefácio da Eucaristia a palavra “*Immaculata*”, dizendo: “*Et te in Immaculata Conceptione*”⁷⁶. Apenas no pontificado do Papa Pio IX é que esta questão fica definitivamente assente. Na verdade, só nessa época o Papa realizou uma consulta universal para auscultar o pulsar da fé do Povo de Deus (“*consensus fidei*”) e de todos os bispos do mundo, levando o Espírito, finalmente, à definição do dogma, pela publicação da Constituição Apostólica “*Ineffabilis Deus*” a 8 de Dezembro de 1854, dia da festividade da Imaculada Conceição.

2.3. *Correspondência entre Pio IX e o Arcebispo de Braga, sobre a devoção à Imaculada Conceição*

A vivência da fé à Imaculada Conceição esteve no centro da auscultação dos fiéis da Igreja Católica levada a cabo pelo Papa Pio IX, por meio da Encíclica “*Ubi primum*”, publicada a 2 de Fevereiro de 1849, dia da celebração de Nossa Senhora das Candeias. Nela, pode ler-se:

⁷⁵ M. DE OLIVEIRA, *Fátima altar do mundo*, Ocidental Editora, 126.

⁷⁶ Cf. *Ibidem*.

«Ó inefável Deus... que desde o início e antes dos séculos para seu Filho unigénito, escolheu e dispôs uma mãe, da qual, feito carne, nascesse na bem-aventurada plenitude dos tempos, e a cumulou de um tal amor de preferência a todas as outras criaturas sem exceção, para só nela agradar com vontade propensa a si. Por isso é que, deste modo, prodigiosamente, a cumulou a ela de longe a todos os espíritos angélicos e inteiramente a todos os santos com a abundância de todos os carismas celestiais, tirada do tesouro da divindade, para que ela própria, sempre livre completamente de todo o flagelo do pecado, toda bela e perfeita obtenha a seu favor tal plenitude de inocência e de santidade, que maior do que ela de modo nenhum é inteligível num plano inferior a Deus, e a qual ninguém, fora de Deus, pode alcançar, pensando»⁷⁷.

Nesta época, o Arcebispo de Braga era D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Melo (1843-1855), que assumira a Arquidiocese após um longo período de sede vacante, devido a problemas políticos. Conhecedor das leis eclesiásticas, professor da Universidade de Coimbra e deputado das Cortes, este Arcebispo era o homem de que a Arquidiocese necessitava para restabelecer a serenidade dos fiéis. De resto, a sua resposta à auscultação do Papa mostra o quanto é conhecedor desta questão:

«Não pode duvidar-se da piedade fervorosa com que o clero e os fiéis honram a Conceição da Virgem Maria Imaculada. Com que consolação não celebram eles a festividade do dia 8 de Dezembro, dia em que grande multidão se reúne nas igrejas, dando graças a Deus pelo insigne privilegio da Imaculada Conceição com ele adornou a Mãe de Seu Filho Único? Pelo que me toca, eu tenho vivido sempre na persuasão de que a Bem-aventurada Virgem Maria foi sempre isenta de toda a mácula do pecado original. Antigamente, eu jurei de todo o meu coração e espontaneamente sustentar a Imaculada Conceição da Santíssima

⁷⁷ «Ineffabilis Deus... ab initio et ante saecula Unigenito Filio suo matrem, ex qua caro factus in beata temporum plenitudine nasceretur, elegit atque ordinavit, tantoque prae creaturis universis est prosecutus amore, ut in illa una sibi propensissima voluntate complacuerit. Quapropter illam longe ante omnes Angelicos Spiritus cunctosque Sanctos caelestium omnium charismatum copia de thesauro divinitatis deprompta ita mirifice cumulavit, ut ipsa ab omni prorsus peccati labe semper libera ac tota pulchra et perfecta eam innocentiae et sanctitatis plenitudinem prae se ferret, qua maior sub Deo nullatenus intelligitur, et quam praeter Deum nemo assequi cogitando potest» in *De excellentia B. Mariae Vg. in genere*, DS 2800.

Virgem; e todos os anos se celebra uma festa solene com grande piedade, e satisfação da minha parte, em honra de Maria Imaculada, na capela arquiépiscopal, de que Ela é Padroeira. Para sustentar esta minha crença não me faltam provas. Quem se atreveria a dizer que a Santíssima Virgem Maria ao mesmo tempo a filha da maior pureza e da mancha a mais impura, é a Filha de Deus e a Filha do pecado? Acaso podia ela ser ao mesmo tempo Mãe do Santo dos Santos e escrava do crime? Não repugnará que aquela que deu à luz o Sol divino fosse contaminada com a culpa original? Quem poderia querer que o templo do Espírito Santo fosse manchado pelo pecado dos nossos primeiros pais? Acaso Deus, que é a soberana virtude, teria preparado para si uma habitação tão desonrada? Acaso tê-la-ia escolhido a divina sabedoria? Acaso tê-la-ia preparado a Divina Providência, sem a prescrever de tudo o que pudesse deslustrar o brilho de Sua Santidade? Não! Isto não é crível, isto seria uma coisa inaudita.

Mas será preciso, Santíssimo Padre, dar um Juízo Supremo relativamente à Conceição da Virgem Imaculada e declará-la artigo de fé? Eu ignoro que os Soberanos Pontífices Xisto IV, na bula ‘*Grave Nimis*’, do ano de 1483, Pio V, na bula do ano 1666, e os Padres do concílio de Trento, sessão V, não quiseram definir naqueles tempos; e além disto eles proibiram o acusar como réus do pecado mortal ou heresia aqueles que se empenhassem contra este glorioso privilégio de Maria.

Estes pontífices e padres, em sua prudência, temiam que uma decisão suprema sobre este artigo acarretasse grandes males assim para a Igreja como para a república. Hoje, nestes tempos de perturbações que agitam a Europa, a vossa decisão suprema acerca da Imaculada Conceição terá os mesmos inconvenientes que embaraçaram os nossos predecessores? Pelo que toca a esta Igreja, crede-me, não há nada a temer; e penso mesmo das outras Igrejas deste reino: porque não somente desde muito não há nesta nação alguma controvérsia a respeito da Conceição da Santíssima Virgem; mas ainda os fiéis veneram a Sua Imaculada Conceição possuídos do mesmo espírito, como se a Igreja a tivesse já elevado a dogma de fé. Quanto às Igrejas dos outros reinos, Vós formareis o Vosso juízo. Portanto se Vos parecer que nada tendes a recear do Vosso juízo supremo a respeito dos outros, como do religioso povo português, eu desejo ardentemente esta definição, e creio que o clero e o povo desta diocese a desejarão como eu”.

Braga, 24 de Abril 1849»⁷⁸.

⁷⁸ F. DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, III, 448-449.

Daqui facilmente se infere que o então cardeal não só relatou o modo como os fiéis da sua Arquidiocese viviam a devoção à Imaculada Conceição, mas também deu a sua opinião em relação ao modo como as outras dioceses (portuguesas e outras) a viviam.

2.4. Proclamação do dogma da Imaculada Conceição

Em resposta à carta que enviara aos Bispos, o Papa Pio IX recebe 603 cartas favoráveis à definição dogmática da Imaculada Conceição. Finalmente, era possível definir a devoção à Imaculada Conceição como dogma de fé. Uma vitória dos não letrados, em que a Igreja mostra também que todos têm nela um lugar. Contudo, para o dogma ser declarado verdade de fé, foi ainda necessário reunir o “*consensus fidei*”, pelo que o Papa Pio IX convidou todos os Prelados a tomar parte na cerimónia que decorreu na Basílica de São Pedro, no dia 8 de Dezembro de 1854. No entanto, em representação de todas as dioceses do país e das terras além-mar esteve presente apenas um Bispo, o Cardeal D. Guilherme Henriques de Carvalho, Patriarca de Lisboa⁷⁹. Um número manifestamente menor do que seria de esperar de um país que, no século XVII, defendera com todo vigor a Imaculada Conceição, o que mostra bem as dificuldades espirituais por que Portugal passava na época.

Da cátedra da Basílica de São Pedro, em Roma, o Papa Pio IX leria o dogma da Imaculada Conceição, confirmado pela bula *Ineffabilis Deus*:

«Pela autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo e dos beatos Apóstolos Pedro e Paulo e pela Nossa declaramos, pronunciamos e definimos a doutrina, que estabelece que a beatíssima Virgem Maria no primeiro instante da sua concepção por singular graça e privilégio de Deus omnipotente, em contemplação dos méritos de Jesus Cristo Salvador do

⁷⁹ Cf. M. DE OLIVEIRA, *Fátima altar do mundo*, 129.

género humano, foi preservada imune de toda a mancha de pecado original, é revelada por Deus e deve, por isso, ser acreditada firme e constantemente por todos os fiéis»⁸⁰.

Esta confirmação foi recebida com júbilo por todos os cristãos católicos.

3. Recepção do dogma na diocese de Braga

Neste campo, será abordado o modo como os cristãos da Diocese de Braga, nomeadamente os de Guimarães, viveram este dogma e celebraram a sua definição.

Em Portugal, Braga foi a primeira Arquidiocese a anunciar ao Povo de Deus o dogma da Imaculada Conceição. Este anúncio teve lugar nos dias 6 e 7 de Janeiro de 1855 e contou com festividades a cargo da associação de fiéis do Imaculado Coração de Maria. A associação não podia ter escolhido melhor templo, pois aqui situara-se a Igreja do antigo convento dos Remédios, pertença da Ordem de São Francisco, religiosos que, desde a segunda metade do século XIII, celebravam a devoção à Imaculada Conceição de Maria no dia 8 de Dezembro.

Nestes dias, o templo foi pequeno para acolher todos os fiéis que quiseram assistir aos actos religiosos. Além disso, os testemunhos históricos atestam a referida piedade mariana, desde o século XIII, por meio de festas litúrgicas à Imaculada Conceição no Mosteiro de Pombeiro⁸¹, um mosteiro que pertenceu à Arquidiocese de Braga até meados do século XIX.

⁸⁰ «Auctoritate Domini nostri Iesu Christi beatorum Apostolorum Petri et Pauli ac Nostra declaramus, pronuntiamus et definimus, doctrinam, quae tenet, beatissimam Virginem Mariam in primo instanti suae conceptionis fuisse singulari omnipotentis Dei gratia et privilegio, intuitu meritorum Christi Iesu Salvatoris humani generis, ab omni originalis culpae labe praeservatam immunem, esse a Deo revelatam atque idcirco ab omnibus fidelibus firmiter constanterque credendam», in *Definitio immaculatae B. Marie Vg.*, DS 2803.

⁸¹ Cf. F. DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, I, 252.

3.1. Construção do monumento no monte do Sameiro à perpétua memória do dogma

O grande impulsionador da construção do monumento de perpetuação do dogma foi o Padre Martinho António Pereira da Silva⁸², um homem atento aos acontecimentos políticos e religiosos, ocorridos em Portugal e noutros países. Não admira, pois, a sua tristeza ao constatar que, enquanto um pouco por toda a Europa se multiplicavam as manifestações de júbilo na forma de monumentos ligados ao dogma da Imaculada Conceição, em Portugal nenhum monumento fora ainda edificado. Segundo indicam os relatos, durante um passeio de fim de dia ao alto do Monte do Sameiro, em Setembro de 1861, o padre Martinho teria desabafado com um amigo, o padre Manuel Reis, o sonho de erguer um monumento à Imaculada Conceição, à semelhança do que conhecia de outros países:

«Se, por toda a parte se realizam actos festivos e cidades houve, por esse mundo fora, que procuraram assinalar o acontecimento, levantando monumentos, que perpetuam, pelos séculos além, as glórias de Maria, por que não levantar, ali mesmo, dominando, com o seu olhar terníssimo, a cidade, uma estátua, em honra de Maria Imaculada? Exultaram de júbilo aquelas almas apaixonadas, intuindo que aquela lembrança vinha do Céu. Estas obras de Deus não se guardam para mais tarde; por isso, era necessário dar corpo a tão feliz projecto, que começava a nascer no coração e na imaginação dos dois sacerdotes, como se fora num só»⁸³.

Assim que o Arcebispo de Braga, D. José Joaquim D’Azevedo e Moura, teve conhecimento da vontade dos dois sacerdotes, apoiou a iniciativa. Além do Arcebispo, leigos e religiosos juntaram-se para apoiar o projecto. Depois da compra

⁸² Este sacerdote nasceu na paróquia de São João de Semelhe, arceprelado de Braga, no dia 8 de Outubro de 1812. Foi ordenado sacerdote no ano de 1843 e foi escolhido como observador das aplicações pós-sinodais, mas foi o grande amor à Imaculada Conceição que colocou o seu nome na história como fundador do Santuário do Sameiro. Faleceu no dia 8 de Abril de 1875, na Cidade de Vila do Conde. Cf. J. MARQUES, «História no Santuário do Sameiro», 109-113.

⁸³ J. BORGES, *O Sameiro Solar da Imaculada*, 13.

e doação de terras, deu-se início à construção do monumento. No dia 12 de Outubro de 1864, começaram as acções de limpeza do grande bloco de mármore. No final, apareceria a imagem da Imaculada Conceição de três metros de altura, pelo que a apresentação ao povo e a bênção aconteceu no dia 29 de Agosto, festa do Imaculado Coração de Maria. Neste dia, todos acorreram ao largo do Paço, para apreciar a beleza da imagem e assistir à sua consagração. A celebração esteve a cargo do Arcebispo, D. Joaquim D’Azevedo Moura, que benzeu o monumento, aparentemente análogo àquele que o Papa Pio IX mandara erguer em comemoração do dogma na praça de Espanha, em Roma. Este monumento não chegou aos nossos dias, tendo o seu desaparecimento ficado a dever-se à derrocada do edifício na noite do dia 9 de Janeiro de 1883, por causas ainda desconhecidas. Incólume permaneceu a cabeça da estátua, que dá actualmente a medida da sua grandeza e formosura⁸⁴.

Escolhido pelo Arcebispo de Braga para o representar no Concílio Vaticano I (1869-1870), apesar de não ter estado presente na última sessão, o Padre Martinho António Pereira da Silva rejubilou ao saber do dogma da infalibilidade papal:

«nós, fielmente aderindo à tradição recebida desde o início da fé cristã, para glória de Deus, nosso Salvador, para exaltação da religião católica e para a salvação dos povos cristãos, mediante aprovação do Conselho sagrado, ensinamos e estabelecemos como dogma divinamente revelado que o Pontífice Romano, quando fala *ex cathedra*, isto é, quando exerce o seu ofício de pastor e mestre de todos os Cristãos, graças à sua suprema autoridade apostólica, estabelece uma doutrina sobre a fé ou os costumes a ser seguida por toda a Igreja, por meio da assistência divina a ela prometida pelo beato Pedro, goza daquela infalibilidade, com a qual o divino Redentor quis dotar a sua Igreja intituída ao estabelecer uma doutrina sobre a fé e os costumes. Logo, tais definições do Romano

⁸⁴ Cf. *Ibidem*, 16.

Pontífice são, *per si* e não pelo consentimento da Igreja, irreformáveis»⁸⁵.

Consequentemente, em comemoração deste evento, começou a ser planeada a construção de uma capela: «no altar-mor seria entronizada a imagem da Imaculada Conceição, os altares laterais eram destinados a S. José, patrono da Igreja, e a S. Pedro, cuja cátedra é ocupada pelo romano pontífice, agora reconhecido como infalível, nas condições previstas pelo concílio»⁸⁶. Na actualidade, os três altares subsistem, embora no lugar do altar em honra de S. Pedro, se encontre um altar em honra do Sagrado Coração de Jesus. A imagem de Nossa Senhora da Conceição que está no topo do altar-mor é da autoria do italiano Eugéno Macegnali⁸⁷ e tem 2 metros e 20 centímetros de altura. Antes de vir para Portugal, foi benzida pelo Papa Pio IX, no dia 22 de Dezembro de 1876. Chegou a Braga no dia 7 de Agosto de 1878 e foi recebida com grandes festividades, tal como acontecera vinte e dois anos antes, aquando do anúncio do dogma da Imaculada Conceição.

A construção da grande Basílica, que se contempla no alto do monte, prolongou-se por cinquenta anos: começando a ser construída a partir da primeira pedra lançada pelo Arcebispo D. António José de Freitas Honorato, no dia 31 de Agosto de 1890, só ficou concluída no dia 12 de Julho de 1941, quando o Arcebispo

⁸⁵ «Itaque Nos traditioni a fidei christianae exordio pereceptae fideliter inhaerendo, ad Dei Salvatoris nostri gloriam, religionis catholicae exaltationem et christianorum populorum salutem, sacro approbante Concilio, docemus et divinitus revelatum dogma esse definimus: Romanum Pontificem, cum ex cathedra loquitur id est, cum omnium Christianorum pastoris et doctoris munere fungens pro suprema sua Apostolica auctoritate doctrinam de fide vel moribus ab uni versa Ecclesia tenendam definit, per assistentiam divinam ipsi in beato Petro promissam, ea infallibilitate pollere, qua divinus Redemptor Ecclesiam suam in definienda doctrina de fide vel moribus instrutam esse voluit; ideoque eiusmodi Romani Pontificis definitones ex sese, non autem ex consensu Ecclesiae, irreformabiles esse», in *De Romani Pontificis infallibili magisterio*, DS 3073.

⁸⁶ J. MARQUES, «História no Santuário do Sameiro, 113.

⁸⁷ Cf. J. BORGES, *O Sameiro Solar da Imaculada*, 18.

de Braga, D. António Bento Martins Júnior, consagrou solenemente o seu altar-mor. Esta demora deveu-se a vários factores políticos: os três regimes políticos por que passou o país, a primeira guerra mundial, a guerra civil espanhola e parte da segunda guerra mundial. Outros edifícios foram edificados depois da sagração do altar-mor, tendo havido a necessidade de construir outras infra-estruturas para responder às necessidades do peregrino que vem ao santuário.

3.2. *Recepção do dogma em Guimarães*

Toda a cidade rejubilou com a notícia da definição do dogma da Imaculada Conceição. A notícia chegou a Guimarães no dia 10 de Abril de 1855 e os festejos equipararam-se aos ocorridos na sede da Arquidiocese. No dia 15 de Abril, a definição do dogma foi anunciada solenemente do púlpito da “Igreja-Mãe” do arciprestado de Guimarães. O local escolhido para este anúncio não podia ser melhor: o templo onde D. João I pedira auxílio a Nossa Senhora na continuidade da nacionalidade⁸⁸. As festas prolongaram-se em toda a cidade por dois dias, como se pode ler no seguinte testemunho:

«À solene publicação seguiu-se o *Te-Deum*, cantado a instrumental, com a presença de todas as autoridades civis, judiciais e militares, párocos e clero da cidade, titulares, senhoras, pessoas gradas e povo, que enchiam literalmente o espaçoso templo da insigne e real colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, manifestando com a sua presença o sumo júbilo com que recebiam a proclamação dogmática da crença, que de remotos tempos era abraçada e defendida por seus antepassados»⁸⁹.

⁸⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria, História do Culto de Nossa Senhora no Concelho de Guimarães*, 8.

⁸⁹ *Ibidem*.

3.3. *Construção do monumento, na Penha, à memória do dogma da Imaculada Conceição e da infalibilidade Papal*

Os cristãos de Guimarães quiseram erguer um monumento à definição do dogma da Imaculada Conceição, bem como à definição do referente à infalibilidade papal. A escolha estava feita já que o padre Martinho havia escolhido o ponto mais alto da serra de Santa Catarina para construir o monumento à Imaculada Conceição, cuja construção teve início no dia 18 de Julho de 1882.

O monumento era composto por três níveis. No primeiro, encontrava-se um reservatório de água semi-subterrâneo, construído alguns anos mais tarde⁹⁰ para abastecer a cidade de Guimarães. No segundo, estava o pedestal, de forma octogonal, da estátua, que tinha 10 metros de altura e 5 metros de largura, e servia de miradouro para a contemplação da cidade de Guimarães. No terceiro, situava-se a estátua de Pio IX, envergando as vestes pontificais, abençoando com a mão direita a cidade e segurando na mão esquerda a bula do dogma da Imaculada Conceição. O povo de Guimarães demonstrou deste modo o apreço pelo «Papa que concedeu indulgências, a 18 de Julho de 1873, aos fiéis que visitassem a então designada Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Este foi um dos mais determinantes momentos de afirmação do culto mariano na Penha, dotando o espaço de um carácter religioso mais alargado»⁹¹.

No dia do lançamento da primeira pedra, o Arcebispo de Braga expressou a sua grande alegria com as seguintes palavras:

«Gloria a Pio IX, gloria!
Em duradouro padrão.
Seja esta folha da história

⁹⁰ Cf. E. Pinto – P. Barroso, *Penha Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 150.

⁹¹ E. PINTO – P. BARROSO, *Penha Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 149.

Escrepta por nossa mão»⁹².

Nos alicerces do monumento foi então depositada uma caixa, contendo um documento com a indicação do ano em que se iniciou a sua construção, o nome do governante do país e, por fim, o nome do sucessor de São Pedro.

Entretanto, a Virgem Imaculada confirma o dogma da Imaculada Conceição nas aparições a Bernardete na cidade de Lourdes, em França, no ano de 1858. Este acontecimento foi marcado pelo povo de Guimarães mediante a colocação de um nicho a Nossa Senhora de Lourdes ao lado da estátua de Pio IX. O nicho encontra-se num local recatado, onde o crente pode contemplar em recolhimento a beleza da imagem. Ambas as estátuas foram oferecidas por um comerciante brasileiro natural de Fafe.

Ao longo deste capítulo, serão abordados aspectos da História do Santuário do Sameiro e do Santuário da Penha bem como os factores da fé que contribuíram para o aparecimento de ambos os templos. O Santuário, que inicialmente não passava de um pequeno ermitério, simbolizava agora a fé e o amor do povo à Imaculada Conceição, uma devoção que remonta aos primórdios da nacionalidade e que, constituída dogma, criou a necessidade intrínseca de a comunidade sair de si, construindo um monumento para transmitir a sua fé.

⁹² J. G. D'OLIVEIRA GUIMARÃES, *Guimarães e Santa Maria, História do Culto de Nossa Senhora no Concelho de Guimarães*, 29.

CAPÍTULO II – A PEREGRINAÇÃO

Este capítulo será dedicado às peregrinações religiosas⁹³. Assim sendo, de seguida elencam-se os percursos dos peregrinos, desde a fase primária da busca interior até à chegada aos locais.

«Quando se faz uma peregrinação, muitas vezes nos interrogamos onde é que ela termina, porque uma das coisas que se experimenta é que, à medida que caminhamos, a realidade torna-se sempre mais aberta. Quando o peregrino chega a perceber no seu coração, então é que começa verdadeiramente. A peregrinação não tem propriamente um fim: tem uma extraordinária finalidade. A de Paulo é Cristo. E a nossa também»⁹⁴.

Aos Santuários, a todo o tempo, ocorrem peregrinações. A caminhada é sempre determinada pela viagem e pela busca do ser humano, ou seja, pela transformação de toda a existência, conforme a exigência evangélica da vivência exemplar do santo padroeiro de cada santuário. Nesta caminhada, a beleza da natureza convoca a alegria de viver, fazendo com que o ser humano saia para fora de si mesmo, louvando o Criador. No final, vem o repouso. Assim sendo, serão analisadas de seguida peregrinações, de modo especial a que se realiza anualmente ao Santuário da Penha.

O vocábulo *peregrinação*⁹⁵ evoca o movimento de alguém que se desloca a um local de culto religioso. «A peregrinação, hoje como ontem, altera distâncias

⁹³ «O que define a peregrinação é a atracção por um ponto de chegada, que se deseja como síntese última da vida. Mas para se sentir atraído por esse ponto de chegada, supõe um ponto de partida, o presente, onde encontramos já a notícia desse fim definitivo. Só essa experiência presente faz desejar e dá força para a caminhada do peregrino. Na visão bíblica da vida a protologia e a escatologia tocam-se e encontram-se». J. POLICARPO, «O Padre, peregrino da Fé», in *O Padre, Homem da Fé – Do Mistério ao Ministério*.

⁹⁴ J. T. MENDONÇA, *O Tesouro Escondido*, 113.

⁹⁵ «Originando a palavra *peregrinação*, o nosso vocábulo *peregrino* procede do latim clássico *peregrinus*, que se tornou *pelegrinus* na Idade Média. *Per ager*, “através dos campos” e *per eger*,

sem suprimir a distância, propõe novidades sem liquidar a novidade, abre novos sentidos para quem mendiga o sentido que vai na frente»⁹⁶. Muitas vezes, a ida aos locais de peregrinação tem como objectivo pedir uma benesse especial, ou então, agradecer uma graça. Tudo se joga na subjectividade e na interioridade de cada crente. Muito raramente a visita a estes locais tem em vista o descanso ou o turismo de fim-de-semana. «O “caminho”, de facto, é um símbolo da existência que se expressa numa múltipla gama de acções como a partida e o regresso, a entrada e a saída, a subida e a descida, o caminho e a paragem»⁹⁷.

Localizando-se em lugares geográficos particulares, os santuários identificam e atestam sempre uma identidade específica. Contudo, na profundidade da sua essência significativa, não possuem qualquer nacionalidade. Primam pela universalidade: são frequentados por homens e mulheres de todo o planeta. Os seus limites são o mundo inteiro. Só assim se percebe que o Santuário de Fátima se intitule como o altar do mundo⁹⁸. Nos santuários, a religião e a cultura dos povos unem-se de modo perfeito. Todos vêm com o mesmo objectivo: orar e partilhar as suas culturas com outros povos. «Por estes caminhos o homem insere-se no compreendido dos outros e encontra-se no laço que a liga aos antepassados, aos contemporâneos e aos que lhe sucedem»⁹⁹.

«A peregrinação está para o ser humano como o sangue está para vida»¹⁰⁰.

Assim pode ler-se em fragmentos de textos ou em inscrições nas paredes de

“para lá das fronteiras”, evocam alguém que é estrangeiro». J. REIS, «O Universo das peregrinações. Aspectos religiosos e culturais», 310.

⁹⁶ J. DA SILVA LIMA, *A Peregrinação. Percursos e Palavras*, 45.

⁹⁷ Conselho Pontifício para a pastoral dos Migrantes e Itinerantes, *A Peregrinação no grande Jubileu do ano 2000*, 1.

⁹⁸ Cf. A. MENDES, «O Santuário, Espaço de Evangelização», 7.

⁹⁹ M. MORREIRA DA COSTA SANTOS, «O homem peregrino», 163.

¹⁰⁰ J. DA SILVA LIMA, *A Peregrinação. Percursos e Palavras*, 19.

edifícios antigos, hoje em ruínas, ou até nos alicerces de edifícios novos: «O “muro g” está coberto de *graffiti*, isto é, de inscrições que os peregrinos gravavam para exprimir os seus votos e sentimentos»¹⁰¹.

Ser peregrino está inscrito no nosso património genético, não é específico dos nossos dias. No período nómada, o Homem buscava as melhores condições para a sobrevivência da comunidade. No período sedentário, decidiu procurar locais para se encontrar com o Divino no silêncio¹⁰². Ser peregrino obriga o crente a pôr-se a caminho à procura. «À partida, a experiência do homem é a de um nómada que, de terra para terra, mendiga um lugar com condições ideais, mas que não o encontra; nesta ausência contínua, descreve aquilo que é: um ser em trânsito para uma pátria definitiva»¹⁰³. O Homem só existe na relação inter-pessoal do eu-tu-nós, que é maior em Deus Uni-trino que entre os seres humanos e que emerge na intersubjectividade, mas não se dissolve nela. «Ao amor da pericorese trinitária, dimensão relacional, em que os participantes (jogadores) se aceitam como iguais, corresponde a evolução do homem para a humanidade, socialidade; ao fim em Deus, que é amor, corresponde a evolução do homem para o poder ser, no amor»¹⁰⁴.

¹⁰¹ J. O. BRAGANÇA, «Sentido cristão do peregrinar», 55.

¹⁰² «Silêncio é o novo nome de Deus. Penetra tudo, cria, conserva e ninguém percebe». I. LARRAÑAGA, *O silêncio de Maria*, 105.

¹⁰³ J. DA SILVA LIMA, *A Peregrinação. Percursos e Palavras*, 21.

¹⁰⁴ M. MORREIRA DA COSTA SANTOS, *Fé e Dom para o jogo*, 10.

1. Ser humano como ser que peregrina

«“Por que é que os homens se deslocam em vez de ficarem quietos?” As viagens nunca são apenas exteriores»¹⁰⁵.

A nossa vida tem início no dia em que nascemos e culmina na posse da *Terra Prometida*, a morada eterna¹⁰⁶. Somos peregrinos em terra estrangeira¹⁰⁷. «O paradoxo da existência é descrito na carta a Diogneto: moram na própria pátria, mas como peregrinos. Enquanto cidadãos de tudo participam, porém tudo suportam como estrangeiros. Toda a terra estranha é pátria para eles e toda a pátria é terra estranha»¹⁰⁸. Este caminho é inóspito. Possuímos dele apenas o conhecimento do local de partida e sabemos (pela fé) onde fica o final do percurso.

O ser humano só existe na medida em que supera, constantemente, os limites daquilo que pode saber e, deste modo, dominar»¹⁰⁹. Antropologicamente, o ser humano auto-realiza-se no seu “ex-sistir”, no sair de si, no ultrapassar-se, no entrar em êxodo, no peregrinar. Anseia ser mais, fazer-se para além da finitude. Compreende-se a si mesmo, contemplando a alteridade que o encaminha para uma viagem de retorno a si, um partir sem sair. Caminhar para encontrar-se constitui a sua estrutura ontológica. Peregrinar pertence ao âmago do ser, insatisfeito, inacabado, que não se é, mas se procura ser¹¹⁰.

¹⁰⁵ J. Tolentino MENDONÇA, *O Tesouro Escondido*, 107.

¹⁰⁶ «Aquele descanso com repoisastes no sétimo dia, após tantas obras excelentes e sumamente boas – as quais realizastes sem fadiga, significa-nos, pela palavra da vossa Escritura, que também nós depois dos nossos trabalhos, que são bons porque no-los concedestes, descansaremos em Vós, no sábado da Vida Eterna». STO. AGOSTINHO, *Confissões*, XIII, 36.

¹⁰⁷ «Caríssimos, rogo-vos que, como estrangeiros e peregrinos, vos abstenhais dos desejos carnaís, que combatem contra a alma» (1 Pe 2, 11).

¹⁰⁸ M. L. MARQUES, *A Diogneto* (Edição Bilingue), 53.

¹⁰⁹ J. M. DUQUE, *Homo Credens – Para uma Teologia da Fé*, 47.

¹¹⁰ «O caminho é um símbolo da existência que se expressa numa múltipla gama de acções como a partida e o regresso, a entrada e a saída, a subida e a descida, o caminho e a paragem. Apenas faz o

A plenitude é a meta para o ser humano onde se lança e demanda fundamentos de estabilidade. Quer saber a origem do mistério de ser, o que é e o que já não pode deixar de ser. O ser humano pergunta e tenta escutar quem chama. 'Partir', 'deixar', 'sair', 'procurar', 'ir' são os verbos de movimento que constituem a gramática do peregrino. O pé enraizado na terra dura; a viagem que empreende por caminhos novos, junto de outros com quem entra em comunhão e compreende que o mundo só pode ser habitado em convivência enquanto ser-um-com-os-outros, silenciosamente, em paz consigo, com Deus e com os outros¹¹¹. Quando encontra a tenda do encontro, um olhar para o alto envolve a existência na graça gratuita que expia e protege, no amor e na felicidade que se vivem sem palavras.

O ser humano busca lugares altos para o encontro com a presença divina purificadora e próxima. A existência é semeada de amarguras, incongruências, falhas e incompreensões, daí a naturalidade da busca de um lugar onde possa experienciar uma “mística de purificação” consoladora, um “altar” de palavras e alimento¹¹². São ambientes de visita obrigatória, geralmente inscrita na agenda pessoal e colectiva, como se de uma obrigação inconsciente se tratasse. O fenómeno da peregrinação atrai grandes massas. Estas manifestações podem ser lidas na sua dimensão simbólica que é de ordem antropológica.

O indivíduo sai do seu círculo normal de convivência e se insere na totalidade de um colectivo caminhante, deixando a rotina do quotidiano. O “eu” dá conta de um “nós”, milagre da descoberta da comunidade, de ser-um-com-os-outros

seu ingresso no cenário do mundo, o homem caminha buscando sempre novas metas.» Cf. Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, *A Peregrinação. O Santuário*, 1.

¹¹¹ Cf. «Não é de estranhar que, no turbilhão desta contínua mudança, a humanidade experimente o cansaço e nutra o desejo de um lugar, que possa ser um santuário onde repousar, um espaço de liberdade que torne possível o diálogo consigo mesmo, com os outros e com Deus». Cf. *Ibidem*, 24.

¹¹² «O anúncio, a leitura e a meditação do Evangelho devem acompanhar os passos do peregrino e a própria paragem no santuário, para que se realizem as palavras do salmista, quando diz: «A Vossa Palavra é qual farol para os meus passos, e uma luz para os meus caminhos» Sl. 119, 105). Cf. *Ibidem*, 34.

no mundo. Os horizontes expandem-se em busca do infinito, contemplam, rompem as barreiras da finitude, desejam o encontro com o ausente que se deseja presente, o Outro torna-se necessário, dá o sentido que não se vislumbra aos olhos da razão humana, testemunha a verdade pura do interior inefável.

A alteridade, a diferença de identidade pessoal, que emerge na proximidade da multidão, exige a relação interpessoal que faz ver quem sou e o que sou. Tudo aqui é sensível ao espírito e sai da obscuridade diária para se inserir na esfera transcendental silenciosa, inominável, porque do foro do mundo mais íntimo.

Se a caminhada física é visível, a caminhada interior só “*a posteriori*” se torna evidente para os outros. Abraão¹¹³ é o modelo: não só fez uma caminhada exterior, como também uma caminhada interior, para «partilhar do desejo de estabelecer uma aliança»¹¹⁴, uma caminhada alicerçada na promessa da terra, na confiança em Deus, que o guiou e lhe mostrou o rumo. Na verdade, a caminhada exterior exprime a caminhada interior. A este respeito, considere-se os discípulos de Emaús, que durante um período das suas vidas, viveram e aprenderam tudo sobre o Reino de Deus e que, quando se deu a ressurreição, não souberam dar um passo em frente, ficando voltados para o interior de si mesmos. Jesus disse-lhes então:

«Ó homens sem inteligência e lentos de espírito para crer em tudo quanto os profetas anunciaram! Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na sua glória? E começando por Moisés e, seguindo por todos os Profetas, explicou-lhes todas as Escrituras, tudo o que lhe dizia respeito» (Lc 24, 25-27).

¹¹³ «A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: “Pela fé, Abraão *obedeceu* ao chamamento de Deus, e partiu para um lugar que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia” (He 11,8). Pela fé, viveu como *estrageiro e peregrino na terra prometida. Pela fé, Sara recebeu a graça de conceber o filho da promessa. Pela fé, finalmente, Abraão ofereceu em sacrifício o seu filho único*». M. MORREIRA DA COSTA SANTOS, *Fé e Dom para o jogo*, 15.

¹¹⁴ J. LAFRANCE, *Reza ao Pai no teu íntimo*, 19.

É, sem dúvida, a luz da fé que guia. «A Deus que se revela é devida a “obediência da fé” (Rm 16,26; 1,5; 2Cor 10, 5-8). Pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus, oferecendo a “Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade” e prestando voluntário assentimento à Sua revelação» (DV 5). Através da força do Espírito Santo, o crente abre-se à Sagrada Escritura e se alimenta do Pão Eucarístico, para assim ganhar novas forças para a jornada.

«A missão de Cristo e do Espírito Santo completa-se na Igreja, corpo de Cristo e templo de Espírito Santo. Esta missão conjunta associa, a partir de agora, os fiéis de Cristo à sua comunhão com o Pai no Espírito Santo: o Espírito prepara os homens e previne-os com a sua graça para os atrair a Cristo. Manifesta-lhes o Senhor Ressuscitado, lembra-lhes a sua Palavra e abre-lhes o espírito à inteligência da sua morte e da sua Ressurreição. *Torna-lhes presente* o mistério de Cristo, principalmente na Eucaristia, com o fim de os reconciliar, de os *pôr em* comunhão com Deus, para dar “muito fruto” (Jo 15, 5. 8. 16)» (CCE 737).

Ao longo da caminhada, Deus mostra-se de múltiplas maneiras, mas nunca claramente. Isso está reservado para o eterno encontro¹¹⁵. «Agora, vemos como num espelho, de maneira confusa; depois, veremos face a face. Agora, conheço de modo imperfeito; depois, conhecerei como sou conhecido» (1 Cor 13, 12)¹¹⁶.

¹¹⁵ «Deus dá-se-nos a conhecer como mistério de amor infinito, no qual, desde toda eternidade, o Pai exprime a sua Palavra no Espírito Santo». VD 6.

¹¹⁶ ««Vemos (*blépomen*: ind. pres. de *blépo*) agora, na verdade, através de um espelho, de maneira confusa (*ainígmátí*); então, ao contrário, rosto a rosto (*prósôpon prós prósôpon*). Agora conheço (*ginôsko*) parcialmente (*ek mérous*). Então, ao contrário, conhecerei (*epignôsomai*: fut. de *epiginôsko*) como também fui conhecido (*epegnôsthen*: aor. pass. de *epiginôsko*)” (1 Cor 13,12). Extraordinário e completo conhecimento pessoal, expresso na passagem do verbo normal *ginôsko* para o verbo pleno *epiginôskô*. A verdadeira natureza e medida deste conhecimento vem de Deus. O “rosto a rosto” lembra e remete para o “boca a boca” de Nm 12,8, com a intimidade de um beijo». A. COUTO, *Uma Palavra é melhor do que um Presente*, 213.

Moisés é o “*typos*”. «Jahvé vai tomar a iniciativa do encontro, chamando Moisés pelo seu próprio nome. A única atitude diante de Deus é dizer-lhe: “Aqui estou”. É um acto de disponibilidade, de humildade, de pobreza e de entrega»¹¹⁷.

Todo o crente tem a Igreja como guia na descoberta do Deus de Amor. Ela é mãe e mestra: Mãe, porque acolhe no seu seio todos os filhos de Deus, e mestra, porque educa na fé os que a ela estão confiados. «E neste caminhar “deve estabelecer fronteiras e atravessá-las, abrir conceitos e acreditar”, na máxima diversidade frente aos exclusivismos»¹¹⁸.

Sempre que o ser humano recebe a graça divina de ser escolhido por Deus, a sua vida se transforma em definitivo. Nesse aspecto, Maria é modelo: discreta nas atitudes, «pobre e peregrina. Com o seu “faça-se” entra na grande aventura da fé adulta. Dando esse passo, queimou os navios e não poderá voltar atrás»¹¹⁹.

A vida é o primeiro dom. «Eu disse: em meio da vida, vou descer às portas da morte, privado do resto dos meus anos. Eu disse: Não mais verei o Senhor na terra dos vivos, não verei mais ninguém entre os habitantes do mundo» (Is 38, 10-11).

A qualidade de vida eterna que teremos é preparada no caminho que é a vida em comunhão com os irmãos. Assim sendo, a peregrinação é uma

«Realidade polissémica (...) passa do religioso para o cultural, para a vida, e o vocábulo recebe tal densidade que invade toda a existência. É sobretudo urgente, quando as situações opostas tendem a serem explosivas; para que elas possam redundar em vida e não em morte, deve o homem peregrinar à busca duma

¹¹⁷ J. LAFRANCE, *Reza ao Pai no teu íntimo*, 15.

¹¹⁸ M. MORREIRA DA COSTA SANTOS, «O homem peregrino», 160.

¹¹⁹ I. LARRAÑAGA, *O silêncio de Maria*, 73.

sabedoria, que lhe permite viver a sua vida e não perturbar a paz dos outros nem a destruição da natureza»¹²⁰.

Na verdade, seremos julgados pelo bem: «Por mais estranho que pareça, homens livres, para quem a liberdade é efectivamente um valor, são os que estão presos por causa da liberdade dos outros»¹²¹. Serão os pobres e marginalizados os nossos juízes: «A alma que se entrega encontrou o céu na terra, pois desfruta essa paz que constitui em parte a felicidade dos eleitos»¹²².

2. O peregrino a caminho do Santuário

«Qualquer peregrinação envolve uma estrutura essencial: por um lado, acolhe peregrinos que caminham para um centro escolhido em razão da sua fé, relativamente ao sagrado e, por outro, uma motivação do ou dos peregrinos que procuram ou esperam um encontro com uma realidade misteriosa e invisível. A atitude é um acto de crença, isto é, uma inclinação do *homo religiosus*»¹²³.

A deslocação do peregrino ao santuário nasce de uma vontade de dentro (caminhada interior) e concretiza-se num percurso (caminhada exterior), para o qual o Homem se prepara física e psicologicamente, vestindo roupas e calçado adequados, pondo às costas uma mochila, munindo-se apenas do essencial, um cajado e água, tendo plena consciência do caminho e fé em que o próprio Deus caminha ao seu lado, tal como no Primeiro Testamento¹²⁴. Na realidade, «Deus

¹²⁰ M. MORREIRA DA COSTA SANTOS, «O homem peregrino», 170.

¹²¹ A. ALÇADA BAPTISTA, *O Riso de Deus*, 62.

¹²² J. LAFRANCE, *Reza ao Pai no teu íntimo*, 268.

¹²³ J. REIS, «O Universo das peregrinações. Aspectos religiosos e culturais», 313.

¹²⁴ «Quando a nuvem se retirava de cima do santuário, os filhos de Israel partiam de viagem, e quando a nuvem não se retirava, não partiam, até ao instante em que ela se elevava. Porque uma nuvem do Senhor cobria o santuário durante o dia, e um fogo brilhava ali durante a noite, aos olhos de toda a casa de Israel, em todas as suas caminhadas» (Ex 40, 36-38).

precede qualquer caminhada dos peregrinos»¹²⁵, transformando o caminho em lugar de oração¹²⁶, revelação e partilha¹²⁷.

O desejo de peregrinação remonta pelo menos ao tempo do povo da Primeira Aliança, como demonstra o salmo:

«Felizes os que em Ti encontram a sua força, e os que desejam peregrinar até ao monte Sião. Ao atravessar o vale do pranto farão dele um oásis, que as primeiras chuvas cobrirão de dádivas. Eles avançam com entusiasmo crescente, até se apresentarem em Sião diante de Deus» (Sl 84, 6-8). «Quem sobe até ao santuário, sente-se obrigado a abandonar a lógica humana, que tem a pretensão de definir tudo com base naquilo que se vê e produz, e coloca-se numa atitude de veneração, rica de sentido de mistério. Assume uma atitude de respeito, de admiração e de adoração, um sentimento de maravilha diante do dom de Deus que deve ser acolhido em espírito de acção de graças»¹²⁸.

Durante séculos, as peregrinações foram realizadas a pé. Hoje em dia, o peregrino tem ao seu dispôr meios motorizados que simultaneamente dão conforto e reduzem o tempo de viagem.¹²⁹ A deslocação a pé¹³⁰ é mais corrente e o que melhor caracteriza o nosso modo de olhar um peregrino. Este caminhar dá-nos a certeza de que não somos os únicos a pisar a mesma estrada, temos a solidariedade de muitos outros irmãos que a realizam também. «A pé, a uma distância sempre humana, vai o companheiro de muitos rostos, que cria, com cada peregrino, aquela ânsia de seguir

¹²⁵ J. DA SILVA LIMA, *A Peregrinação. Percursos e Palavras*, 31.

¹²⁶ «Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estarei no meio deles» (Mt 18, 20).

¹²⁷ É ao longo do caminho que Jesus Cristo se releva a São Paulo e também é ao longo do caminho que Jesus Cristo ensina e se dá a conhecer aos discípulos de Emaús. «Peregrinar torna-se assim acto não só de solidariedade, mas de maturação de cada pessoa, enquanto pressupõe o reconhecimento dos outros como interlocutores do que há de mais profundo em nós». F. M. PEREIRA, «A peregrinação, fenómeno humano e religioso», 322.

¹²⁸ A. DIAS, «Os santuários, lugares de Evangelização», 69.

¹²⁹ «Hoje, as distâncias geográficas são vencidas pela tecnologia automóvel. Porém permanece sempre aquela distância interior que só cada um, de pé vence para si mesmo. No seio de uma civilização rica de meios e sofisticada tecnologicamente, a peregrinação mais genuína comporta sempre uma dimensão pessoal, a pé que realiza em cada um aquela superação de que necessita» J. DA SILVA LIMA, *A Peregrinação. Percursos e Palavras*, 55.

¹³⁰ «Homem ou mulher, o ser humano pondera e calcula a pé, como caminha, avança e desafia a pé também». *Ibidem*, 48.

em frente, caminhando à sua medida, na certeza da confiança e tornando-o um seguidor de quem avança na frente»¹³¹. É no decorrer da caminhada que o homem vai sentido a dureza do caminho. De dia, sofre o calor do sol e, de noite, o frio da madrugada. Além disso, este é um caminho de penitência que faz «emergir, no desejo de purificação, a vida terrena como momento de peregrinação e purificação para a vida eterna: “...o homem... crente... carregado das suas atribulações... em procissão vai-as alijando pelo caminho, até que despojado de todas as gangas mundanais, tem acesso disponível às nascentes sagradas...” É a busca dum acesso a Deus, em que o homem esteja mais livre»¹³².

Os peregrinos seguem os caminhos e rotas traçadas pelos antepassados que, para os assinalar, colocaram sinais, como marcos, cruzeiros, nichos, entre outros. Assim sendo, temos, por obrigação, cuidar e transmitir estes tesouros às gerações futuras:

«A peregrinação a Santiago ia alimentando este movimento. Muitos peregrinos aproveitavam a viagem para conhecer novas terras, alguns demoravam-se longamente, outros ficavam, outros, ainda, regressavam a casa mas não resistiam a fazer nova viagem. Aqueles que voltavam às suas terras incitavam outros peregrinos a fazerem o mesmo caminho; e assim o fluxo de estrangeiros ia-se renovando constantemente»¹³³.

Ao longo da caminhada, o peregrino tem necessidade de descansar e orar. A caridade em acolher os peregrinos é herdada do povo de Israel. Na verdade, «os habitantes de Jerusalém preparavam o acolhimento de dezenas de milhares de peregrinos, sobretudo preparando os caminhos e restaurando os poços de água»¹³⁴.

¹³¹ J. DA SILVA LIMA, *A Peregrinação Percursos e Palavras*, 52.

¹³² M. MORREIRA DA COSTA SANTOS, «O homem peregrino», 162.

¹³³ J. MATTOSO, «O tempo hispânico e a “invenção” de São Tiago», 367.

¹³⁴ H. ALVES, «Os Santuários no Antigo Testamento», 125.

Da mesma forma, os albergues, as estalagens, as pousadas, os mosteiros, os conventos e outros tipos de alojamento concretizam a terceira das virtudes teologais¹³⁵:

«O *Guia do peregrino de Santiago* (elaborado por volta de 1140) fala de alguns dos lugares de acolhimento como “lugares santos, casa de Deus, restauração dos santos, repouso dos peregrinos, consolação dos indigentes, saúde dos enfermos, socorro tanto dos mortos como dos vivos”. Nesses lugares eram acolhidos os peregrinos, tratados os doentes, recebiam sepultura os que morriam de exaustão ou que tinham sido mortos por assaltantes»¹³⁶.

Quando as forças começam a faltar, o peregrino questiona-se. É nesta altura também que surge a primeira visão da meta. Três exemplos ilustrativos são o Monte do Gozo na Galiza¹³⁷ ou as pontes do rio Cávado, que ligam o concelho de Vieira do Minho ao concelho de Terras do Bouro e que dão acesso ao Santuário de São Bento da Porta Aberta, ou ainda a encosta do monte do Santuário do Sameiro, onde se situa o Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, em Braga. Vislumbrando a meta, o crente ganha novo fôlego e parte cantando hinos e cânticos ao patrono do santuário:

«A Senhora do Sameiro
Lá está no seu altar
Com a sua mão direita
P’ra todos abençoar. (Popular)»¹³⁸.

¹³⁵ «A caridade é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, por amor d’Ele» (CCE, 399).

¹³⁶ L. MANICARDI, *A Caridade dá que fazer*, 111.

¹³⁷ Cf. S/a, «Monte do Gozo», <http://camino.xacobeo.es/pt-pt/pontos-de-interesse/monte-do-gozo> (18 de Junho de 2012).

¹³⁸ D. DA SILVA ARAÚJO, «Poesia do Sameiro», 237.

3. Chegada do peregrino ao Santuário

Chegado finalmente à meta, o peregrino agradece ao patrono do santuário a realização do caminho. «O acolhimento proporcionado no santuário pode dizer-se “teste de fidelidade ao Evangelho”. Cada é um ser digno e único com quem se faz caminho para a Pátria definitiva. Importa, por isso, vencer tentações de egoísmo e até de rejeição, em tempo marcado pela massificação, pelo anonimato e pela xenofobia, em certos lugares»¹³⁹.

Assim sendo, nos santuários existem pessoas formadas na prestação de serviços permanentes quer em regime de voluntariado (são uma das referências à virtude da caridade presente nos cristãos), quer assalariados, cuja missão se centra, exclusivamente, no acolhimento a todos os peregrinos.

«É um serviço contínuo, que começa onde acaba o outro, pois trabalhar para Deus não há folgas, nem descanso, nem férias, estamos sempre em serviço, 24 horas por dia, porque quando acaba o serviço, começa o do testemunho, até mesmo enquanto voltamos para a casa, porque todos somos peregrinos a caminho do Santuário do Céu»¹⁴⁰.

A maioria dos santuários tem ainda placas informativas que ajudam o peregrino a orientar-se. Estas placas não excluem a necessidade de um posto informativo que possibilite o contacto pessoal. «A comunidade cristã poderá prestar uma colaboração imprescindível neste campo, apontando caminhos a seguir, disponibilizando notas de recomendação, oferecendo um caderno de pré-avisos dentro da lógica de servir o Homem. A lucidez necessária não precisa de grandes

¹³⁹ J. DA SILVA LIMA, «Pastoral dos Santuários», 181.

¹⁴⁰ C. DOTTI, «Os acolhedores: sentinelas do Santuário», 145.

símbolos, mas oferece-se em textos curtos que o peregrino ou turista apropria em momentos de pausa»¹⁴¹.

Os peregrinos devem ser recebidos como se fossem a própria pessoa de Jesus Cristo, pelo que, com a função de os receber tem um “código deontológico”, por que deve pautar o serviço de entreaajuda:

«O acolhedor deve abrir-se de par em par ao mundo do acolhido, permitindo que esse mundo entre nele livremente como sol pelas janelas abertas. Toda a resistência da parte do acolhedor criará resistências na acolhida...

O acolhedor tem de viver a situação do acolhido, pois o acolhido vai à procura do que lhe falta...

O acolhedor tem de se adaptar à situação do acolhido entrar em comunicação com ele, num relacionamento de escuta.

O acolhedor deve ter a sensibilidade de quem, com serenidade e atenção aos problemas do outro, se disponibiliza para dar ajuda de que precisa.

Deve saber conciliar a exigência com a doçura, numa flexibilidade capaz de respeitar as regras, sem se pôr contra o acolhido.

Os acolhedores sabem que Deus é ab-soluto e nós todos dependentes incapazes de resolver os problemas todos e de todos.

Compreensivo em cada situação que se lhe apresente»¹⁴².

O bom acolhimento está no modo como tratamos o próximo – com a mesma dignidade com que gostaríamos de ter ser tratados. «O segredo de uma cultura de acolhimento está na vocação ao amor que pressupõe opção radical pela estima do próximo, fugindo à indiferença, à apatia e às rotinas de egoísmo que instalam cada peregrino em si mesmo»¹⁴³.

¹⁴¹ J. DA SILVA LIMA, *Entre Rezas & Romarias Piedade Popular e Prática Pastoral*, 94.

¹⁴² C. DOTTI, «Os acolhedores: sentinelas do Santuário», 145.

¹⁴³ J. DA SILVA LIMA, «Pastoral dos Santuários», 183.

4. Peregrinação ao Santuário da Penha

Joaquim Bragança explica o sentido litúrgico profundo da peregrinação à Penha. Num tempo em que procuramos estabelecer pontes de sentido que liguem o Ocidente ao Oriente, Maria é uma das ligações eternas que nunca podemos deixar de considerar. Com efeito,

«Além do sentido geral de qualquer peregrinação —o que implica uma preparação espiritual — a peregrinação aos santuários marianos deverá também ter uma preparação litúrgica específica, de harmonia com a festa, a invocação ou o mistério celebrado. Assim, uma peregrinação à Senhora da Assunção, deverá aprofundar e celebrar este mistério e privilégio concedido por Deus a Maria.

A festa da Natividade de Maria [8 de Setembro] nunca teve grande significado teológico no Ocidente. É apenas olhada como a festa do aniversário do nascimento de Maria. No Oriente, porém, esta festa reveste-se de grande densidade teológica. O nascimento de Maria é a aurora do mundo novo que desponta para os redimidos de Jesus Cristo, seu Filho»¹⁴⁴.

O mesmo é sublinhado no ofício litúrgico da festa da Natividade de Nossa Senhora na liturgia bizantina que se segue:

«O vosso nascimento, oh Mãe de Deus,
revelou a alegria ao universo inteiro,
porque de vós surgiu o sol da Justiça, Cristo nosso Deus.
Tendo-nos libertado da maldição, Ele nos deu a bênção,
e, tendo desfeito a morte, nos adquiriu a vida eterna.
Neste dia, Ana, a estéril, dá à luz a filha de Deus,
que estava destinada entre todas as gerações
para ser a morada do Rei e Criador de todas as coisas:
Cristo, realização do desígnio de Deus.
É por Ela que, filhos da terra, fomos recriados,
erguidos da corrupção e renovados para uma vida sem fim.
Predestinada rainha do universo,

¹⁴⁴ A. SILVA, «Penha, Centro da Devoção Mariana», 124.

nasceu neste dia do seio estéril de Ana
Aquele que é o divino santuário da Essência eterna.
É por Ela que o insolente inferno foi calcado aos pés.
Digamos-lhe todos —é de inteira justiça —
Vós sois bendita entre todas as mulheres
e bendito é o fruto do vosso ventre.
Vinde, todos os crentes, corramos à Virgem:
eis que nasceu Aquela que antes da sua concepção
foi predestinada para ser a Mãe do nosso Deus.
Ela vem ao mundo, e com ela o mundo é renovado,
Ela nasce, e a Igreja reveste a sua beleza.
Ela é o templo santo, a habitação da divindade,
o instrumento virginal, onde Cristo se fez homem:
Adoremos-Lo, e cantemos o imaculado nascimento da Virgem!»¹⁴⁵

Em Guimarães, o visitante verifica a existência de uma religiosidade popular. O alto da serra de Santa Catarina revela-se com os seus grandiosos monumentos a todos aqueles que põem em causa a fé do povo da cidade. A peregrinação ao alto da serra remonta ao século XVIII quando Guilherme Marino ali se instalou e «adaptou uma das grutas como ermida, onde colocou uma pequena imagem de Nossa Senhora. Divulgadas as virtudes do religioso, a gruta tornou-se atractivo local de peregrinações. Para que os devotos prestassem louvores à Virgem, Frei Guilherme terá pedido licença para que no seu oratório da Penha se pudessem dizer missas, celebrar ofícios divinos, confessar e comungar»¹⁴⁶.

Como hoje se apresenta, a peregrinação surgiu nos finais do século XIX, quando um grupo de operários que prometera ir todos os anos em peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave, na Póvoa de Lanhoso, substituiu este santuário, no dia 8 de Setembro, de 1887, pela subida ao alto da Penha. Dois factores contribuíram para esta mudança de local: o primeiro deve-se à proximidade

¹⁴⁵ *Ibidem*, 63.

¹⁴⁶ E. PINTO – P. BARROSO, *Penha: Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 101.

com os Albanos¹⁴⁷, que realizavam anualmente a peregrinação ao Santuário da Póvoa de Lanhoso; o segundo é devido ao amor que esses operários dedicavam à terra, em especial, à serra de Santa Catarina.

Assim, desde 8 de Setembro de 1887, a peregrinação ao alto da Penha contam com:

«(...) artistas¹⁴⁸ de curtumes [que] vão animar com as suas danças, seus trajes e sua música a romaria que ali se celebra. ... saiu às 9 horas com os artistas de curtumes e a sua “ESTÚRDIA”¹⁴⁹. À frente a bandeira nova, de seda branca, bordada a ouro, depois a bandeira antiga onde se lê: “o trabalho é honra”. Seguiam-se os artistas a cavalo, com costumes antigos e empunhando bandeiras. Em seguida “os músicos”, vestindo roupas de carnaval, tocavam o respectivo hino»¹⁵⁰.

Hoje contam-se cento e vinte e cinco anos de peregrinações (1887 – 2012), mas a primeira peregrinação organizada data de 1893:

«Entretanto, a primeira peregrinação devidamente organizada e regular à Penha realizou-se no dia 8 de Setembro de 1893, um ano depois de, em 17 de Julho de 1892, por ocasião da festa de Nossa Senhora do Carmo, ser colocada numa gruta da Penha a imagem da Senhora de Lurdes»¹⁵¹.

Outros movimentos se foram associando à peregrinação, tendo-se reservado o dia da Natividade de Nossa Senhora para a escalada em peregrinação o alto da serra de Santa Catarina nestes moldes:

«A Procissão caminha na montanha!
Tremulam guiões!... Vibram metais!... Andores,

¹⁴⁷ Cf. Adelino SILVA, «Penha, Centro da Devoção Mariana», 124.

¹⁴⁸ Na época, os trabalhadores não eram designados por operários mas por artistas. Quando um jovem enveredava numa área profissional, era considerado aprendiz o responsável, mestre.

¹⁴⁹ «Segundo um costume antigo e galhofeiro, a estúrdia era designação do grupo dos artistas da Rua de Couros que, vestidos de forma extravagante e tocar instrumentos exóticos, manifestava-se popular e caricaturalmente, abrindo o cortejo religioso» E. PINTO – P. BARROSO, *Penha: Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 166.

¹⁵⁰ A. SILVA, «Penha, Centro da Devoção Mariana», 125.

¹⁵¹ E. PINTO – P. BARROSO, *Penha: Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 167.

Em passos de milagre, em calma estranha,
Deslizam na torrente das mil cores»¹⁵².

Na época, o lugar de concentração dos peregrinos situava-se junto da Basílica de São Pedro do Toural, localizada no centro da cidade e onde anteriormente se tinha celebrado uma missa de acção de graças:

«A caminhada iniciou-se entre cânticos e orações de louvor da basílica, seguiu pela “Praça do Toural, lado Norte, Rua da Rainha, Oliveira, Senhora da Guia, Campo da Feira, Capuchas, serra a acima via Costa, passando pelo Carvalhal e Montinho”, com a incorporação da Associação das Filhas de Maria, dos Congregados de Maria Imaculada de S. Luís de Gonzaga e associados dos Centros Apostolado, do Círculo de Guimarães, e muitos fiéis, entre cânticos e recitações»¹⁵³.

Ao chegar ao alto da serra, os peregrinos recolheram-se para a celebração da Eucaristia solene. Os concelhos vizinhos, Fafe, Felgueiras, Amarante marcaram presença. A inauguração da estátua do Papa Pio IX fora um acontecimento único e aconteceu ao meio-dia em ponto, a hora da oração do anjo. Após a inauguração, seguiu-se na gruta, local onde se encontra a estátua de Nossa Senhora de Lurdes, a Eucaristia de acção de graças¹⁵⁴.

Na verdade, rapidamente, a peregrinação tornou-se um baluarte da maior manifestação de fé do povo de Guimarães por Nossa Senhora, pelo que, mais tarde, a devoção gerou a necessidade de compor um hino.

Eis o hino oficial da peregrinação à Virgem de Lurdes da Penha:

¹⁵² Cf. AA VV., *Do alto da Penha canto a Maria*, 133.

¹⁵³ E. PINTO – P. BARROSO, *Penha: Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 167.

¹⁵⁴ Cf. Adelino SILVA, «Penha, Centro da Devoção Mariana», 141.

«Entre votos, preces, hinos
Em dar à Virgem da Penha
Guimarães hoje se empenha
Tributos de devoção.
Acolhe os teus peregrinos,
Virgem das margens do Gave
Ave, ó flor de Lurdes, Ave!
Ó Virgem da Conceição.

A teu amparo, ó Maria,
Habitados já tens
O Berço da Monarquia
Os filhos de Guimarães.
A simbólica Oliveira
Já fadava a cabeceira
Do nosso berço infantil
E nossas mães em seu seio
Calmavam tépido anseio
De nossos perigos mil.
És nossa Mãe, nosso abrigo
Vimos sempre em Ti buscar,
Na cidade em templo antigo,
No monte em rústico altar,
No templo de Mumadona
A oliveira nos abona
D a luta cristã a paz
E essa gruta lá no alto
Contra os repentes do assalto
Materna guarda nos faz.

Se nos abate em desmaios
Justa vingança dos céus
Lá no alto és pára-raios
Boa Mãe de filhos teus
No alto, ó Virgem de Lurdes
Nas brumas da terra surdes,
Como na costa em farol
Como em noite pavorosa
Entre visos d'oiro e rosa
Aurora de eterno sol.
Que bem ficas a nascente,
Ó Mãe de quem Deus nasceu!
Assim brilhe sem poente
O teu sol ao povo teu!
Altas ficas na montanha
Que houvera de ser peanha
Formada de corações
Tens ao pé e te apregoa
Pio, que em tua coroa
Pôs o melhor dosflorões.
Como d'essa tua penha
Águas saudáveis nos vêm
Da tua gruta a nós venha
Rio de graças também,
Com águas de tua serra

*Ver gel, pomar e jardim
Se fonte de graças fores
Nossas almas darão flores
De um Maio que não tem fim.*

*Sim, ó Mãe, pois nos pertences
E pertencemos-te nós,
Toma aos teus Vimeirense
A antiga fé dos Avis.
Ao carácter a firmeza,
Aos costumes a pureza,
Fidalguia ao coração
Seja o mote d'esta terra
- Paz ao bem, ao vicio guerra,
Ser herói e ser cristão»¹⁵⁵.*

¹⁵⁵ E. PINTO – P. BARROSO, *Penha: Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 163.

Vários acontecimentos evidenciam a importância desta peregrinação. O Arcebispo de Braga, D. António José de Freitas Honorato, concedeu a indulgência a todos os peregrinos que participassem na peregrinação à Penha do dia 8 de Setembro de 1894, através do documento seguinte:

«PORTARIA

DE

S. EXC.^a REV.^{ma} SENHOR

D. ANTONIO JOSÉ DE FREITAS HONORATO

ARCEBISPO DE BRAGA, PRIMAZ DAS HESPAÑHAS

Á GRANDE COMMISSÃO DA PEREGRINAÇÃO Á PENHA

NO DIA 8 DE SETEMBRO

ATTENDENDO ao que Nos representou a illustre Comissão promotora da projectada da grande Peregrinação a Nossa Senhora de Loudres, na Penha, suburbio da Cidade de Guimarães, no dia oito do proximo Setembro, festa da Natividade da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus e dos homens, em comemoração do 50.º anniversario do Apostolado da Oração, em Portugal; e não permitindo as Nossas forças phisicas que pessoalmente possamos tomar a presidencia d'essa manifestação catholica, como era desejo dos vimaraneses, Nossos muito amados Filhos em Jesus Christo, expresso pela mencionada Commissão e Nosso, que pelo Sagrado Coração de Jesus, Nosso Divino Redentor e Salvador, temos intima e fervorosíssima devoção, e n'Elle e na intenção da Divina Mãe depositamos a mais firme esperança de rejuvenescimento da nossa querida patria por meio das virtudes christãs; Havemos por bem não só declarar que do melhor grado acceitamos e tomamos a presidencia honoraria d'aquella manifestação catholica, da qual esperamos copiosos tructos de bênção, commettendo ao muito Reverendo Desembargador da Nossa Relação Ecclesiastica, João Nepomuceno Pimenta, Professor e Vice-Reitor do Seminario Conciliar, as Nossas vezes, para tomar a presidencia pessoal na mencionada manifestação, mas de todo o Nosso coração abençoar referida Commissão, os Fieis vimaraneses e todos quantos na mesma manifestação de fé e piedade tomam parte, ainda que só em espirito, quando mais não possam; e a todos e cada um dos mesmo Concedemos 40 dias de verdadeira indulgencia, se devotamente rezarem um *Padre Nosso, Avé Maria e Gloria*, em honra do Sagrado Coração de Jesus, e pelas necessidades espirituosas e temporaes da Igreja em geral e da nossa querida patria em particular. Registe-se, publique-se na *Voz da Verdade*, e remeta-se á supradicta Commissão, para seu conhecimento e demais efeitos.

Paço de Braga, aos 25 de Agosto de 1904.

Antonio, Arcebispo Primaz

Registada no livro competente,

J. Guimarães»¹⁵⁶.

No dia 12 de Junho de 1927 teve lugar uma missa campal histórica - a que encerrou o II Congresso Nacional Eucarístico, realizado em Guimarães¹⁵⁷.

De secundária a peregrinação da Penha passa rapidamente a peregrinação principal.

A este propósito, o Papa João Paulo II escreveu uma Exortação Apostólica aos participantes do 33.º Congresso da Associação Nacional Francesa dos Directores, através da qual mostra a importância das peregrinações. A exortação, de trinta e dois anos, ainda continua actual:

«Caros amigos, tendes nas mãos uma chave do futuro religioso do nosso tempo: as peregrinações cristãs redescobertas e vividas em todas as suas dimensões e exigências, que podem corresponder a uma expectativa mais ou menos consciente dos homens e dos crentes, insatisfeitos com o ambiente materialista actual. As concentrações religiosas, demasiadamente subestimadas por alguns, poderão evitar-lhes a aventura de uma adesão a grupos que buscam, em fontes equívocas, um certo calor humano e religioso. É tempo de conceder à pastoral das peregrinações um lugar pelo menos igual ao que se deve dar à indispensável formação de uma elite. É muito desejável que se promova tanto uma como a outra sem as opor, mas de maneira completamente dinâmica. É com esta esperança que vos abençoo de todo o coração, como também aos vossos dedicados colaboradores»¹⁵⁸.

Considerado Ano Santo¹⁵⁹, declarado pelo Beato papa João Paulo II, o ano de 1983 foi um ano especial para todos os cristãos e marcado por muitas manifestações de fé. Guimarães associou-se ao apelo e não quis passar ao lado de tal acontecimento. Assim

¹⁵⁶ E. PINTO – P. BARROSO, *Penha: Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 168.

¹⁵⁷ *Ibidem*, 191.

¹⁵⁸ «A peregrinação momento original de catequese eclesial» in *Jornal L'osservatore Romano*, 660.

¹⁵⁹ Cf. PIO XII, «*Non Mai Forse*, sobre o Ano Santo de Deus».

sendo, a peregrinação ao alto da Penha de 1983 teve como tema o «Ano Santo na Penha de Guimarães»¹⁶⁰.

D. Eurico Nogueira, Arcebispo de Braga fez referência, neste ano na homilia da peregrinação, ao Ano Santo e a Nossa Senhora, como Aquela que auxilia o peregrino no seu caminhar.

«Mais uma vez o povo crente de Guimarães e seu termo subiu, desde a cidade que embalou Portugal nascente, os íngremes caminhos da Penha. Em devota peregrinação ergueu orações e louvores à Virgem Maria que se venera no seu milenário solar, na Colegiada da Oliveira. Cortejo impressionante, repetido anualmente, na fidelidade a uma tradição secular, mas sobretudo na exteriorização da devoção a Nossa Senhora, que é timbre dos portugueses de todos os tempos e lugares. Aqui estamos agora nesta esplanada, frente ao santuário, a celebrar a Eucaristia dominical que conclui o nosso peregrinar de hoje. E nela evocamos a Rainha de Portugal que é a Mãe do Redentor e Mãe da Igreja. Estes títulos lembram os dois mistérios que o Santo Padre quis destacar e oferecer à nossa consideração, ao decretar este novo Ano Santo que estamos a viver e cujas graças são oferecidas aos peregrinos da Penha neste dia. São o mistério da Redenção e o da Igreja. (...) Ora, Nossa Senhora é *Mãe do Redentor*, pois foi o instrumento da vinda ao Mundo do Filho de Deus, investido na missão de redimir a Humanidade. É *Mãe da Igreja*, assim proclamada pelo Concílio Ecumênico, por ser Mãe de Jesus, cabeça do Organismo de que aquela é o Corpo Místico. Desde que Jesus, momentos antes da morte no Calvário, a apontou como Mãe de João Evangelista, que ali representava o germen da Humanidade remida, Maria passou a ser considerada como Mãe da Igreja que se identifica com aquela. Neste *Ano Santo da Redenção*, a recordar os 1950 anos decorridos desde o Calvário, avivemos a nossa fé em Cristo Redentor, a nossa fidelidade aos legítimos Pastores e a nossa devoção à Santíssima Virgem, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja. Estes sentimentos ajudar-nos-ão a alcançar as graças especiais próprias do *Ano Santo* extraordinário. A nossa condição de cristãos, que sabem ver em todos os acontecimentos caminhos de Deus, ajudar-nos-á a preparar, na dureza do presente, uma vida mais digna para os que vierem depois de nós. (...) A devoção terna e sincera a Nossa Senhora, cuja Natividade se celebrou há três dias, ajudar-nos-á a enfrentar as agruras presentes, na esperança do bem-estar futuro. Rezemo-lhe com um poeta clássico:

¹⁶⁰ E. DIAS NOGUEIRA, «Ano Santo na Penha de Guimarães», 524.

Ó fonte de piedade
E Mãe de Misericórdia.
Quem de ti não faz memória
Vai mui longe da verdade.
És cheia da caridade
E de tamanhos primores
Que são grandes teus louvores

Mitiga nossos tormentos
Que com tantos males crescem,
Pois nossos merecimentos
Sem os teus nada merecem.
Socorro dos que padecem
Que sejamos pecadores
Faze-nos merecedores.

Penha — Guimarães, 11-9-1983
+ *Eurico Nogueira, Arcebispo Primaz*»¹⁶¹.

A peregrinação de Setembro de 1993 comemorou o centenário da primeira peregrinação e foi descrita da seguinte forma:

«O dia de domingo nasceu com chuva. Muita chuva e vento. A fé de alguns terá sido posta à prova, uma vez mais naquele instante de decidir pela subida da montanha da Penha em Peregrinação que marcava o Centenário da manifestação do mais vivo cristianismo dos vimezeses a que se associam sempre muitos outros fiéis. E se alguns terão desanimado depois de intensamente viverem os dias que antecederam aquela Peregrinação, a verdade é que mesmo assim, foram milhares os peregrinos que uma vez mais cumpriram a tradição centenária. Em festa de Centenário o recinto fronteiro ao Santuário estava cheio de fieis para orar a Nossa Senhora. A presidir à Eucaristia, D. Eurico Dias Nogueira, acolitado por outras entidades eclesíásticas: D. Manuel Monteiro de Castro, Núncio Apostólico em El Salvador, D. Joaquim Gonçalves, Bispo de Vila Real, D. António Monteiro, Bispo Viseu, D. Augusto Ferreira da Silva, Bispo de Portalegre e Castelo Branco, D. Ernesto Gonçalves, Bispo Benemérito do Algarve e D. José Augusto Fernandes Pedreira, Bispo Auxiliar do Porto e D. Jorge Ortiga, Bispo Auxiliar de Braga. A homília de D. Eurico Nogueira foi dominada por um veemente

¹⁶¹ E. DIAS NOGUEIRA, «Ano Santo na Penha de Guimarães», 524 – 528.

apelo à paz. Paz entre os homens num mundo cada vez mais conturbado pela guerra e pela fome. Mas D. Eurico começou por falar pelo significado do peregrino humano, falando também da importância dos Santuários, a subida Penha, a guerra em Angola e Moçambique, os novos apelos à paz e o louvor a Nossa Senhora da Penha. D. Eurico Dias Nogueira fez votos para que “a Senhora da Penha, a Imaculada Conceição da Muxima, com o seu amor maternal, ajude todos os altos responsáveis a tomarem consciência dos seus indeclináveis deveres e a enveredarem pelo caminho do verdadeiro Bem público”. A peregrinação à Penha culminou uma semana de intenso programa comemorativo do Centenário da Peregrinação à Penha, com a realização da Semana Mariana e o Simpósio Mariológico, que reuniu em Guimarães em diversas conferências vários especialistas na matéria¹⁶².

Actualmente, a peregrinação atrai largas centenas de pessoas ao longo do percurso entre o largo da Oliveira até ao cimo da serra, mas há viandantes que iniciam a peregrinação a partir das suas habitações. Em alguns casos, fazendo o dobro do percurso. Se nos primórdios a peregrinação não estava subordinada a um tema, hoje o tema dá-lhe sentido e ajuda os crentes a integrarem-se e a participarem nela modo mais vivo. Todos estão unidos e cada um manifesta, livremente, a sua religiosidade pessoal.

Os escuteiros¹⁶³, com as suas fanfarras, levando a bandeira da nação, os seus estandartes e, desfilando alinhados pelas ruas da cidade, abrem a peregrinação. Logo atrás, vem uma bandeira onde está escrito: Fé, Trabalho e Honra. A bandeira pertence aos operários dos curtumes, os pais da peregrinação. A seguir, inserem-se na peregrinação as bandeiras, os estandartes das paróquias e movimentos e respectivos membros. Seguem crianças de peito, idosos, jovens e menos jovens.

¹⁶² «Do alto da Penha o apelo a S. Torcato», in *Jornal Comércio de Guimarães* 7.

¹⁶³ «CNE é um movimento da Igreja Católica. Assim, está ciente das responsabilidades que lhe advêm desse facto, bem como daquelas que a Hierarquia e o restante Povo de Deus têm para com a Associação. A Animação da Fé, característica do Escutismo do CNE, é feita naturalmente através do jogo escutista, vivido à luz de Jesus e do Evangelho, procurando contribuir para a formação humana e cristã dos seus associados, pelo testemunho da vida em comunhão eclesial». CNE. «Escutismo».

Todos desejam participar e caminhar à frente do andor de Nossa Senhora que encerra a procissão. As pessoas rezam, alternando o terço com cânticos¹⁶⁴ apropriados. É uma imensa multidão: gente a pé, de carro, ou teleférico. Neste dia, todos os caminhos vão dar ao alto da serra, como é noticiado frequentemente:

«A edição deste ano trouxe mais fiéis, num ano em que D. Manuel Linda apelou à capacidade de perdão e fé na transcendência do ser humano. (...) “A essência do Cristianismo, aquilo que é mais típico, é fazer com que a pessoa deixe de ser cada vez mais animal, para passar a ser cada vez mais divina. O animal é aquele que luta até à morte por pedaço de comida. A pessoa é aquela que sabe dar, mesmo um pedaço de comida, prescindindo dela em função do outro”. (...) O dia da Grande Peregrinação à Penha apresenta-se, para muitos, como uma oportunidade de negócio. No recinto da Penha, vários são os comerciantes que montam uma verdadeira “feira” de produtos para venda. Roupa, pão, bijutarias, artigos religiosos e refrigerantes são os mais vendidos, numa altura que “serve para compensar o pouco negócio” que muitos feirantes fazem ao longo do ano, revelou Rosa Mendes, vendedora de pão, bolos, e produtos caseiros no recinto do santuário. (...) Finalizada a procissão e eucaristia da manhã, o almoço serviu de descanso para a animação da parte da tarde. De facto o tempo ameno não afastou os milhares que se deslocaram ao recinto da Penha. (...) Com uma nova praça renovada para a realização de espectáculos, a Irmandade da Penha preparou um festival de folclore que teve a presença de muitos vimeanenses que dançavam e descontraíram do longo caminho que haviam percorrido de manhã. Sem balanço possível de ser realizado ao nível da presença de pessoas, a Irmandade da Penha estima que tenham passado entre 25 a 30 mil pessoas, manifestantes da fé que, pelo menos uma vez no ano, se mantém viva em Guimarães. (...) O Juiz [Rodiz Mendes] traçou “um balanço muito positivo” da 118ª peregrinação: Não há dúvida que o arceprelado de Guimarães se empenhou, que a população correspondeu. Até durante a tarde a praça de eventos esteve completamente cheia, os ranchos tiveram actuações largamente aplaudidas e eu acho que foi, efectivamente, um enriquecimento do que tem sido a tradição da peregrinação”»¹⁶⁵.

¹⁶⁴ Cf. AA. VV., *Do alto da Penha canto a Maria*.

¹⁶⁵ «Manifestação de fé ganha adeptos de ano para ano, Guimarães» in *Jornal Notícias de Guimarães*, 12.

A peregrinação está viva. Não por acaso, a abertura dos novos anos pastorais realiza-se sempre no alto da Penha. Aí, recebem os evangelizadores o sinal de envio, após consagrarem o novo ano a Nossa Senhora e lhe pedirem que guie, auxilie e proteja os trabalhos da missão.

CAPÍTULO III - IMPORTÂNCIA DOS SANTUÁRIOS NA VIVÊNCIA DA FÉ: BALANÇO E PERSPECTIVAS

Nos dois capítulos anteriores, a nossa análise focou-se nos santuários e as peregrinações, tendo sido prestada especial atenção ao Santuário da Penha. Assim sendo, neste capítulo a nossa reflexão incidirá sobre a importância dos santuários actualmente, continuando a salientar o Santuário da Penha. Será que hoje ainda fazem sentido os santuários na vida dos cristãos, ou aqueles não passam de “peças de museu” que os turistas apreciam em visitas de lazer e recreio?

1. A importância dos Santuários nos dias de hoje

«Cultivar a dimensão simbólica dos sítios-santuários e os elementos da estrutura simbólica que os identificam é um caminho novo para a pastoral dos santuários. Isto passa muito pelo equilíbrio dos elementos, pela sua ordenação, pela relação dela com o espaço e pela harmonia conseguida»¹⁶⁶.

É cada vez mais importante cultivar e preservar todas as características transcendentais que estes lugares encerram. Muitos são santuários de fé visitados anualmente por centenas de milhares de pessoas; outros são espaços naturais, belos e aprazíveis para descanso do espírito, afadigado com as tarefas do quotidiano. Numa sociedade que começa a redescobrir a importância da natureza que, durante longos períodos da história, esteve divorciada do ser humano, o encontro e a revelação de uma relação mútua, necessária a ambos, que o santuário possibilita e evidencia, são muito importantes. De facto, o santuário desempenha um papel

¹⁶⁶ J. DA SILVA LIMA, *Entre Rezas & Romarias Piedade Popular e Prática Pastoral*, 92.

fundamental na vivência de fé, pelo que para quem anda em busca de Deus, estes locais constituem uma espécie de radares¹⁶⁷.

1.1. O meio envolvente do Santuário

«Ó bosques e espessuras
Plantados pela mão do meu Amado,
Ó prado de verduras,
De flores esmaltado,
Dizei-me se passado»¹⁶⁸.

Desde há muito o ser humano vive a natureza como um lugar de encontro com o transcendente. S. Francisco de Assis e São João da Cruz¹⁶⁹, por exemplo, contemplam, embevecidos e extasiados, a harmonia e a beleza da natureza e, por ela, louvam a Deus. Assim sendo, a criatura humana sempre peregrinou em busca de locais para dialogar e se encontrar com o Criador. O deslumbramento ao olhar a paisagem coloca o espírito do ser humano em tensão para o alto, ao mesmo tempo que este procura o repouso na contemplação e no silêncio. Os santuários convidam à serenidade, por isso se encontram situados em espaços ermos, afastados do bulício caótico das cidades e sempre rodeados por árvores antigas e frondosas que fornecem um ar sadio, onde toda a espécie de animais entoam a melodia da natureza, o meio que envolve o homem e a mulher ecologicamente:

«Depois, o SENHOR Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente, e nele colocou o homem que tinha formado» (Gn 2,8). «O SENHOR

¹⁶⁷ «A história da Igreja peregrinante pode encontrar-se reflectida em numerosos santuários, “antenas permanentes da Boa Nova”, ligados a eventos decisivos da evangelização ou da vida de fé de povos e de comunidades. Todo o santuário pode ser considerado portador duma mensagem precisa, uma vez que nele se representa no hoje o evento que fundou o passado, que continua a falar ao coração dos peregrinos» CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *O Santuário memória, presença e profecia do Deus vivo*, 1.

¹⁶⁸ A. DOS SANTOS VAZ, «Ecologia e criação, à luz de Génesis», 129 – 130.

¹⁶⁹ Cf. S. João DA CRUZ, *Obras Completas*, 540.

levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e também para o guardar» (Gn 2,15).

«O mundo, enquanto obra de Deus, tem a sua própria integridade intrínseca; que a terra, o ar, as florestas, as montanhas e todas as criaturas, incluída a humanidade, são “boas” aos olhos de Deus. A integridade da criação tem um aspecto social que exige a paz na justiça, e um aspecto ecológico que deve ser garantido pela capacidade de auto-renovação e pela protecção dos ecossistemas naturais»¹⁷⁰.

Não é por isso de admirar que na actual sociedade, desperta para a sensibilidade ecológica, os santuários sejam locais privilegiados de harmonia entre a natureza e o ser humano. Mas esta tranquilidade não é descoberta recente, vem de tempos imemoriais. Na realidade, os mosteiros, desde os primeiros séculos, foram rodeados por grandes áreas florestais. Neles, os monges encontravam o ambiente natural, propício ao silêncio e recolhimento e a tranquilidade de que necessitavam para o diálogo e encontro interior com Deus. Outrora como agora, na natureza tudo se conjuga e entrelaça para ajudar o homem e a mulher numa comunhão com a transcendência, com o divino:

«O homem surge como pólo da harmonia entre todos os seres do mundo conhecido, mas outros sim como parte duma cadeia de seres: não por cima deles, mas em comunhão com eles, elo de ligação entre todos; é entendido como parte integrante da criação e não o único ser criado»¹⁷¹.

Daqui facilmente se infere também que, face à sublimidade da natureza, a maioria dos santuários é construída a partir de um voto, promessa ou devoção particular. Na sua maioria religiosos, os santuários estão assim perfeitamente integrados no meio envolvente. Grandiosas obras de arte, alguns revelam-se pela imponência, outros pela harmonia das formas. Não obstante, todo o ambiente

¹⁷⁰ J. CARREIRA DA NEVES, *São Francisco de Assis Profeta da Paz e da Ecologia*, 170.

¹⁷¹ A. SANTOS VAZ, «Ecologia e criação, à luz de Génesis», 129 – 130.

circundante concorre para a sua caracterização. A este respeito, recordemos o “*Sitz im leben*” cristão:

«Assim, o terreno e o enquadramento, os elementos naturais e a própria rusticidade e, as formas arquitectónicas e a sua harmonização com a luz, o ar e o som, os objectos manipuláveis e os dispositivos que convidam ao passeio pela memória sacral, constituem as mediações indispensáveis de um possível encontro avaliável apenas no amanhã. A própria voz e o próprio vento são mediadores da torrente do Além que aproxima o divino da sensibilidade humana, sem o confundir nem confiscar»¹⁷².

Outro elemento que caracteriza a área do santuário é o grande número de albergues, onde o peregrino pode repousar, dormir e alimentar-se, após os dias de caminhada. As albergarias desempenham um papel relevante quer para o crente, que se dirige aos santuários por motivos religiosos, quer para o turista que para aí se desloca em busca de descanso ou com o intuito de descobrir os encantos da história desses locais. A existência destes espaços amplia a importância do santuário em termos culturais, já que este ajuda à divulgação da gastronomia tradicional, do artesanato e dos costumes da região.

Os edifícios têm já a sua importância consagrada na história e até em lendas. O povo diz: *só consegue passar no meio de dois penedos juntos, quem não tiver cometido pecados graves*. Outros adágios, contos, mitos, histórias, quase sempre ficcionais, edificam e fazem transparecer o respeito pelo mistério e, simultaneamente, alguma falta de sentido profundo da vida.

Mas também as imagens de santos ou de anjos chamam a atenção, pelo valor espiritual, reflexo do sentir e a fé professada do povo. Assim sendo,

¹⁷² J. DA SILVA LIMA, «O Santuário como fenómeno religioso», 34.

«O santuário pode então aparecer como alto lugar de refúgio libertador, na medida em que no respeito pelas diferenças, não deixe de ser aquilo que é, apresentado lucidamente a sua memória histórica e cuidando daqueles elementos artísticos que podem ser, e são autênticas plataformas para o transcendente. Fomente o santuário a liberdade»¹⁷³.

Além do encontro entre a criatura e o Criador, os santuários possuem outra vertente a que já aludimos brevemente: a do turismo. As lojas de recordações e os vendedores ambulantes são disso reflexo. Com efeito, cada vez mais, os santuários são procurados por turistas. Familiarizados com roteiros bem definidos, aqueles chegam munidos de guias e informados sobre toda a história dos santuários. Com efeito, «os visitantes, sobretudo os que estão em idade de repouso, gostam de dedicar o tempo da sua reforma a percursos que respondem às suas ansiedades e que colmatam profundamente o desejo acalentado. Estes turistas procuram assiduamente os santuários físicos, porque a sua geração foi aquela ainda no Ocidente verbo desta citação? Profundamente estruturada pela fé cristã»¹⁷⁴.

Numa visita fortuita, observamos de imediato a existência de parques onde estão estacionados dezenas de autocarros, cheios de pessoas em grupos organizados, grande número de carros particulares, de famílias à procura de descanso e do contacto directo com a natureza. Alguns destes parques são escolhidos pelo Corpo Nacional de Escutas para as suas actividades de verão. Mas todos, crentes e não crentes, têm lugar no recinto. «O turista sem fé mendiga algo mais, deixando-se transformar no encontro visita de uma instância religiosa altamente significativa para ele»¹⁷⁵.

¹⁷³ J. DA SILVA LIMA, *Entre Rezas & Romarias Piedade Popular e Prática Pastoral*, 88.

¹⁷⁴ J. DA SILVA LIMA, *A Peregrinação Percursos e Palavras*, 92.

¹⁷⁵ *Ibidem*, 94.

Os santuários devem estar asseados e ter bom ambiente. As pessoas que buscam novo sentido para o seu caminho devem ser recebidas com amabilidade para que regressem a casa em paz consigo, e com os outros, e cheias de vontade de voltar a viver a experiência.

«Com efeito, embora a diversificação de motivações seja especialmente sensível nos centros religiosos, histórica ou artisticamente significativos, verifica-se, em geral, a tendência para se encontrar nesses centros, tanto peregrinos como turistas religiosos ou até turistas seculares, tendo cada um destes grupos necessidades diferenciadas, embora todos eles possam ser tocados, naturalmente de maneira distintas, pela maior ou menor sacralidade do lugar que visitam»¹⁷⁶.

Nesse sentido, têm enorme influência para o desenvolvimento religioso e turístico as vias de acesso ao santuário. Devemos, a este respeito, salientar a mais-valia que é o teleférico da Penha, uma aposta no sentido do desenvolvimento do espaço circundante.

«Desde Bernardino Jordão, de onde nasceu o “*Sonho*” a Joaquim Cosme, o “motor” que deu corpo a esse “*sonho*” e o “*Homem Forte*” da realização, na sua qualidade de Juiz da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha. Daqui nasceu a “*TURIPENHA-Cooperativa de Turismo e Interesse Público, R.L.*”, entidade soberana do “*TELEFÉRICO DA PENHA*”. É claro e evidente que o Chão Vimaranense é arável, intensidade fértil, quando arroteado consciente e convenientemente.

- Esta a “*pincelada*” sobre a história da grande iniciativa, que no passado sábado, dia 24 de Junho, foi “*oficialmente*” inaugurado. Todavia, a partir do último mês de Fevereiro, com a apresentação à comunicação social, as telecabines começaram a funcionar regularmente, tendo transportado já muitos milhares de pessoas ao local mais alto de Guimarães»¹⁷⁷.

¹⁷⁶ M. G. MOUGA POÇAS SANTOS, *Espiritualidade. Turismo e Território*, 501-502.

¹⁷⁷ «Teleférico momento histórico ao querer Vimaranense», in *Jornal Notícias de Guimarães*, 7.

1.2. Papel dos santuários na evangelização

«O santuário apresenta-se-nos como um espaço privilegiado de evangelização»¹⁷⁸. O papa Paulo VI, na sua encíclica *Evangelii Nuntiandi*, dá-nos um alerta para a verdadeira missão. «Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda. A Igreja existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na Santa Missa, que é o memorial da sua Morte e gloriosa Ressurreição» (EN 14).

Aos olhos dos nossos contemporâneos, os santuários são lugares de passagem de grandes massas. São-no de facto. A Arquidiocese de Braga (Sameiro, São Bento da Porta Aberta, Penha, Senhora da Abadia, Santa Marta...) ¹⁷⁹ é disso um exemplo ilustrativo. Nestas localidades, a tradição da peregrinação transmite-se de pais para filhos, de geração para geração.

Assim, os santuários tornam-se determinantes para a evangelização¹⁸⁰, por neles se concentrar o maior número de fiéis. As devoções, as romarias, a busca de sentido para vida, as paisagens, atraem multidões, tornando-se uma alternativa cristã¹⁸¹, face à secularização desenfreada que nas últimas décadas tem vindo a espalhar-se na velha Europa. Podemos afirmar convictamente que a liturgia é o primeiro espaço de evangelização. Bem celebrada, cativa, forma, interpela e educa.

¹⁷⁸ Cf. A. DIAS, «Os santuários, lugares de Evangelização», 65.

¹⁷⁹ «Estou numa diocese onde há dezenas de Peregrinações e em cada uma delas juntam milhares de pessoas. Numas, como é evidente, mais que noutras». A. DIAS, «Os santuários, lugares de Evangelização», 70.

¹⁸⁰ «Vendo as estatísticas feitas a tal respeito, podemos concluir que o futuro dos santuários vai ser ainda mais incrementado, com uma participação mais numerosa, e, se calhar mais exigente». C. DOTTI, «Os acolhedores: sentinelas do Santuário 136.

¹⁸¹ «O santuário cristão, na actualidade, pode servir de alternativa aos diversos “santuários” pagãos, que marcam a vida dos nossos contemporâneos». João M. DUQUE, «Maria: Santuário de Deus entre os Homens», 43.

É evangelização *em e por si mesma*. *O belo desarma*¹⁸². A este respeito convém recordar que

«O celebrante não é o centro de acção litúrgica; o celebrante não está em frente do povo em seu nome, não fala de si nem para si, mas “in persona Christi”. Não contam as capacidades pessoais do celebrante, mas unicamente a sua fé na qual se torna transparente. *Ele deve crescer e eu diminuir* (Jo 3, 30)»¹⁸³.

Na verdade, depois de se deixarem enamorar pela Palavra, os peregrinos tornam-se evangelizadores nas comunidades de origem.

«Evangelizar é proclamar a mensagem da salvação e a sua autenticidade é garantida pela comunhão sincera e obediente com a verdade proclamada na Igreja de Roma, a que tem a primazia da verdade e da caridade. Nada enfraquece mais a missão evangelizadora da Igreja do que a queda unidade, garantia da objectividade da verdade, reduzindo a mensagem à verdade de cada um, ao sabor de correntes de pensamento, sujeitando-o aos ditames de uma racionalidade mal compreendida»¹⁸⁴.

Recordemos que foi o Concílio Vaticano II que devolveu ao povo de Deus a Palavra de Deus. Mas esta devolução obrigou também a Igreja a fazer um grande investimento na formação dos leigos. Desta forma,

«O santuário testemunha que a vocação da vida não é dissipação, atordoamento, fuga, mas louvor, paz e alegria. A compreensão profunda do santuário educa assim para viver a dimensão contemplativa da vida, não só no interior do santuário, mas em todo o lugar. E visto que é em particular a celebração eucarística dominical que se põe como ápice e fonte da inteira vida do cristão, vivida como resposta de gratidão e de oferta ao dom que vem do alto, o santuário convida de modo muito especial a redescobrir o domingo, que é “o dia do Senhor”, e também “senhor dos dias”, “festa primordial”, “posta não só para ritmar a

¹⁸² A. DIAS, «Os santuários, lugares de Evangelização», 79.

¹⁸³ *Ibidem*.

¹⁸⁴ *Ibidem*, 64-65.

sucessão do tempo, mas para revelar o seu sentido profundo”, que é a glória de Deus ser tudo em todos»¹⁸⁵.

Valorizar a verdadeira essência do crente é tarefa árdua, mas possível de levar a bom termo através das romarias e peregrinações por exemplo, pois, tal como na natureza, depois de lançar a semente à terra, é necessário esperar até ao momento da colheita¹⁸⁶.

Assim sendo, nas festas realizadas nos Santuários, os responsáveis devem dar a conhecer a todos os crentes os cursos e as iniciativas de evangelização em curso e esclarecer a sua repercussão na vida dos fiéis. Isto implica que aqueles, religiosos, sacerdotes e irmãos, ou leigos, tenham formação suficiente e capacidade de transmitir a todos os crentes o entusiasmo pelo aprofundamento e purificação os seus alicerces como cristãos.

«A evangelização faz parte essencial do agir da Igreja; é a sua vocação e missão (EN 13-14). Mas *evangelizar* consiste, pura e simplesmente, na transmissão do *Evangelho* da palavra de Deus. Se a Igreja a coloca de lado, transmite o quê? Andar com tergiversações entre Palavra e devoções será sinal de pouca fidelidade à Palavra. A Igreja perde, simplesmente a sua identidade, para se tornar uma religião qualquer»¹⁸⁷.

Neste sentido, a Conferência Episcopal Italiana coloca a evangelização como principal tarefa para responder a todos os problemas que surgem entre os cristãos contemporâneos. «A Evangelização é o fundamento de tudo e deve ter o

¹⁸⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, «Carta da Congregação para o Clero aos reitores de santuários», 2.

¹⁸⁶ «O santuário é não só uma obra humana, mas também um sinal visível da presença de Deus invisível. Por esta razão, exige-se uma oportuna *convergência de esforços* humanos e uma adequada consciência dos papéis e das responsabilidades por parte dos protagonistas da pastoral dos santuários, precisamente para favorecer o pleno reconhecimento e o acolhimento fecundo do dom que o Senhor faz ao seu povo, através e cada santuário». CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *O Santuário memória, presença e profecia do Deus vivo*, 17.

¹⁸⁷ H. ALVES, «A Palavra de Deus Na Vida e na Missão da Igreja», 153.

primado sobre tudo; nada a pode substituir e nenhuma outra tarefa se pode antepor-lhe»¹⁸⁸.

Actualmente, as seitas religiosas baseadas na Bíblia começam a surgir nas cidades minhotas. Nos últimos anos, foram-se instalando perto das nossas casas e atraindo a si todos aqueles que tem uma fé pouco madura ou alicerçada em mistérios e superstições:

«Uma pessoa culta e interventiva na sociedade portuguesa, quando, também numa entrevista, lhe perguntaram sobre se tinha fé, depois de confessar perante os entrevistadores que frequentou a catequese e que fez a primeira comunhão, conclui, no fim dessa caminhada: “isto é uma grande treta”. E porque chegou a essa conclusão?... “Há um aspecto que foi marcante. Por essa altura, a minha mãe teve um bebé. Nasceu com uma deficiência. Sabíamos que tinha de sobreviver até aos quatro ou cinco anos para poder ser operada. Entretanto teve uma crise horrível e eu baptizei o meu irmão. Baptizei-o, ali! Fiz-lhe o sinal da cruz e rezei por ele. Quando morreu senti que os meus pedidos não foram atendidos. Afinal Deus não era infinitamente bom»¹⁸⁹.

Por isso, recordamos que a cultura é uma das pontes de transmissão dos valores religiosos junto daqueles que ainda não deixaram brotar a fé do seu coração. Na verdade, a evangelização dá-se no seio da cultura e nunca fora desta. A fé é bem acolhida nas experiências de vida e nas vivências na comunidade. Assim sendo, a cultura é motor o que puxa o crente para fora de si, para ser-um-com-os-outros. Note-se a este respeito que

«A “encarnação do Verbo foi também encarnação cultural” – nesta actualidade afirmativa joga-se a universalidade da experiência cristã. Não porque todos sejam ou venham a tornar-se cristãos (não se trata de uma questão quantitativa), mas porque se reconhece ser possível viver e testemunhar a fé cristã em todas as culturas. A fé cristã, sendo distinta

¹⁸⁸ A. COUTO, *Uma Palavra é melhor do que um Presente*, 280.

¹⁸⁹ A. DIAS, «Os santuários, lugares de Evangelização», 77.

da cultura, manifesta-se culturalmente. Assim, está hoje colocado o desafio de como é que a experiência crente dialoga e acontece no seio das múltiplas culturas, na diversidade das expressões vivenciais do quotidiano, que constituem a realidade humana»¹⁹⁰.

Eis as razões por que os santuários devem ser uma casa de formação de fé e uma escola para os leigos. Por conseguinte, deve existir espaço nos edifícios de apoio para a pastoral e a evangelização, à semelhança do que acontece no Centro Apostólico Paulo VI e na Albergaria de Nossa Senhora do Sameiro/Centro Apostólico em Braga.

«Finalidade do Centro Apostólico Mater Ecclesiae

Sobre a finalidade do “Centro Apostólico Mater Ecclesiae” vou transcrever, em primeiro lugar, a partir de documentos oficiais, o que a propósito se escreveu:

“Construído o Centro Apostólico, ele será, além de monumento comemorativo do centenário e do Concílio Vaticano II, o refúgio de muitos enfermos e inválidos, tanto física como espiritualmente, dele se queiram utilizar será também o grande seminário para a formação de leigos católicos, casa de retiros e de actualização pastoral do clero, bem como possível, a sede de um futuro pós-Seminário.” (...)

“Destina-se essencialmente a desenvolver uma intensa actividade espiritual, onde poderão funcionar cursos de cristandade, para ambos os sexos simultaneamente ou em separado, retiros, conferências, fins-de-semana, repouso de sacerdotes e ainda outras actividades que, sua natureza, nela tenham cabimento”.»¹⁹¹.

Estas considerações estão na base das modernas construções, que possuem actualmente os melhores equipamentos e as melhores técnicas de apoio à pastoral. Então, o Santuário será tanto mais lugar da fé, quanto os edifícios da pastoral forem escola de evangelização. As comunidades mais próximas dos santuários devem, por isso, tirar o maior proveito possível destas valências. Não devemos ainda descurar a evangelização dos povos de outros continentes, que, até hoje, ainda não tenham

¹⁹⁰ A. MATOS FERREIRA, «Inculturação e Evangelização», 176.

¹⁹¹ «Centro Apostólico Mater Ecclesiae», in *Diário do Minho*, 8.

entrado em contacto com a mensagem de Jesus Cristo, nem aqueles que na nossa sociedade se afastam da mensagem de Jesus Cristo. A este propósito, o Cardeal Karl Lehmann, Arcebispo de Mogúncia, alerta para a importância da missão na Europa, nestes termos:

«Tornámo-nos um mundo velho. Deixámo-nos vencer pelo cansaço (...). É necessário um radical revigoramento missionário da nossa Igreja. Não se trata apenas de reformar as estruturas. É preciso começar por cada um de nós. Se não estivermos entusiasmados pela profundidade e pela beleza da nossa fé, não podemos verdadeiramente transmiti-la nem aos vizinhos nem aos filhos nem às gerações futuras. (...) É necessário também ganhar outras pessoas para a nossa fé cristã e arrastar os cristãos que cederam ao cansaço ou que até abandonaram a Igreja (...). Devemos difundir verdadeiramente o Evangelho de casa em casa, de coração a coração»¹⁹².

No mesmo sentido, escreveu o Beato João Paulo II: «os santuários cristãos foram ou quiseram ser sinais visíveis de Deus, da sua entrada na história humana»¹⁹³. Mais, através da celebração do mistério da Eucaristia, os santuários oferecem ao crente o alimento necessário (a Palavra e o Pão) para dar continuidade à sua peregrinação terrena, sendo a casa por excelência de muitos cristãos que vêm nestes locais de culto a fonte da sua fé. Por este motivo, os santuários não podem descurar os três pilares fundamentais da fé que são: o anúncio da Palavra, o sacramento da Penitência e o sacramento da Eucaristia. «O Santuário para o qual ele se dirige torna-se por excelência “a tenda do encontro”, como Bíblia chama ao tabernáculo da aliança»¹⁹⁴.

¹⁹² A. COUTO, *Uma Palavra é melhor do que um Presente*, 277.

¹⁹³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, «Carta da Congregação para o Clero aos reitores de santuários», 1.

¹⁹⁴ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *O Santuário memória, presença e profecia do Deus vivo*, 1.

Todo o anúncio da Palavra tem por base a Sagrada Escritura e a liturgia.

Como refere o Concílio Vaticano II, na *Constitutio de Sacra Liturgia*, 35:

«Para se poder ver, claramente, que na liturgia o rito e a palavra estão intimamente unidos:

- 1) Sejam mais abundantes, variadas e bem adaptadas as leituras da Sagrada Escritura nas celebrações litúrgicas;
- 2) Indiquem as rubricas o momento mais apto para a pregação, que é parte da acção litúrgica, quando o rito a comporta. O ministério da palavra deve ser exercido com muita fidelidade e no modo devido. A pregação deve ir beber à Sagrada Escritura e à Liturgia, e ser como que o anúncio das maravilhas de Deus na história da salvação, ou seja, no mistério de Cristo, o qual está sempre presente e operante em nós, sobretudo, nas celebrações litúrgicas;
- 3) Procure-se inculcar, por todos os modos, uma catequese mais directamente litúrgica, e prevejam-se nos próprios ritos, quando necessário, breves admoções, feitas nos momentos mais oportunos, pelo sacerdote ou outro ministro competente, com as palavras prescritas ou semelhantes;
- 4) Promova-se a celebração da Palavra de Deus nas vigílias das festas mais solenes, em alguns dias feriais do Advento e da Quaresma e nos domingos e dias de festa, especialmente, onde não houver sacerdote; neste caso, será um diácono ou outra pessoa delegada pelo bispo, a dirigir a celebração» (SC 35).

Por consequência, os reitores dos santuários têm como tarefa primordial «instruir os peregrinos sobre o carácter absolutamente premente que a celebração litúrgica deve assumir na vida de cada fiel»¹⁹⁵. O mesmo se diz no Directório relativamente às obrigações dos responsáveis: «O santuário é por excelência o *lugar da Palavra*, na qual o Espírito chama à fé e suscita a “comunhão dos fiéis”. Mais do que nunca é importante associar o santuário à escuta perseverante e acolhedora da Palavra de Deus, que não é qualquer palavra humana, mas o próprio Deus vivo no sinal da sua Palavra. O santuário, no qual a Palavra ressoa, é o lugar da aliança,

¹⁹⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, «Carta da Congregação para o Clero aos reitores de santuários», 3.

onde Deus confirma ao seu povo a sua fidelidade, para iluminar o caminho e consolar»¹⁹⁶.

Em suma, a “Mesa da Palavra” é o púlpito de onde partem ondas sonoras de fé capazes de erguer do chão todo aquele que anda cansado e abatido por falta de Palavras vivas, pois nela «a palavra Deus é viva e eficaz mais penetrante que uma espada de dois gumes» (Heb 4,12). «O anúncio, a leitura e a meditação do Evangelho devem acompanhar os passos do peregrino e a própria paragem no santuário, para que se realizem as palavras do salmista, quando diz: “A vossa Palavra é qual farol para os meus passos, e uma luz para meus caminhos.” (Sl 119)»¹⁹⁷.

Muitos dos cristãos procuram os santuários para a desobriga pascal ou para receber o sacramento da penitência. Na verdade, cada vez mais os cristãos preferem os santuários às paróquias. «Sobretudo a celebração dos sacramentos da reconciliação e da eucaristia dá aos santuários uma particular dignidade: “não são lugares do que é marginal e acessório mas, ao contrário, lugares do essencial aonde se vai para obter ‘a Graça’, antes ainda ‘as graças’”»¹⁹⁸.

Assim sendo, o sacerdote tem a obrigação de acolher o penitente como a um filho em busca de uma orientação, pelo que é importante que

«Os confessores, iluminando a consciência dos penitentes, ponham em evidência o vínculo estreito que liga a confissão sacramental a uma existência, orientada para uma decidida conversão. Por isso, exortem os fiéis a aproximarem-se deste sacramento com regular frequência e ardente devoção, afim de que, sustidos pela graça que nele é dotada,

¹⁹⁶ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *O Santuário memória, presença e profecia do Deus vivo*, 10.

¹⁹⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *A Peregrinação no grande jubileu do ano 2000*, 77-78.

¹⁹⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *O Santuário memória, presença e profecia do Deus vivo*, 11.

possam alimentar constantemente os seus fiéis propósitos de adesão a Cristo, progredindo na perfeição evangélica»¹⁹⁹.

Pelo pecado morremos, pelo sacramento da penitência voltamos à vida. Porque são cada vez mais os cristãos que procuram os santuários para receberem os sacramentos da penitência e da eucaristia, a dignidade das celebrações deve estar sempre presente na mente do sacerdote sem nunca descuidar os seus elementos constituintes: a música gregoriana, popular ou polifónica, que deve ajudar o crente a elevar-se até Deus, as alfaias litúrgicas e os paramentos usados nas celebrações, os quais devem ser simples e dignos, sem causar incómodo às sensibilidades dos crentes. Todos estes elementos ajudam a levar o crente a um encontro mais sublime e íntimo com o Criador. «A eucaristia faz a Igreja mais fraterna pela nossa união com Cristo. Receber a eucaristia na comunhão traz consigo, como fruto principal, a união íntima com Cristo. Do banquete eucarístico brota a nossa união amiga com Cristo: “*Quem come a minha carne e bebe o em sangue permanece em Mim e Eu n’ ele.*” (Jo 6, 56)»²⁰⁰.

Neste sentido, o Papa Bento XVI afirma: «na eucaristia, o Filho de Deus vem ao nosso encontro e deseja unir-Se connosco; a adoração eucarística é apenas o prolongamento visível da celebração eucarística, a qual, em si mesma, é o maior acto de adoração da Igreja. (*Sacramentum Caritatis*, 66)»²⁰¹.

A Eucaristia é, sem dúvida, o centro da vida cristã. Dela nascem todos os exercícios pios. «A adoração eucarística, a prática piedosa da via-sacra e a oração cristológica e mariana do santo rosário serão, como os sacramentos e as bênçãos

¹⁹⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, «Carta da Congregação para o Clero aos reitores de santuários», 4.

²⁰⁰ J. MONTEIRO, «A Eucaristia, Páscoa semanal: aspectos pastorais», 225.

²⁰¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, «Carta da Congregação para o Clero aos reitores de santuários», 6.

votivas, testemunhos da piedade humana e caminho com Jesus em direcção ao amor misericordioso do Pai, no Espírito Santo. Assim, a pastoral da família será revigorada e a oração ao “Senhor da messe a fim de que mande operários para a messe” (Mt 9, 38) será providencialmente fecunda; santas e numerosas vocações sacerdotais e de especial consagração!»²⁰²

Na maioria dos santuários, os exercícios pios são celebrados com frequência. Os agentes pastorais devem ter por isso a capacidade de dinamizar a sua efectivação de acordo com o tempo litúrgico. Desta forma, o santuário proporciona ao crente uma vivência do tempo litúrgico de um modo mais rico. Nesse sentido,

«Karl Rahner afirmava que a liturgia ou é bela ou não é liturgia autêntica! A beleza é, na verdade, uma exigência que leva à Beleza do Deus que é Verdade e Amor. É um caminho privilegiado para a compreensão do acto de fé. “Não é um factor decorativo da acção litúrgica, mas seu elemento constitutivo, enquanto atributo do próprio Deus e da sua revelação. Tudo isto nos há-de tornar conscientes da atenção que se deve prestar à acção litúrgica para que brilhe segundo a sua própria natureza”»²⁰³.

Com efeito, o santuário é um local privilegiado onde o ser humano agradece as maravilhas e os dons que Deus lhe concedeu gratuitamente. «O santuário recorda, deste modo, que, onde não há gratidão, o dom se perde; onde o homem não sabe dizer obrigado ao seu Deus que todos os dias, também na hora da provação, o ama de modo novo, o dom permanece ineficaz»²⁰⁴.

Tendo em conta todos os aspectos acima enunciados, facilmente nos apercebemos de que o crente é quem neste elenco está em primeiro lugar, pois a

²⁰² *Ibidem*, 7

²⁰³ A. DIAS, «Os santuários, lugares de Evangelização», 80.

²⁰⁴ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *O Santuário memória, presença e profecia do Deus vivo*, 7.

iniciativa de procurar este espaço lhe pertence. Por conseguinte, os agentes devem auxiliá-lo, com o espírito do bom samaritano, de tal modo que

«Disperso na multiplicidade das preocupações e da realidade quotidiana, o homem tem necessidade de se redescobrir a si mesmo através da reflexão, da meditação, da oração, do exame de consciência, do silêncio (...). Só assim, ao regressar a casa, não se cairá de novo na distração e na superficialidade, mas conservar-se-á uma centelha de luz recebida na alma e sentir-se-á necessidade de repetir, no futuro, esta experiência de plenitude pessoal»²⁰⁵.

2. Contributos do Santuário da Penha para a pastoral em Guimarães: rumo ao futuro

O Santuário de Penha encontra-se em contínuo crescimento. É jovem em relação a outros Santuários da Arquidiocese, tendo vindo a ganhar uma posição mais relevante nas últimas décadas. Na realidade, a Penha tem merecido a preferência dos agentes pastorais para a realização de actividades nesse âmbito. Os fundamentos da utilização do santuário assentam então nos seguintes aspectos: existência de estruturas amplas e acolhedoras; centralidade e beleza da área envolvente e ainda pelo facto de a pastoral do Santuário estar abrangida e integrada nos restantes Santuários da Arquidiocese de Braga.

A história do Santuário da Penha, tal como a do Santuário do Sameiro em Braga e a do Santuário de Fátima em Leiria, liga-se a Nossa Senhora.

«Maria presidiu na prece ao iniciar-se a evangelização sempre renovada, que seja ela a Estrela da evangelização sempre renovada, que

²⁰⁵ A. DIAS, «Os santuários, lugares de Evangelização», 77-78.

a Igreja, obediente ao mandato do Senhor, deve promover e realizar, sobretudo nestes tempos difíceis, mas cheios de esperança». (EN 82).

Na verdade, Maria torna-se caminho seguro para chegar a Jesus Cristo. Como referia D. Francisco Maria da Silva, Arcebispo de Braga: «*ad Jesus per Mariae*». Maria indica o caminho pelo seu modo de agir. Nesse sentido,

«Maria é modelo, sobretudo, daquele culto que consiste em fazer, da própria vida uma oferenda a Deus: doutrina antiga e perene, esta, que cada um de nós pode ouvir repetir, se prestar atenção aos ensinamentos da Igreja; mas que poderá entrever também, se der ouvidos à palavra da mesma Virgem Santíssima, quando ela, antecipando em si a estupenda petição da Oração Dominical – “seja feita a vossa vontade” (Mt 6,10) – respondeu ao mensageiro de Deus: “Eis a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). E o “sim” de Maria é para todos os cristãos lição e exemplo, para fazerem da obediência à vontade do Pai o caminho e o meio da própria santificação» (MC 21).

Por outro lado, o santuário da Penha é visitado pelas famílias no âmbito da “Peregrinação Familiar”²⁰⁶. Ali, procuram aquelas receber todos os sacramentos da vida cristã, exceção feita ao sacramento do crisma e ao da ordem, por ambos necessitarem da imposição das mãos do bispo. A escolha fica a dever-se, geralmente, ao amor, carinho e devoção que as pessoas dedicam a este santuário mariano.

O sacramento mais usual é então o do matrimónio, criando os casais uma ligação tão forte com o santuário, que, posteriormente, ali celebram todos os sacramentos de iniciação cristã dos filhos. O papa João Paulo II, na Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, *sabia bem que* «a família que reza unida, permanece unida».

²⁰⁶ L. MORGADO, «O Santuário, na Bíblia: vivência e memória», 45-46.

O clímax da pastoral é a peregrinação anual²⁰⁷ do arceprelado de Guimarães e Vizela. A ela acorrem milhares de peregrinos que se abeiram de Nossa Senhora, mãe acolhedora, para agradecer as benesses recebidas ao longo do ano e solicitar refúgio e protecção para o futuro numa atitude multifacetada de «fidelidade à tradição, motivação de fé e orientação pascal»²⁰⁸.

De resto, «A Palavra de Deus²⁰⁹, assumida e vivida, dá um sentido transcendente à peregrinação. Os erros existentes na sociedade (pós) contemporânea não se devem aos valores evangélicos mas à sua ausência»²¹⁰. Mas,

«Se essa religiosidade popular, porém, for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, é algo rico de valores. Assim traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc» (EN, 48).

Na verdade, muitos dos cristãos desconhecem Nossa Senhora como Aquela que escutou²¹¹ a Palavra e se deixou transformar por ela. «Maria, que foi a primeira a acreditar, acolhendo a Palavra de Deus (...) foi revelada na Anunciação (...) fiel em todas as provações até à Cruz» (RM 43).

²⁰⁷ Esta peregrinação realiza-se no fim-de-semana mais próximo do dia 8 de Setembro, coincidindo sempre no segundo fim-de-semana. «Além destas solenidades, devem ser consideradas, antes de mais, aquelas celebrações que comemoram eventos “salvíficos”, em que a Virgem Maria esteve intimamente associada ao Filho, como são as seguintes festas: a da Natividade de Maria (8 de Setembro), “que constituiu para o mundo inteiro motivo de esperança e aurora de salvação”» (MC 7).

²⁰⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Orientações para o Ano Mariano*, 78.

²⁰⁹ «Os crentes que respondem à Palavra de Deus, e se tornam membros doo Corpo de Cristo, ficam unidos a Cristo: “Neste Corpo, a vida de Cristo espalha-se através dos crentes, que os sacramentos, dum modo misterioso e real, unem a Cristo sofredor e glorificado” (LG 7). Particularmente, o Baptismo que nos une à Morte e Ressurreição de Cristo, e a Eucaristia, pela qual, “participando realmente no Corpo de Cristo “, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós», CCE 790.

²¹⁰ J. ORTIGA, «Os santuários tomam conta da Palavra», 1269.

²¹¹ Cf. M. J. DIAS MENDES, «Maria de Nazaré, templo do Espírito Santo», 146.

Mas a pastoral litúrgica está presente noutras celebrações que ajudam os crentes a viverem, fortalecerem e alimentarem a sua fé. «Escreveu o Cardeal Suenens: “O encontro, suscitado pelo Espírito Santo, do movimento mariano e do movimento apostólico não é um encontro fortuito... É uma graça prodigiosa tanto para a piedade mariana como para a maternidade espiritual de Maria”»²¹².

Uma especificidade deste Santuário é ter sido erigido para a Eucaristia, apesar de, no âmbito da comemoração do centenário da peregrinação, ter sido elevado à categoria de mariano.

Assim sendo, embora não se esgote nesta perspectiva, a relação entre Nossa Senhora e a Eucaristia é uma relação de comunhão: Maria apresenta-se como “Mulher da contemplação”, pois é no silêncio da vida que contempla as maravilhas que Deus realizou nela. «Dadas as múltiplas relações entre a Eucaristia e a bem-aventurada Virgem Maria, não é de estranhar que na adoração eucarística se cantem muitas vezes hinos e antífonas, que encerram referências precisas Àquela de quem nasceu para nós o Pão da vida»²¹³.

Por outro lado, o santuário ajuda os crentes à purificação e meditação na vida quotidiana. No dia da peregrinação anual, antes da eucaristia campal e aos fins-de-semana, mais intensivamente no advento e na quaresma, muitos peregrinos solicitam o sacramento da reconciliação com Deus e com os irmãos, pelo que o santuário oferece espaços adequados e adaptados ao recolhimento e silêncio. Deste modo,

«O lugar da celebração: além dos confessionários tradicionais postos na igreja, é desejável que haja nos santuários muito frequentados um lugar reservado à celebração da penitência, que também se preste a momentos de preparação comunitária e a celebração penitenciais, e que,

²¹² J. M. REBELO QUINTEIRO, «Piedade Popular mariana», 157.

²¹³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Orientações para o Ano Mariano*, 30.

respeitando as normas canónicas e privacidade requerida pela confissão, ofereça ao penitente a possibilidade de um diálogo com o sacerdote confessor»²¹⁴.

Saliente-se então que criar um espaço adequado para a realização do sacramento da reconciliação é um investimento na pastoral que responde, e corresponde, às necessidades evidenciadas por todos aqueles que procuram o sacramento da penitência quer individual, quer colectivamente, já que

«depois duma preparação colectiva e da liturgia da palavra, os participantes exprimem de forma colectiva o seu arrependimento e, sem prévia confissão individual, recebem todos a absolvição colectiva. Para este tipo há um conjunto de requisitos: deverá ser um grupo de tal forma numeroso que os sacerdotes presentes jamais reuniriam as condições necessárias para atender individualmente cada fiel; tal situação poderá dar-se em caso de iminente perigo guerra, por exemplo. Esta terceira forma não foi aceite por todos os episcopados: aqueles que aceitaram reconhecem que houve um grande sucesso, mas que também se comentaram e continuam a cometer abusos. O *Ordo* da Penitência oferece ainda em apêndice esquemas de celebrações penitenciais não sacramentais. E nos preliminares desenvolvem-se a teologia do sacramento, a estrutura dos diversos esquemas rituais e as competências para as adaptar convenientemente às assembleias, tempos, lugares e culturas dos povos»²¹⁵.

Em suma, o sacramento da eucaristia²¹⁶ é dos mais procurados na Penha. Ao longo do ano, centenas de pessoas procuram o santuário para orar, buscando os benefícios da tranquilidade e da paz oferecidos pelo local. Torna-se claro também que os horários das eucaristias, principalmente aos Domingos à tarde, são convidativos, porque ajustados à vida complexa do dia-a-dia. Com efeito, «A

²¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a Piedade popular e a Liturgia*, 267.

²¹⁵ J. A. FÉLIX CARVALHO, *Sacramentologia Iniciação, Cura e Serviço*, 168.

²¹⁶ «A Eucaristia é “fonte e centro de toda a vida cristã” (LG 11). «Os restantes sacramentos, porém, assim como os ministérios eclesiais e obras de apostolado, estão vinculados com a sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Com efeito, na santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é o próprio Cristo, nossa Páscoa” (PO 5)», CCE, 1324.

celebração da Eucaristia é o cume e como o fulcro de toda acção pastoral dos santuários”; por isso, importa dedicar-lhe a maior atenção, para que seja exemplar no seu desenvolvimento ritual e conduza os fiéis a um encontro profundo com Cristo»²¹⁷.

Do exposto é relevante valorizar-se as eucaristias ao sábado de manhã, que proporcionam, por exemplo, a celebração do sacramento da eucaristia à memória de Santa Maria.

«Entre os dias dedicados à Bem-aventurada Virgem sobressai o sábado, elevado ao grau de *memória de Santa Maria*. Esta memória remonta certamente à época carolíngia (século IX), mas não se conhecem os motivos que induziram a escolha do sábado como dia de Santa Maria. Depois, deram-se muitas explicações que, no entanto, não satisfazem plenamente os cultores da história da piedade.

Hoje, independentemente das suas obscuras origens históricas, realçam-se justamente alguns valores desta memória, aos quais “é mais sensível a espiritualidade contemporânea: ser *recordação* da atitude materna e discipular da Bem-aventurada Virgem que no grande sábado, quando Cristo jazia no sepulcro, fortalecida unicamente pela fé e pela esperança, foi a única entre todos os discípulos a esperar vigilante a Ressurreição de Cristo; ser *sinal*, com a sua cadência semanal, que a Virgem está constantemente presente e operante na vida da Igreja” Também a piedade popular é sensível à valorização do sábado como dia de Santa Maria. Não é raro o caso de comunidades religiosas e associações de fiéis, cujos estatutos prescrevam que todos os sábados se prestem homenagens especiais à Mãe do Senhor, por vezes com exercícios de piedade compostos de propósito para aquele dia»²¹⁸.

A Liturgia das Horas é outra das apostas ganhas e postas em prática nos Santuários. Além de ajudar as pessoas a integrarem-se na oração universal da Igreja, esta tarefa exige um grande empenho por parte dos responsáveis pela pastoral, no sentido de os fiéis descobrirem a sua beleza. «A paragem num santuário

²¹⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a Piedade popular e a Liturgia*, 268.

²¹⁸ *Ibidem*, 188.

– tempo e lugar favoráveis para a oração pessoal e comunitária – constitui uma ocasião privilegiada para ajudar os fiéis a apreciar a beleza da liturgia das horas e a associar-se ao louvor diário que, no decurso da sua peregrinação terrena, a Igreja eleva ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo»²¹⁹.

Não se tratando de uma oração exclusiva dos religiosos ou dos leigos consagrados, mas de todos os batizados, a oração comunitária é de grande riqueza no louvor perene a Deus. Consequentemente, orar desta forma é estar em comunhão espiritual com outros batizados que rezam a mesma oração com os outros. Na verdade,

«A liturgia das horas alarga aos diferentes momentos do dia o louvor e acção de graças, a memória dos mistérios da salvação, o antegozo da glória celeste, contidos no mistério eucarístico, “centro e vértice de toda a vida da comunidade cristã”.

A própria celebração eucarística tem na liturgia das horas a sua melhor preparação, porque esta suscita e nutre da melhor maneira as disposições necessárias para uma frutuosa celebração da Eucaristia, quais são a fé, a esperança, a caridade, a devoção, o espírito de sacrifício»²²⁰.

A inclusão da oração de laudes e das vésperas antes da Eucaristia deverá operar a sua valorização, mediante a preparação de uma cerimónia mais solene, com meditações e salmodia cantada, sempre que possível, e, sobretudo, antes ou no próprio dia da festa e solenidade de Nossa Senhora como

«Fruto concreto e desejável do ano mariano poderá estabelecer, ou o restaurar o costume, de se cantarem as vésperas nos domingos e nas festas de Nossa Senhora, tendo-se caído na conta do valor litúrgico desta acção cultural. (...) É sabido que, para facilitar o cântico das

²¹⁹ *Ibidem*, 217.

²²⁰ INSTRUÇÃO GERAL SOBRE A LITURGIA DAS HORAS, nº 12, in Liturgia das Horas segundo o Rito Romano. Ofício Divino reformado segundo os Decretos do Concílio Vaticano II e promulgado por Paulo VI, I: Advento Natal, 28.

vésperas dominicais pelo povo, se pode usar sempre o mesmo esquema salmódico. E as vésperas da Santíssima Virgem são compostas de elementos fáceis e belos. Na maior parte deles os salmos, cânticos, *Magnificat*, oração do Senhor e preces, são idênticos em todas as festas de Maria Santíssima, e portanto, mais facilmente se podem juntar no património dos conhecimentos litúrgicos dos fiéis»²²¹.

Então, os exercícios pios identificam-se muito com o povo, que expressa o seu modo de orar a Deus por meio de Maria através do terço, ladainhas, vias-sacras e jaculatórias. Não por acaso, no espaço que rodeia o templo encontramos cruces, em cujo centro está gravado, em numeração romana, o número da via-sacra. Estes elementos estão espalhados por todo o bosque, gerando uma harmonia perfeita entre a oração e a natureza. Note-se que o exercício pio deverá ser celebrado na quaresma. De onde facilmente se infere que a cruz simboliza, ainda, o sacrifício, em dádiva de amor total e livre, de Jesus Cristo por todo aquele que n'Ele crê. «A *via-sacra* é um caminho, traçado pelo Espírito Santo, fogo que ardia no coração de Cristo (cf. Lc. 12, 49-50) e impele para o calvário; é um caminho dos acontecimentos dos últimos dias do seu Esposo e Senhor»²²². Deste modo, podem os cristãos associar-se aos sacrifícios de Jesus na cruz. Além disso, existe a *Via Matris*, não muito conhecida, uma devoção que deve portanto ser vivida nos Santuários marianos e dada a conhecer aos cristãos devotos de Nossa Senhora. Com efeito,

«O exercício piedoso da *Via Matris* harmoniza-se bem com algumas temáticas próprias do itinerário quaresmal. Na verdade, sendo a dor da Virgem causada pelo facto de os homens rejeitarem Cristo, a *Via Matris* remete incessante e necessariamente para o mistério de Cristo servo sofredor do Senhor (cf. Is 52, 13-53,12), rejeitado pelo seu povo (cf. Jo

²²¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Orientações para o Ano Mariano*, 50.

²²² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a Piedade popular e a Liturgia*, 133.

1, 11; Lc 2, 1-7; 2, 34-35; 4, 28-29); Mt 26, 47-56; Act 12, 1-5). E remete também para o mistério da Igreja: as estações da Via Matris são etapas daquela caminhada de fé e de dor, na qual Virgem precedeu a Igreja e que esta deverá percorrer até ao fim dos séculos. A *Via Matris* tem como a expressão máxima a Pietà “Piedade”, tema inesgotável da arte cristã desde a Idade Média»²²³.

Embora alguns afirmem que a oração do rosário (cf. MC 42) é a oração dos não literatos, quem reza adequadamente o terço coloca em cada recitação da Ave-Maria muito amor. Assim sendo, as pessoas devem ser auxiliadas a orar de modo adequado e a valorizarem esta oração todos os dias, mas mais ainda em períodos como o mês de Maio, ou mês de Maria, e o mês de Outubro, intitulado mês de invocação à Nossa Senhora do Rosário. De resto, a pensar na pastoral dos Santuários, das paróquias e dos leigos, o Santuário tenciona criar subsídios de apoio à meditação do terço, colocando à disposição dos visitantes panfletos e estudos sobre a arte de bem orar a Maria, o que auxilia o modo de recitar a referida oração.

Para além disto, as novenas a Nossa Senhora são práticas regulares no alto da Penha, mormente por altura da grande peregrinação, que

«Precisamente por ser um momento culminante, a festa é geralmente precedida de um tríduo, de um septenário ou de uma novena. Estes “tempos modos da piedade popular” devem desenrolar-se de harmonia com os “tempos e modos da Liturgia”. (...) Tríduos, septenários e novenas prepararão verdadeiramente a celebração da festa, se os fiéis forem estimulados a aproximar-se dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, e a renovar o seu empenhamento cristão s exemplo de Maria, a primeira e mais perfeita discípula de Cristo»²²⁴.

O santuário, em parceria com a pastoral juvenil do arciprestado, tem vindo a realizar o habitual encontro de jovens, anualmente, no mês de Junho. Desta forma, é possível aos mais novos tomar conhecimento dos conteúdos da fé mariana, ao

²²³ *Ibidem*, 137.

²²⁴ *Ibidem*, 189.

mesmo tempo que desfrutam da beleza e do ar puro e realizam alegres e vivificantes brincadeiras e actividades próprias da idade. É bem verdade que

«Desde há alguns anos (...) as primeiras horas da manhã do dia 10 de Junho são de peregrinação até ao alto da Penha, para os jovens do arciprestado de Guimarães e Vizela; este ano com a participação de cerca de 150 jovens das paróquias de Lordelo, Conde (S. Martinho), Santo Estêvão de Infias, Nespereira, S. Miguel e Moreira de Cónegos. Este ano – e devido ao mau tempo durante a manhã daquele dia – os jovens congregaram-se na entrada do recinto do santuário e daí caminharam para o seu interior onde foi celebrada a eucaristia, presidida pelo Padre Samuel Vilas Boas, assistente da pastoral juvenil em Guimarães/Vizela»²²⁵.

De resto, a procura de uma Igreja cada vez mais ecuménica está a ganhar vida no arciprestado de Guimarães/Vizela, no âmbito do projecto *Metamorfose*²²⁶, pois

«O modo e método de formular a doutrina católica, de forma alguma, não devem transformar-se em obstáculo para o diálogo com os irmãos. É absolutamente necessário que toda a doutrina seja exposta com clareza. Nada tão alheio ao ecumenismo como aqueles falso irenismo, pelo qual a pureza da doutrina católica sofre detrimento e é obscurecido o seu sentido genuíno e certo.

Ao mesmo tempo, a fé católica deve ser explicada mais profunda e correctamente, de tal modo e com tais termos que possa ser de facto compreendida também pelos irmãos separados.

Ademais, no diálogo ecuménico, os teólogos católicos, sempre fiéis à doutrina da Igreja, quando investigarem juntamente com os irmãos separados os divinos mistérios, devem proceder com amor pela verdade, com caridade e humildade. Na comparação das doutrinas, lembrem-se que existe uma ordem ou “hierarquia” das verdades da doutrina católica, já que o nexó delas com fundamento da fé cristã é diferente. Assim se abre o caminho pelo qual, mediante esta fraterna emulação, todos se

²²⁵ «Peregrinação Juvenil à Penha», in *O Conquistador*, 4.

²²⁶ O projecto *Metamorfose* é um projecto formado por clérigos, leigos e por membros da igreja Evangélica, em Guimarães. O objectivo do projecto é colaborar com a organização de Guimarães, capital europeia da cultura, 2012, e, deste modo, tornar presente Cristo num mundo cada vez mais secular.

sintam incitados a um conhecimento mais profundo e a uma exposição mais clara das insondáveis riquezas de Cristo» (UR 11).

Cristo vive no seio de uma cidade que detém durante o corrente ano o título de Capital Europeia da Cultura 2012. Os leigos conhecedores e amantes da Penha podem então usufruir e fruir dos espaços proporcionados pelo santuário. Disso é exemplo o projecto

«Guimarães a cantar

Integrado no projecto cultural “Metamorfose”, do sector da pastoral de jovens do arciprestado de Guimarães e Vizela, realizou-se na tarde do passado dia 10 de Junho, na Penha, o XXII Guimarães a cantar.

A edição deste ano contou com a participação de alguns grupos e de algumas das canções vencedoras das edições anteriores.

A academia de música de Vizela, com 50 elementos foi um dos grupos convidados a participar naquela tarde de festa que congregou, também jovens cristãos vindos do Algarve, Viseu, Porto e Gaia»²²⁷.

Apesar da difusão da Penha levada a cabo por estes leigos, o Santuário permanece ainda pouco conhecido como local de apoio à pastoral, pois são poucos os grupos de catequese e jovens de outras regiões que o procuram para a realização das suas actividades. Na verdade, a reduzida procura fica a dever-se ao facto de durante várias décadas o santuário não ter podido contar com infra-estruturas apelativas para eventos cristãos desta natureza. Actualmente, contudo, o Santuário já possui as infra-estruturas capazes de responder às necessidades dos agentes pastorais do arciprestado, sendo um excelente local para a realização de actividades com jovens e outros movimentos existentes, um espaço nascido do desejo de todos aqueles que, ainda no século XIX, olhavam para o alto da serra de Santa Catarina, como um local a valorizar e a transformar, colocando-o ao nível de tantos outros espalhados pelo nosso país.

²²⁷ «Guimarães a cantar», in *O Conquistador*, 4.

Se no século XIX o desejo de reflorestação da Penha²²⁸ foi a prioridade, no século XX, foi privilegiada a construção do templo e das vias de acesso ao santuário, das quais a mais conhecida é, sem dúvida, o teleférico. Agora, em pleno século XXI, o foco está na evangelização, um trabalho muito importante para as gerações futuras. Nesse sentido, os agentes pastorais têm realizado a divulgação de todas as valências do Santuário da Penha, demonstrando contínua disponibilidade para auxiliar na evangelização, já que

«O Evangelho de Cristo renova continuamente a vida e cultura do homem decaído, e combate e elimina os erros e males nascidos da permanente sedução e ameaça do pecado. Purifica sem cessar e eleva os costumes dos povos. Fecunda como que por dentro, com os tesouros do alto, as qualidades de espírito e os dotes de todos os povos e tempos; fortifica-os, aperfeiçoa-os e restaura-os em Cristo. Deste modo, a Igreja, só com realizar a própria missão, já com isso mesmo estimula e ajuda a civilização, e com a sua actividade, incluindo a litúrgica, educa a interior liberdade do homem» (GS 58).

²²⁸ Cf. E. PINTO – P. BARROSO, *Penha Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 259.

CONCLUSÃO

Desta reflexão sobre o fenómeno religioso do santuário destaca-se que o ser humano busca um sentido último da existência. Finito e contingente, procura o transcendente como meta a atingir. Com efeito, a luta interior inerente à condição humana convida-o a visitar lugares desertos no meio de florestas.

O Santuário da Penha nasceu da naturalidade da busca de um lugar de encontro com Deus que Guilherme Marino experimentou no século XVIII. No entanto, foi o povo Vimaranense que lhe deu uma nova vida na segunda metade do século de XIX, embora também auxiliado pelos ventos originados em Roma, que contribuíram para a proclamação do dogma da Imaculada Conceição, no dia 8 de Dezembro de 1854, já testemunhado pela *lex orandi lex credendi* do povo de Deus. Tanto a edificação da estátua do Papa Pio IX como a construção do templo, efectivamente, indicam o caminho para Maria. Assim sendo, o dogma veio instituir o que a gente de Guimarães há séculos sentia no seu mais íntimo. Muitos acontecimentos quase destruíram a estátua, por vários meios, embora todos em vão, mantendo-se este lugar como um abrigo seguro para quem anda em busca de Deus.

Convocando a letra de um cântico escutista: «Pelos vales, rios e montanhas/sempe ligeiro escuteiro vai», assim também o peregrino vai ao encontro de Deus. Eis a verdadeira condição do crente: caminhar do exterior para o interior e do interior para Deus. É dentro do ser humano que nasce o desejo de infinito. A Bíblia fala desses heróis, homens que realizaram caminhadas de abandono total apenas porque confiaram no abandono total em Deus: Abraão, Moisés, Maria, Paulo, e outros homens e mulheres que sempre procuraram estar a caminho para Deus.

Mais, quem se põe a caminho, procura levar o essencial: a Palavra de Deus, o suficiente para responder às fadigas do espírito e o pão para responder às fadigas do corpo. Para tal, o peregrino encontra abrigo nos albergues onde recarrega energias para mais uma etapa da caminhada. Além disso, aquele que caminha nunca vai só; há sempre um irmão que está a caminho do mesmo santuário, que com ele partilha as dificuldades da viagem.

A peregrinação ao Santuário da Penha é algo vivo em Guimarães e nos arceprestados vizinhos que também se associam a esta manifestação religiosa e compõe-se de uma série de elementos: «a viagem, a promessa, o andar a pé, o fazer grupo, o visitar o santuário, o entrar no limiar, o ver o mundo como unidade, o partilhar o farnel, o alargar os contactos»²²⁹. Milhares de pessoas sobem então juntas a serra de Santa Catarina para esse encontro com Deus, sempre acompanhadas por Nossa Senhora, a Mãe de todos os crentes. Na verdade, na celebração da Eucaristia, unidos em volta do mesmo altar, da Palavra e do Pão, não há cristãos individualmente, mas em comunhão.

Cada vez mais os santuários dão formação aos crentes. Esta realidade tem a ver com o facto de a sociedade pós-moderna viver em constante movimento. Longe vai o tempo em que os fiéis estavam ligados às paróquias onde residiam; hoje, as pessoas buscam a tranquilidade e a serenidade fora do seu ambiente habitual. Basta visitar os santuários à nossa volta e observar quantos buscam essa tranquilidade. Os santuários são catecismos vivos. Neste sentido, se compreende a frequente busca do sacramento da reconciliação e da Eucaristia, que o Santuário da Penha oferece e para que contribui com horários de visita adequados. A paz interior e o desejo de formação movem o peregrino, alcançados, pacificam-no. Neste sentido, todos os

²²⁹ A. DE PINHO, «Santuários Marianos e Evangelização», 197.

esforços foram envidados para a remodelação das vias de acesso e restantes espaços.

Mas o Santuário que Deus mais quer habitar não tem edifícios nem jardins, é o coração de todas as criaturas. Portanto, o coração infinito de Deus desce ao coração finito do Homem e transforma a sua finitude em eternidade.

É esta beleza de Deus que encanta. Conhecer o Santuário da Penha, enamorar-se pela beleza humana de Jesus Cristo que salva, verter vida para dentro do ser em Cristo, testemunhar perante os irmãos que é Cristo que vive em cada um, eis o que oferece o Santuário.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

AA. VV., *Santuário de N.ª S.ª da Penha, Simpósio Mariológico*, Barrosa e Xavier, Lda. Artes Gráficas, Braga, 1994.

PINTO, Elisabete – BARROSO, Paulo, *Penha: Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, Orgal impressores, Guimarães, 2005.

Bibliografia complementar

«A peregrinação momento original de catequese eclesial», in *L'osservatore Romano* (9 de Novembro de 1980), Vaticano.

«Centro Apostólico Mater Ecclesiae», in *Diário do Minho* (29-08-1969), Braga.

«Do alto da Penha o apelo a S. Torcato», in *Comércio de Guimarães* (16 de Setembro de 1993), Guimarães.

«Guimarães a cantar», in *O Conquistador* (15 de Junho de 2012), Guimarães.

«Manifestação de fé ganha adeptos de ano para ano», in *Jornal Notícias de Guimarães* (16 de Setembro de 2011), Guimarães.

«Penha», in *O Conquistador* (18 de Setembro de 1958), Guimarães.

«Peregrinação Juvenil à Penha», in *O Conquistador* (15 de Junho de 2012), Guimarães.

«Teleférico momento histórico ao querer Vimaranense», in *Jornal Notícias de Guimarães* (30 de Junho de 1995), Guimarães.

AA. VV., *Do alto da Penha canto a Maria*, Edição da Irmandade de Nossa Senhora da Penha, Guimarães, 1993.

AA. VV., *O Culto a Maria hoje*, Edições Paulinas, São Paulo, 1983².

ALÇADA BAPTISTA, António, *O Riso de Deus*, Presença, Lisboa, 1994.

ALVES, Herculano, «A Palavra de Deus Na Vida e na Missão da Igreja», in *Bíblica* 18 (2009), Difusora Bíblica, 139 – 184.

-----, «Os Santuários no Antigo Testamento», in *Bíblica* 16 (2007), Difusora Bíblica, 81 – 132.

BENEDICTUS PP. XVI, Adhortatio apostolica postsynodalis «Verbum Domini», in *AAS*, 102 (2010), 683-684.

BORGES, José, *O Sameiro Solar da Imaculada*, Tipografia Tadinense, Braga, 2004².

CARREIRA DAS NEVES, Joaquim, *São Francisco de Assis Profeta da Paz e da Ecologia*, Editora Vozes Lda., Petrópolis Brasil, 1992.

CASTIÇO, Fernando, *Memoria Historica do Sanctuario do Bom Jesus do Monte*, Typographia Camões, Braga, 1884.

CATECHISMUS CATHOLICAE ECCLESIAE, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 1997.

COMBY, Jean, *Para ler A História da Igreja*, vol.1, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1997³.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *O Santuário memória, presença e profecia do Deus vivo*, Paulinas, Lisboa, 1999.

COUTO, António, *Uma Palavra é melhor do que um Presente*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2009².

CRESPO, João Diogo, «A crença do povo na Imaculada Conceição», in *Segundo Congresso Mariano Nacional*, Escola Tipográfica da Oficina de S. José, Braga, 1954, 631 – 638.

DA MOREIRA COSTA SANTOS, Manuel, *Povo de Deus: Carismas/ Sensus Fidei, pro manuscriptum*, Braga, 2009.

DA SILVA ARAÚJO, Domingos, «Poesia do Sameiro», in AA. VV., *Os Caminhos de Maria, Nos Caminhos para Deus*, Universidade Católica, Braga, 2006, 217 – 244.

DA SILVA LIMA, José, «O Santuário como fenómeno religioso», in AA. VV., *O Presente do Homem o Futuro de Deus, Congresso Internacional de Fátima*, Gráfica Almondina, Fátima, 2004, 25 – 44.

-----, «Pastoral dos Santuários», in AA. VV., *Os Caminhos de Maria nos Caminhos para Deus*, Tipografia Tadinense, Braga, 2006, 167 – 186.

-----, *A Peregrinação Percursos e Palavras*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2007.

-----, *Entre Rezas & Romarias Piedade Popular e Prática Pastoral*, Universidade Católica, Lisboa, 2011.

DE ALMEIDA, Fortunato, *História da Igreja em Portugal*, Portucalense Editora SARL, Vol. I, Porto, 1967.

-----, *História da Igreja em Portugal*, Vol. III, Portucalense Editora SARL, Porto, 1967.

DE OLIVEIRA, Miguel, *Fátima altar do mundo*, Ocidental Editora, Porto, 1953.

-----, *História Eclesiástica de Portugal*, Publicações Europa-América, Sintra, 2001².

De VASCONCELOS, Evaristo, «Maria na sua Imaculada Conceição», in *Segundo Congresso Mariano Nacional*, Escola Tipográfica da Oficina de S. José, Braga, 1954, 233 – 246.

DENZINGER, Henricus, *Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de rebus fidei et morum*, Herder, Roma, 1965.

DIAS MENDES, Maria Julieta, «Maria de Nazaré, templo do Espírito Santo», in *Bíblica* 16 (2007), 143 – 152.

DIAS NOGUEIRA, Eurico, «Ano Santo na Penha de Guimarães», *Acção Católica*, 6 (1983), 524 – 528.

DIAS, Antonino, «Os santuários, lugares de Evangelização», in *Bíblica* 16 (2007), 63 – 80.

DOS SANTOS VAZ, Armindo, «Ecologia e criação, à luz de Génesis», in *Bíblica* 15 (2002), 119 – 142.

DOTTI, Clemente, «Os acolhedores: sentinelas do Santuário», in António Corrêa de OLIVEIRA (org.), *O Santuário, iniciativa Divina em favor dos Homens*, Gráfica Almondina, Fátima, 2007, 133 – 154.

DUQUE, João Manuel, *Homo Credens – Para uma Teologia da Fé*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004^{2ª}.

-----, «Maria: Santuário de Deus entre os Homens», in AA. VV., *Os Caminhos de Maria, Nos Caminhos para Deus*, Universidade Católica, Braga, 2006, 39 – 50.

FÉLIX CARVALHO, Joaquim Augusto, *Sacramentologia Iniciação, Cura e Serviço, pro manuscriptum*, Braga, 2011.

FÉLIX DUQUE, José, *Dona Beatriz da Silva Vida e Obra de uma mulher forte*, Labyrinthus, Lisboa, 2008.

G. D'OLIVEIRA GUIMARÃES, João, *Guimarães e Santa Maria, História do Culto de Nossa Senhora no Concelho de Guimarães*, A. J. da Silva Teixeira, Herdeiros, Porto, 1904.

H. ROCHA PEREIRA, M., «Olimpo», in AA. VV., *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira da Cultura*, Vol. 21, Edição Século XXI, Braga, 2001, 685.

HEINZ-MOHR, Gerd, *Dicionário dos Símbolos, Imagens e sinais da arte cristã*, Paulus, São Paulo, 1994.

Instrução geral sobre a liturgia das horas, nº 12, in *Liturgia das Horas segundo o Rito Romano. Ofício Divino reformado segundo os Decretos do Concílio Vaticano II e promulgado por Paulo VI*, I: *Advento. Natal*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2003⁵, 21 – 92.

JOANNES PAULUS II, Litterae encyclicae «Redemptoris Mater», in AAS 78 (1987), 361 – 433.

LARRAÑAGA, Ignacio, *O silêncio de Maria*, Paulinas, Prior Velho, 2002.

LOPES, Morgado, «O Santuário, na Bíblia: vivência e memória», in *Bíblica* 16 (2007), 37 – 62.

MANICARDI, Luciano, *A Caridade dá que fazer*, Paulinas, Prior Velho, 2011.

MARQUES, José, «História no Santuário do Sameiro», in AA. VV., *Os Caminhos de Maria nos Caminhos para Deus*, Tipografia Tadinense, Braga, 2006, 103 – 134.

MATOS FERREIRA, António, «Inculturação e Evangelização», in *Bíblica* 12 (2003), Difusora Bíblica, 175 – 182.

MATTOSO, José, «O tempo hispânico e a “invenção” de São Tiago», in *Communio*, Ano XIV, Lisboa, 1997, 363 – 374.

MERINO, José António, *João Duns Escoto*, Editorial Franciscana, Braga, 2008.

MONTEIRO, Joaquim, «A Eucaristia, Páscoa semanal: aspectos pastorais», in *Bíblica* 9 (2000), 205 – 230.

MORAIDI, Luigi, *Apocrifi del Nuovo Testamento*, Edizioni Piemme, Vol. 1, Asti, 1996².

MORREIRA COSTA SANTOS, Manuel, «O homem peregrino», in AA. VV., *Santuário de N.ª S.ª da Penha, Simpósio Mariológico*, Barrosa e Xavier, Lda., Artes Gráficas, Braga, 1994, 157 - 171.

MOUGA POÇAS SANTOS, Maria da Graça, *Espiritualidade. Turismo e Território*, Princípia, Lisboa, 2006.

ORTIGA, Jorge, «Os santuários tomam conta da Palavra», in *Acção Católica*, 10 (2008), 1267 – 1271.

PAULUS VI, Adhortatio apostolica «Evangelii Nuntiandi», in *AAS* 68 (1976), 5 – 76.

-----, Adhortatio apostolica «Marialis Cultus», in *AAS* 66 (1974), 113 - 168.

PEREIRA, F. Micael, «A peregrinação, fenómeno humano e religioso», in *Communio*, Ano XIV, Lisboa, 1997, 316 – 328.

REBELO QUINTEIRO, Joaquim Moisés, «Piedade Popular mariana», in AA. VV., *Os caminhos de Maria nos caminhos para Deus Congresso Mariano*, Tadinense - Arte Gráfica, Braga, 2004, 157 – 166.

RIES, Julien, «O Universo das peregrinações. Aspectos religiosos e culturais», in *Communio*, Ano XIV, Lisboa, 1997, 310 – 315.

RUGGLES, Robin, *Os santuário das aparições*, Paulinas Editoras, Lisboa, 2000

S. João DA CRUZ, *Obras Completas*, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 2005.

SACROSSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio Dogmatica «Divina Revelatione», in *AAS* 58 (1966), 817 - 835.

-----, Constitutio Dogmatica «Sacrosanctum Concilium», in AAS 56 (1964), 97 - 138.

-----, Constitutio Dogmatica «Gaudium et Spes», in AAS 58 (1966), 1025 - 1115.

-----, Decretum de Oecumenismo «Unitatis Redintegratio», in AAS 57 (1965), 90 - 107.

SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, tradução e revisão do texto de CRAVEIRO DA SILVA, Lúcio – COUTO, Elias, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990¹³.

SILVA, Adelino, «Penha, Centro da Devoção Mariana», in AA. VV., *Santuário de N.ª S.ª da Penha, Simpósio Mariológico*, Barrosa e Xavier, Lda. Artes Gráficas, Braga, 1994, 107 – 132.

WEBGRAFIA

S/a, «Monte do Gozo», <http://camino.xacobeo.es/pt-pt/pontos-de-interesse/monte-do-gozo> (18 de Junho de 2012).

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS, «Um Movimento da Igreja Católica. A dimensão espiritual e a formação cristã», <http://www.cne-escutismo.pt/Escutismo/CorpoNacionaldeEscutas/tabid/53/Default.aspx> (25 de Agosto de 2012)

S/a, «A saudação de Paz e Bem»,
<http://www.franciscano.org.br/seminario/simbolosfranciscanos/A%20sauda%C3%A7%C3%A3o%20de%20Paz%20e%20Bem.pdf> (10 de Setembro de 2012).

POLICARPO, D. José, «Conferência no VII Simpósio Nacional do Clero»,
<http://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?id=1965> (7 de Setembro de 2012).

Pio XII, «*Non Mai Forse* sobre o ano Santo de Deus»,
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/speeches/documents/hf_p-xii_spe_19491224_radiomessage-holy-year_po.html (30 de Agosto de 2012).

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, «O Santuário – Memória, Presença e Profecia do Deus vivo»,
http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_19990525_shrine_po.html (21 de Novembro 2011).

ÍNDICE

SIGLÁRIO	2
INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I - O SANTUÁRIO	7
1. Lugar de encontro.....	9
2. Origem do Santuário Mariano da Penha	12
2.1. <i>Do ermitão ao grande templo</i>	<i>14</i>
2.2. <i>Da crença do Povo de Deus à definição dogmática da Imaculada Conceição.....</i>	<i>25</i>
2.3. <i>Correspondência trocada entre Pio IX e o Arcebispo de Braga, sobre a devoção à Imaculada Conceição</i>	<i>40</i>
2.4. <i>Proclamação do dogma da Imaculada Conceição</i>	<i>43</i>
3. Recepção do dogma na diocese de Braga.....	44
3.1. <i>Construção do monumento no monte do Sameiro à perpétua memória do dogma.....</i>	<i>45</i>
3.2. <i>Recepção do dogma em Guimarães</i>	<i>48</i>
3.3. <i>Construção do monumento, na Penha, à memória do dogma da Imaculada Conceição e da infabilidade Papal</i>	<i>49</i>
CAPÍTULO II - A PEREGRINAÇÃO	51
1. Ser humano como ser que peregrina.....	54
2. O peregrino a caminho do Santuário	59
3. Chegada do peregrino ao Santuário.....	63
4. Peregrinação ao Santuário da Penha	65
CAPÍTULO III - IMPORTÂNCIA DOS SANTUÁRIOS NA VIVÊNCIA DA FÉ: BALANÇO E PERSPECTIVAS	78
1.A importância dos Santuários nos dias de hoje	79
1.1 <i>O meio envolvente ao santuário.....</i>	<i>79</i>

<i>1.2 Papel dos santuários na evangelização.....</i>	<i>85</i>
2. Contributos do santuário da Penha para a pastoral em Guimarães: rumo ao futuro.....	95
CONCLUSÃO	95
BIBLIOGRAFIA.....	110
WEBGRAFIA	118